
CPAD
TEOLOGIA PENTECOSTAL NA HARPA CRISTÃ
A CONTRIBUIÇÃO DO HINÁRIO NA FORMAÇÃO DA DOUTRINA PENTECOSTAL EM NOSSO PAÍS
ROBERTO FERREIRA


CPAD
TEOLOGIA PENTECOSTAL NA HARPA CRISTÃ
A CONTRIBUIÇÃO DO HINÁRIO NA FORMAÇÃO DA DOUTRINA PENTECOSTAL EM NOSSO PAÍS
ROBERTO FERREIRA

TEOLOGIA PENTECOSTAL **NA HARPA CRISTÃ**

A CONTRIBUIÇÃO DO HINÁRIO NA FORMAÇÃO DA DOUTRINA PENTECOSTAL EM NOSSO PAÍS

ROBERTO FERREIRA

TEOLOGIA PENTECOSTAL **NA HARPA CRISTÃ**

A CONTRIBUIÇÃO DO HINÁRIO NA FORMAÇÃO DA DOUTRINA PENTECOSTAL EM NOSSO PAÍS

CPAD

Rio de Janeiro
2022

Todos os direitos reservados. Copyright© 2022 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento

Revisão: Daniele Pereira

Capa: Joab Santos

Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes

Conversão para Epub: Cumbuca Studio

CDD: 230 – Cristianismo

ISBN: 978-65-5968-119-8

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: https://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2022

Tiragem: 3.000

Sumário

Introdução

CAPÍTULO 1

Construção da Teologia Pentecostal

Desenvolvimento da Teologia Protestante

Reforma Luterana

Reforma Suíça

O Metodismo

A experiência de John Wesley

A teologia de John Wesley19

Período dos Avivamentos na América do Norte

Ênfases doutrinárias da teologia armínio-wesleyana

Influência pietista no comportamento: o rigorismo moral

A Teologia Pentecostal como Síntese

Pentecostalismo estadunidense

Pentecostalismo brasileiro

CAPÍTULO 2

Consolidação do Hinário Pentecostal

A Música na Liturgia Cristã

A evolução da música cristã protestante

A música cristã no Brasil

Primeiro Hinário em Português no Brasil

A Música como Instrumento de Evangelização e Doutrinamento no Cristianismo

A hinódia do protestantismo de missão no Brasil

O desafio dos missionários: o analfabetismo

O Salmos e Hinos não se Adéqua à Realidade Assembleiana

O empreendimento Harpa Cristã: um hinário pentecostal

Origem dos cantos: hinódia escandinava em destaque

O que ficou de outros hinários?

Características da Harpa Cristã

Classificação dos hinos

CAPÍTULO 3

Uma Hinódia tipicamente Pentecostal

Ênfases Teológicas Comuns a todo Protestantismo

A Bíblia como única regra de fé e prática

Justificação pela fé

Somente a graça de Deus

A grande ênfase cristológica: Jesus salva

Somente a Deus toda a glória

Credo Trinitariano

Ênfases da Teologia Armínio-Wesleyana

O amor de Deus por todos os homens pecadores

O perdão gracioso pela aceitação por meio da fé

O sacrifício expiatório de Jesus Cristo

Pecado original e depravação total

A vida regenerada visível na ética social

Ênfases Teológicas Pentecostais

A experiência da conversão

Pneumatologia pentecostal

Batismo no Espírito Santo: revestimento de poder para o serviço

Hermenêutica pentecostal

A extensão da expiação sob a perspectiva somática: Jesus cura

A irrupção sobrenatural de Deus na história: Jesus voltará

Considerações Finais

Referências Bibliográficas

Introdução

“N ós abrimos este culto em Teu nome, ó Jesus Cristo!” (HC 243). É desse modo que, tradicionalmente, as Assembleias de Deus e igrejas pentecostais de mesma fé e prática abrem os cultos regulares para adorar a nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Para introduzir este trabalho, gostaria de tecer alguns comentários iniciais com o intuito de mostrar a legitimidade ou, quiçá, a importância da abordagem que faremos desse tesouro do pentecostalismo clássico brasileiro que está próximo de completar 100 anos de existência: a Harpa Cristã .

Há uma frase que aprendi no decorrer de minha vida de pesquisador: “A melhor maneira de conhecer a crença de um grupo é pesquisando as suas músicas”. Assim, com o fato de eu ser pastor de uma igreja Assembleia de Deus e vivenciar as lidas do ministério, percebi que muitos irmãos simplesmente não conhecem os cantos de nossa hinódia. E o que me causa mais perplexidade é que para muitos os hinos estão “ultrapassados”. Pensei comigo: “A mensagem do Evangelho mudou?”; “Jesus Cristo não é o mesmo ontem, hoje e eternamente?” (Hb 13.8); “então por que os hinos da Harpa Cristã não estão mais fazendo sentido para alguns?” Ao buscar respostas para minhas indagações, percebi duas coisas: 1) a maior parte das pessoas é contagiada pelo ritmo e não presta atenção na letra da música; e 2) a teologia triunfalista propagada pelos televangelistas vem criando outra mentalidade teológica em nosso rebanho.

Partindo desses pressupostos, comecei uma luta solitária para o resgate da hinódia. Aprendi a entoar a maior parte dos hinos e iniciamos alguns trabalhos da igreja com os hinos da Harpa Cristã. Venho incentivando os membros da igreja a aprender a entoar hinos diversificados e a entender a mensagem transmitida na letra. Quando percebo dificuldades no entendimento de algumas expressões, como, por exemplo, “primaveril”, “ditoso”, “grei”, etc., explico para as pessoas o sentido e, para minha surpresa, alguns admirados dizem: “Ah, pastor, agora faz todo o sentido para mim!”. Esse exercício de ensino e aprendizagem foi o que me despertou para a teologia pentecostal clássica expressa no hinário, e começou a surgir uma predileção pessoal por esses hinos a tal ponto que a pesquisa tornou-se uma verdadeira consagração de vida. Passei a cantar hinos da Harpa Cristã não somente nos cultos e nas devoções pessoais, como também em momentos de descontração.

Para quem lê estas linhas, saiba que este trabalho foi elaborado com muita reverência, e aquele que vos escreve é alguém que convive com a Harpa Cristã e que a usa nos mais diversos ofícios do ministério (batismo, Ceia do Senhor, funeral, casamento, consagração de obreiros, etc.) e, sobretudo, nas datas festivas do cristianismo (Páscoa e Natal), bem como nas datas festivas da igreja local. Ressalta-se que aquele que vos escreve é um obreiro em plena atividade em uma igreja Assembleia de Deus na Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro, vivenciando com fervor as experiências da fé: orações de consagração, unção dos enfermos, trabalhos de libertação e a experiência do batismo no Espírito Santo com evidência das línguas estranhas. Destaco isso porque, na busca por material de pesquisa, encontrei alguns que foram elaborados por pesquisadores que são observadores externos ao pentecostalismo clássico e, muitas vezes, fazem apontamentos sob a perspectiva da sociologia ou ciências da religião, e grande parte desses pesquisadores não vivencia nossas experiências extáticas. Por isso, é importante existir apontamentos feitos por alguém que está inserido nesse universo e que vivencia as suas experiências na plenitude.

Sobre o trabalho propriamente dito, procedi uma análise minuciosa nos 636 hinos da Harpa Cristã classificando de acordo com o tema teológico que enfatiza. Não foi uma tarefa fácil, pois percebemos que foram apresentados muitos temas teológicos em um mesmo hino. No entanto, pela vivência deste pesquisador, procurei sentir qual o “espírito” da crença manifestada através das estrofes. Feita a classificação dos hinos, procuramos identificar os seus autores para tentar entender as suas motivações ao compor ou traduzir a letra do hino. Destaque para o glorioso trabalho empreendido pelo pastor Paulo Leivas Macalão que resultou na edição revista e ampliada de 1941, com os tradicionais 524 hinos, sendo a primeira edição com música impressa. Esta permaneceu por mais de 50 anos como hinário de todas as Assembleias de Deus do Brasil. São nesses 524 hinos que concentraremos nossa análise, pois os 112 hinos acrescidos na revisão de 1992 representam outra fase do movimento que merece uma pesquisa posterior.

Dividimos este trabalho em três partes: na primeira, realizamos uma pesquisa histórica com a tentativa de mapear as raízes da teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira; na segunda, mostramos como a música serviu de instrumento de evangelização e doutrinamento no cristianismo protestante brasileiro, os principais autores e versionistas que tiveram as suas músicas inseridas na Harpa Cristã, uma síntese histórica sobre a origem da Harpa Cristã, algumas características do hinário, assim como os tipos e classificação dos

hinos; e, na terceira parte, analisamos a teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira expressa na Harpa Cristã sob três perspectivas: (1) ênfases teológicas comum a todo protestantismo, (2) ênfases da teologia armínio-wesleyana e (3) ênfases teológicas pentecostais.

Um coração agradecido exalta o nome de Jesus; por isso, expresso minha gratidão a Deus, que me possibilitou escrever estas linhas, e aos pastores Marcos Sant'Anna da Silva e Luiz Guatura da Silva Neto, que, ao lerem meu artigo elaborado para a conclusão da Pós-Graduação em Teologia Pentecostal na FAECAD, me incentivaram a publicar um trabalho sobre os hinos da Harpa Cristã. Sendo assim, pela graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, entregamos para o povo assembleiano de todo o Brasil este trabalho inovador que tem por propósito celebrar o centenário de nosso glorioso hinário e, ao mesmo tempo, ensinar às gerações mais jovens a importância dos hinos da Harpa Cristã para a prevalência da Teologia Pentecostal Clássica Assembleiana Brasileira.

"Ao meu Senhor,

Que tenho no meu coração,

Eu dou louvor,

Pois Ele me deu salvação."

(HC 244)

1

-

Construção da Teologia Pentecostal

A ntes de comentarmos sobre a Teologia Pentecostal na Harpa Cristã , é interessante conhecermos a construção dessa teologia. Os pentecostais certamente se identificarão com o acontecimento narrado em Atos dos Apóstolos, capítulo 2, quando, no dia de Pentecostes (daí o termo Pentecostais), os discípulos de Jesus Cristo receberam a promessa do Espírito Santo. Entretanto, analisando a história da teologia cristã, podemos ver que o pentecostalismo, como movimento, é a síntese de outros movimentos que o antecederam.

Uma teologia não nasce pronta! Leva anos para que um desenvolvimento teológico faça parte de uma tradição. Nas Assembleias de Deus do Brasil, por exemplo, somente em 2017 foi elaborada uma Declaração de Fé (e, mesmo assim, só envolveu um segmento assembleiano). No entanto, entre todas as Assembleias de Deus do Brasil (e igrejas pentecostais de mesma fé e prática) os artigos do “Cremos” são uma unanimidade doutrinária.[1] Como se chegou a essas crenças? Como elas foram construídas? Para respondermos essas perguntas, será oportuno fazer uma síntese histórica e trazer algumas definições de cunho teológico.

Desenvolvimento da Teologia Protestante

Quando se fala de protestantismo, o que vem à memória é a Reforma Protestante (1517), em que Martinho Lutero é a figura mais conhecida. Porém, quando se estuda a história da teologia, podemos observar que esse não foi o único movimento de Reforma. Escritores como Roger Olson (OLSON, 2001), por exemplo, destacam quatro vertentes: (1) A Reforma Luterana; (2) A Reforma Suíça; (3) A Reforma Inglesa; e (4) A Reforma Radical.[2] Contudo, para conduzir nossa análise até o ponto em que queremos chegar, faremos algumas sínteses dos assuntos que nos interessam.

Reforma Luterana

O luteranismo[3] sempre foi conservador como movimento. A mentalidade luterana é católica (universal) e evangelical (insistindo num relacionamento pessoal com Jesus Cristo). Isso é referente ao aspecto teológico; contudo, no nível dos leigos, a natureza litúrgica leva quase sempre a uma ortodoxia mais ligada ao credo do que em uma fé pessoal viva. Está firmado na tradição trinitária e cristológica dos séculos IV e V e no conceito agostiniano do pecado e os seus efeitos (herança esta partilhada por quase todos os ramos do protestantismo). A sua síntese consiste nos "solas": sola gratia (somente a graça), sola fide (somente a fé), sola scriptura (somente a Escritura), sola Christus (somente Cristo) e soli Deo gloria (Glória somente a Deus).

A partir do luteranismo, surge o pietismo,[4] que consiste em uma reação e rejeição à ortodoxia luterana, que se tornou extremamente formal. Os pietistas buscavam despertar e desenvolver a fé pessoal dos crentes. Elaborando uma nova espiritualidade, caracterizada pela interiorização e individualização da fé. Não se satisfazia com a espiritualidade sacramental e institucional, mas procura, dentro ou ao lado da igreja, a vivência da fé em círculos de comunhão. Além disso, davam especial atenção ao modelo neotestamentário de igreja, em que duas coisas vinham em decorrência disso: (1) a ocupação regular com a Bíblia e (2) a participação dos leigos. Em contraposição à ortodoxia fria e racionalista, o pietismo acentuava o afeto e a emocionalidade. O alvo maior do movimento era a edificação do homem interior, e, para isso, era indispensável que ocorresse um novo nascimento. Apesar de Phillip Jakob Spener ser o nome mais conhecido do movimento e ter escrito a Pia Desideria[5], nosso enfoque será o ministério do Conde Nikolaus Ludwig von Zinzendorf.

Zinzendorf foi um pietista fervoroso que acolheu um grupo de exilados provenientes da Boêmia na sua propriedade e tornou-se o bispo e líder espiritual deles. Os irmãos boêmios estabeleceram-se por algum tempo na Morávia e por isso foram chamados de "morávios"[6]. Estes, por influência de Zinzendorf, colocavam a experiência cristã e os sentimentos piedosos no âmago do cristianismo autêntico. A "religião do coração" tornou-se o ideal pelo qual os

morávios lutavam com empenho. Concentravam a sua adoração e a sua vida devocional nos sofrimentos de Jesus Cristo, em que a pregação sobre a figura do Cristo sofredor substituía a liturgia e teologia formais. As suas reuniões eram geralmente tranquilas, pois não apoiavam explosões emocionais ou excessos, e a demostração mais emotiva talvez fosse o choro silencioso com a contemplação do Cristo crucificado. Sem dúvida, Zinzendorf revelava tendências ao emocionalismo e ao anti-intelectualismo, mas nunca encorajou nem aceitou o fanatismo ou o obscurantismo. O que temos de lembrar é que a sua ênfase na intimidade com Jesus de maneira experimental e não doutrinária, como verdadeiro âmago do cristianismo autêntico, permeou e misturou-se com boa parte do cristianismo em avivamentos espirituais posteriores.

Reforma Suíça

A partir desse movimento de reforma, surge o calvinismo[7] (conhecido também como Teologia Reformada), que se refere à tradição teológica associada com duas vertentes: (1) a Reforma Franco-Suíça, de Genebra, liderada por João Calvino, e (2) a Reforma Germano-Suíça, que nasceu durante o ministério de Ulrico Zwínglio e amadureceu com Heinrich Bullinger. O que nos interessa como base para desenvolver nossa análise é entender as principais ideias de João Calvino. Uma delas é a respeito do ser humano, pois, para ele, o ser humano era totalmente incapaz ou mesmo desprovido do desejo de praticar a justiça por causa da queda de Adão (pecado original). É Deus que sempre toma a iniciativa de salvar o ser humano, e este não tem parte nenhuma nesse processo (monergismo);[8] é totalmente passivo. A predestinação é a decisão de Deus sobre o destino eterno de cada ser humano. Calvino segue a ideia de Agostinho, que a entendia não apenas como o ato de Deus escolher quem receberia a vida eterna, mas também quem estaria perdido para sempre. O puritanismo[9] foi a reação dos calvinistas ingleses ao "Acordo Elisabetano",[10] também conhecido como "Lei de Uniformidade Elisabetana", que permitia uma teologia moderadamente protestante sob a forma de governo eclesiástico e liturgia moderadamente católica. Os calvinistas ingleses exigiam que as formas de culto fossem purificadas (daí o termo puritano) dos vestígios do catolicismo, tornando a liturgia mais simples e mais adequada à Teologia Reformada. O puritanismo vai florescer com força na América do Norte (até então uma colônia inglesa) principalmente no Seminário de Princeton. O que nos interessa saber é que o puritanismo dava grande ênfase à conversão; no entanto, a perspectiva não era a mesma dos pregadores avivalistas do século XIX (e tampouco dos pentecostais), pois a Teologia Puritana (que era calvinista em essência) entendia que a pessoa voltava-se para Deus por um ato divino, ou seja, a pregação alcançava apenas os eleitos.

O arminianismo[11] é a posição de Jacó Armínio e os seus seguidores (conhecidos como remonstrantes[12]) quanto a graça, o livre-arbítrio, a predestinação e a perseverança dos santos. Foi uma reação ao "Escolasticismo Reformado"[13] desenvolvido por Teodoro de Beza. Armínio procurou retornar ao método de

Calvino[14] (analítico e indutivo), que contrastava com o método de Beza (sintético e dedutivo). Ele estava convencido de que o escolasticismo reformado criou um sistema que obscurecia o amor e a graça de Deus pela humanidade e tornava Deus um ser arbitrário e autor do pecado. Optou por um entendimento que via a salvação como resultado da misericórdia divina, em que os seres humanos possuem o livre-arbítrio, e os que respondem com a fé ao chamado do Espírito Santo são os eleitos. A predestinação é condicional, uma vez que a base da eleição é a presciência de Deus. Como consequência do conceito de liberdade humana, veio o ensino de que o ser humano pode abandonar a salvação ao escolher negar a fé; afinal, se alguém é livre para escolhê-lo, também pode rejeitá-lo. Para encurtar e irmos direto ao ponto, a controvérsia entre o escolasticismo reformado e os remonstrantes gerou os cinco pontos que sintetizam a teologia defendida pelos escolasticistas reformados em oposição aos pontos que os remonstrantes questionavam:

Pontos em questão	Escolasticismo Reformado (Calvinismo)
Depravação total	Os seres humanos estão mortos nos seus delitos e pec
Eleição	Deus escolhe alguns seres humanos para serem salvos
Expiação	Cristo morreu somente para salvar os eleitos, e a sua r
Graça	Não é possível resistir à graça de Deus. Os eleitos irão
Perseverança dos santos	Os eleitos perseveram inevitavelmente para a salvaçã

Ainda sobre Jacó Armínio, Roger Olson faz o seguinte comentário:

> Sem dúvida ou questionamento, Armínio é um dos teólogos mais injustamente ignorados e grosseiramente mal interpretados da história da teologia cristã. Tanto ele como sua teologia são “frequentemente avaliados segundo boatos superficiais”. Um comentarista e crítico reformado moderno notou que “a teologia de Jacó Armínio é desprezada tanto por admiradores quanto por difamadores” e disse que Armínio é “um dos doze ou mais teólogos da história da igreja cristã que ofereceu um critério permanente para a tradição teológica e, com isso, transformou seu nome em símbolo de um ponto de vista doutrinário ou confessional específico”, o que torna duplamente irônico que seja ‘um dos principais e também mais desprezados teólogos protestantes’. (OLSON, 2001, p. 466)

Apesar de o arminianismo ter sido condenado como heresia na Holanda por questões políticas, este teve certa aceitação na Inglaterra. O teólogo e apologista Richard Hooker,[15] apesar de crer que a salvação é um ato divino, defendia a responsabilidade pessoal do crente. Dizia que “a validade da eleição do homem para a justificação depende, sim, de seu próprio consentimento; sua vontade é consultada, e nada lhe é concedido, exceto com sua deliberada recomendação e escolha” (SAWYER, 2016, p. 382). John Hales, membro do clero anglicano e professor de grego em Oxford, foi enviado ao Sínodo de Dort e voltou de lá convertido à posição arminiana. Posteriormente, o bispo Gilbert Burnet, em uma publicação que interpretava os 39 artigos da Igreja Anglicana[16], interpretou o artigo XVII, sobre a predestinação, pela perspectiva arminiana. Segundo Antonio Gouvêa Mendonça:

> A partir do fim do século XVI até princípios do século XVIII, o calvinismo da Lei dos Trinta e Nove Artigos, que regia a Igreja Anglicana, foi cedendo lugar ao arminianismo, isto é, a Igreja continuava fiel a ela, mas seus ministros, assim como o laicato, já eram arminianos na prática. (MENDONÇA, 1995, p. 39)

Para seguirmos adiante e fecharmos nossa consideração sobre o arminianismo na Inglaterra, veja o seguinte comentário de M. James Sawyer:

> Enquanto a Igreja lutava por uma posição mediadora entre os conceitos de salvação católico romano e protestante, uma síntese começou a emergir em torno dos temas arminianos da graça e da fé como obra humana. Essas perspectivas tornaram-se fundamentais para o entendimento arminiano da soteriologia, que é sinergista, no sentido de requerer ações tanto de Deus quanto do homem, ou seja, o chamado para a salvação é iniciado por Deus em relação ao homem, mas o homem é livre para aceitá-lo ou rejeitá-lo". (SAWYER, 2016, p. 383, grifo nosso)

Essa ideia sinergista foi fundamental para os desenvolvimentos teológicos posteriores, principalmente no âmbito do Metodismo, que conseguiu desenvolver um arminianismo tingido pelo emocionalismo.

O Metodismo

O Metodismo[17] merece uma consideração destacada em virtude da sua herança teológica nos movimentos de avivamentos que ocorreram em séculos posteriores. Segundo a dica deixada por Stanley M. Horton:

> Com a chegada do reavivalismo, no fim do século XVII e início do século XVIII, na Europa e na América do Norte, os pregadores calvinistas, luteranos e arminianos passaram a enfatizar o arrependimento e a piedade na vida cristã. Qualquer estudo do Pentecostalismo tem de se ater aos eventos desse período, especialmente à doutrina da perfeição cristã ensinada por João Wesley, o pai do Metodismo, e pelo seu assistente, João Fletcher. A publicação por Wesley de A Short Account of Christian Perfection (1760) conclama seus seguidores a buscarem uma nova dimensão espiritual. Essa segunda obra da graça, posterior à conversão, libertaria os crentes de sua natureza moral imperfeita, que os tem induzido ao comportamento pecaminoso. (HORTON, 2002, p. 12)

É exatamente essa análise que estamos empreendendo. O Metodismo e, por conseguinte, o pensamento teológico de John Wesley lançarão as bases para a teologia do Movimento de Santidade na América do Norte e, posteriormente, eclodirá no Movimento Pentecostal.

A experiência de John Wesley

Em uma casa pastoral da Igreja Anglicana em Epworth, nasceu John Wesley em 1703, época em que o seu pai, Samuel Wesley, era o pastor daquela igreja. Foi ali que ele passou os primeiros anos da sua vida, em um ambiente que contribuiu grandemente para formar-lhe o caráter. Por maior que tenha sido a sua influência paterna na formação da alma e do caráter de John Wesley, podemos afirmar, sem dúvida, que o seu crescimento moral e religioso foi, mais propriamente, o fruto do esforço direto e assíduo de Suzana Wesley, sua mãe, uma cristã muito piedosa.[18]

Até aos 10 anos de idade, somente a sua mãe tinha-lhe instruído. Todavia, graças ao patrocínio do duque de Buckingham, o menino ingressou em uma escola de renome, a saber, Charterhouse, em Londres. Suportou com paciência todos os tipos de vexames da parte dos colegas mais abastados. Mais tarde, o jovem estudante entrou no “Christ Church College”, um dos melhores estabelecimentos de cultura superior entre todos os internatos que formavam a Universidade de Oxford. Permaneceu ali até a sua ordenação em 1725. Foi em Oxford que John Wesley uniu-se com Charles, o seu irmão, e outros jovens piedosos e viviam sempre juntos. Por escárnio, os demais estudantes chamavam esse grupo de “o clube dos santos”, e os seus membros receberam a alcunha zombeteira de “metodistas” por causa da metodologia e regularidade com que cumpriam os seus deveres religiosos. O metodismo teve no seu nascedouro um período difícil, pois a Universidade de Oxford, em vez de ser-lhe uma mãe carinhosa, foi-lhe dura e mercenária. Esse avivamento espiritual foi, de início, muito diferente do que havia de ser posteriormente; era místico e, às vezes, ritualista, com tendências a criar uma fraternidade de ascetas mais do que uma poderosa sociedade missionária.

Wesley foi convidado para ser capelão em uma colônia que seria fundada na América do Norte; ele aceitou o convite e foi com o intuito de evangelizar os indígenas. Foi nessa viagem que o rumo da sua vida começaria a mudar, porque, durante uma severa tempestade, teve medo da morte e não se sentia seguro quanto à sua salvação. Nesse ínterim, contemplou um grupo de morávios que

cantavam louvores a Deus tranquilamente e começou a admirar aqueles cristãos fervorosos. Quando chegou à América do Norte, foi visitar um pastor morávio chamado Spangenberg e pedir-lhe conselhos sobre a obra que estava para empreender. “Meu irmão”, o morávio respondeu-lhe, “antes de tudo, devo fazer-lhe uma ou duas perguntas: Você tem em si mesmo o testemunho de Deus? O Espírito Santo tem testemunhado ao seu espírito que você é filho de Deus? Você conhece a Jesus?”. Wesley ficou perplexo com as perguntas, pois estava mais acostumado a ensinar do que a receber instrução. O morávio acrescentou: “Você mesmo o conhece?”. Foram perguntas que o impressionaram muito e fizeram-no perceber que ainda faltava alguma coisa na sua vida.

Depois de um período de frustrações, Wesley voltou da América do Norte oprimido e abatido e, durante a viagem de volta, refletiu muito sobre a sua vida espiritual. Imediatamente depois de desembarcar em Deal em 1738, dirigiu-se a Londres, onde conheceria os sinceros e fervorosos cristãos que o introduziriam no novo caminho que estava resoluto a seguir. Os morávios já lhe haviam feito muito bem; os seus preconceitos de partidário da Igreja Anglicana iam se debilitando pouco a pouco, à medida que ele conhecia cada vez mais a respeito dessa comunidade cujas formas eclesiásticas eram tão próximas da Igreja Primitiva; acima de tudo, tinham sido consideravelmente modificadas as suas ideias religiosas mediante a influência desse cristianismo tão singelamente evangélico.

Com isso, passou a rever certos conceitos e sempre conferenciava com os irmãos morávios acerca das Escrituras. Até que, certo dia, ele teve a sua experiência em uma reunião na rua Aldersgaste, onde ouviu uma preleção acerca do Prólogo de Lutero sobre a Epístola de Paulo aos Romanos. Quando o pregador descrevia a transformação que Deus opera no coração mediante a fé em Cristo, sentiu arder o seu ser de modo estranho. Como ele mesmo disse: “Senti que confiava em Jesus, e nele somente, para a minha salvação; recebi a certeza de que o Senhor tinha apagado os meus pecados e Ele me havia salvado da lei do pecado e da morte”. Se houve algo que efetivou uma transformação radical na vida de um homem, foi, sem dúvida, o que chegou ao seu ponto culminante na vida de Wesley em 24 de maio de 1738. Após isso, Wesley foi à Alemanha para conhecer mais de perto o movimento dos morávios. Passou horas agradáveis na casa do piedoso barão de Watteville. Em Marienborn, perto de Frankfurt, visitou Zinzendorf, líder do movimento, a quem desejava conhecer havia muito tempo. Guardou uma ótima impressão daquele povo fervoroso e estava voltando para a Inglaterra cheio de planos e ideais.

A teologia de John Wesley

[19]

A teologia de John Wesley está expressa nos seus sermões, diário e comentários que ele fez em defesa do seu pensamento teológico. Ao analisar esses escritos, percebemos que o seu pensamento recebe influência de precursores como: Richard Hooker, Jacó Armínio, Nikolaus Ludwig von Zinzendorf e puritanos como Richard Baxter[20] e William Perkins. Na verdade, a teologia de John Wesley é uma produtiva síntese entre o princípio arminiano da responsabilidade pessoal (sinergismo[21] evangélico), da ética puritana e do emocionalismo pietista. Defender o princípio teológico sinergista num momento histórico em que o paradigma protestante tendia para o monergismo foi algo bem inovador. Entretanto, a sua experiência com Deus em Aldergaste fez toda a diferença na sua vida e, a partir dela, moldou o seu pensamento.

Diferentemente dos puritanos, que enfatizavam a glória de Deus, Wesley colocava o amor de Deus no âmago da sua pregação e ensino. Ele entendia que o amor de Deus é estendido a toda a sua criação e que o ser humano é perfeitamente capaz de corresponder à persuasão do Espírito Santo. Ele também considerava as doutrinas calvinistas da eleição incondicional, graça irresistível e dupla predestinação ofensiva ao caráter de Deus, que é amor.

Dois princípios distinguem a sua teologia do protestantismo reformado: (1) o quadrilátero wesleyano[22] e (2) o perfeccionismo cristão.[23] A respeito do quadrilátero wesleyano, embora afirmasse o princípio reformado do sola scriptura, ele entendia que a interpretação bíblica possui quatro autoridades: a Escritura, a razão, a tradição e a experiência. Nem é preciso muita explicação sobre a Escritura; para o protestantismo, a Bíblia é a autoridade e única regra de fé e prática. A respeito da razão, segundo Wesley, não existe contradição entre os descobrimentos da lei natural, pela razão, e os descobrimentos da revelação pela fé; ambos se complementam. A respeito da tradição, Wesley valorizava os escritos dos Pais da Igreja e herdou dos antepassados orientais a rica noção da vida cristã, como uma participação na natureza divina. Até aqui, percebemos a

influência de Richard Hooker na sua teologia. Contudo, sobre a experiência (que podemos chamar de “religião do coração”), observamos a influência de Zinzendorf e dos pietistas (morávios). Sendo assim, o quadrilátero wesleyano é uma ferramenta de interpretação bíblica e de exercício teológico, pois ele insistia em afirmar que ninguém apenas lê a Bíblia, mas também a interpreta quer tenham consciência disso, quer não. Segundo Roger Olson:

> Wesley, ao apresentar seu quadrilátero, estava simplesmente apresentando as ferramentas apropriadas da boa interpretação bíblica e a forma como devem ser usadas. Não estava procurando, de modo algum, restringir a autoridade das Escrituras. A interpretação bíblica e o método teológico apropriado aliam a submissão total à Bíblia como Palavra inspirada de Deus ao respeito pela grande tradição da doutrina cristã, uma postura judiciosa que emprega a lógica, o coração caloroso e a mente iluminada pelo Espírito Santo. (OLSON, 2001, p. 525)

A respeito do perfeccionismo cristão, apesar de crer no princípio reformado do sola gratia et fides, também enfatizava o aspecto experimental da salvação e, afirmava ele, que é possível viver já neste tempo uma perfeição em amor. A sua soteriologia recaía sobre a conversão, incluindo a regeneração, o nascer de novo do Espírito Santo pela fé em Jesus Cristo. Entretanto, o seu ensino mais controverso estava na santificação.

Wesley cria que o indivíduo, ao receber a Jesus Cristo como Salvador, era capacitado pelo Espírito Santo para resistir ao pecado e às tentações. Na sua obra Explicação Clara da Perfeição Cristã, ele faz uma interpretação de 1 João 1.8,9, onde “a verdade que os cristãos são salvos neste mundo de todo o pecado, de toda a injustiça; estão de tal modo perfeitos que não cometem pecados, e ficam livres de maus pensamentos e de mau gênio” (WESLEY, 1984, p. 26). Ele entendia a perfeição cristã nos seguintes termos:

> Consiste em amar a Deus de todo o nosso coração e nossa mente, alma e forças, e implica que nenhuma inclinação má e nada contrário ao amor permanece na

alma, e todo o pensamento, toda palavra e todo o ato sejam governados pelo amor mais puro. A perfeição cristã que se alcança nesta vida é o aperfeiçoamento no amor; os cristãos que, por meio da fé, alcançaram esse estado, não estão livres da ignorância e do erro. Não temos o direito de esperar que um homem seja infalível, assim como de acreditar que seja onisciente. Ninguém está livre das enfermidades e das tentações até que seu espírito retorne a Deus. (WESLEY, 1984, p. 53)

Ou seja, Wesley insinua a possibilidade real de que o cristão podia, e talvez devesse, atingir à “perfeição no amor” nesta vida ou no momento da morte. Contudo, ele era cuidadoso em distinguir esse ensino do que seria a perfeição absoluta. Essa doutrina é passível de várias interpretações e, posteriormente, no metodismo norte-americano, vai ganhar conotações próprias dando origem ao arminianismo-wesleyano.[24]

Período dos Avivamentos na América do Norte

Na história da América do Norte, constatamos um grande fluxo de imigração com fins de povoamento. Nesse ínterim, merece destaque os puritanos que, devido à insatisfação do Acordo Elisabetano, migraram para fundar colônias onde pudessem exercer livremente a sua fé. Eles, todavia, tiveram que conviver com outros segmentos do protestantismo. Devido à influência do racionalismo,[25] as igrejas começaram a perder o vigor espiritual. Foi nesse contexto que ocorreu o chamado "Grande Despertamento".[26]

Esse movimento foi semelhante ao pietismo na Alemanha e ao metodismo na Inglaterra, pois enfatizava uma mudança transformadora, regenerativa, e entendia que a "conversão" era a maneira normal de ingresso em uma igreja. O Grande Despertamento durou cerca de 50 anos (mais ou menos entre 1720 a 1770) e deixou marcas indeléveis nos segmentos protestantes da América do Norte. Merece citação destacada a obra de Jonathan Edwards[27] e dos seus sucessores (Joseph Bellamy, Samuel Hopkins, Jonathan Edwards Jr. e Nathaniel Emmons), pois o seu pensamento teológico prestou grande contribuição à teologia.

Um fator histórico foi o "divisor de águas" na teologia norte-americana: a Revolução nos Estados Unidos. Nesse período, a fé religiosa arrefeceu-se; no entanto, uma grande conquista foi lograda: a liberdade religiosa. Por anos, o cristianismo ocidental tendia para a uniformização e oficialização de um segmento, só que a multiplicidade de organizações religiosas e a grande extensão do território que dificultava um sistema eclesiástico oficial fortaleceram a aceitação da liberdade religiosa como princípio nacional. Assim, a constituição americana, além de oficializar a liberdade religiosa, não estabeleceu uma religião oficial. Sobre esse fato, comenta W. Walker:

A época revolucionária americana foi significativa para a religião, uma vez que as correntes de vida e pensamento que tinham sido movidas pelo Grande

> Despertamento confluíram com outras forças para assinalar uma transição para a liberdade de crença. Isso implicou em um novo contexto para as igrejas, no qual modelos voluntários para a sobrevivência e crescimento tinham que ser adotados por todas. A oficialização da religião que por catorze séculos marcara a cristandade foi abandonada a nível nacional, com profundas consequências para a vida religiosa não apenas na nação recém-independente mas para bem além dela, uma vez que esse “experimento vivo” era atentamente observado. (WALKER, 2006, p. 728)

No fim do século XVIII, em 1792, ocorreu um novo movimento de avivamento que por vezes tem sido chamado de “Segundo Grande Despertamento”[28] que atingiu o seu ápice no início do século XIX, em 1800, sendo que os líderes congregacionais resolveram que certos excessos que marcaram o avivamento anterior não se repetiriam. Porém, nos Estados fronteiriços (Tennessee e Kentucky) ocorreram as manifestações emocionais mais espetaculares nas reuniões de acampamento. Ali, os reavivamentos foram marcados por gritarias emocionais e manifestações físicas. No geral, o novo movimento de reavivamento teve altos e baixos por décadas.

Um produto do despertamento que se tornou o maior expoente foi um jovem advogado do interior do estado de Nova York chamado Charles Grandison Finney.[29] Convertido em 1821, Finney dedicou-se a viagens evangelísticas onde pregava fervorosamente; através da sua pregação, grandes reavivamentos contagiavam várias regiões. Ele organizou os métodos reavivalistas em um modelo ordenado que ficou conhecido como os “novos meios”. A grande novidade disso era um sistema criado para dar resultados. A eficácia dos seus métodos foi demonstrada no reavivamento de 1830–1831 em Rouchester, Nova York. Apesar da oposição daqueles que temiam o emocionalismo da fronteira e os “novos meios” de evangelização, Charles G. Finney invadiu as cidades do leste. Os seus métodos foram amplamente copiados, e, em 1857–1858, um reavivamento de amplitude nacional arrastou milhares para as igrejas. A sua volumosa obra Conferências sobre Teologia Sistemática, publicada pela primeira vez em 1846–1847, apresentou uma teologia de reavivamento.[30]

Entretanto, as alas conservadoras de cada denominação reagiram contra as inovações propostas por Charles Finney, e uma série de cismas começou a ocorrer. Outro fator que acirrou os litígios foi a questão abolicionista.[31]

Conforme a Guerra Civil (1861–1865) aproximava-se, outras igrejas dividiam-se. A primeira metade do século XIX também foi marcada pela ascensão de heresias no meio protestante. Foi nesse período que surgiu o adventismo do sétimo dia, Testemunhas de Jeová e os Mórmons (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias).

Na segunda metade do século XIX (período entre a Guerra Civil e a Primeira Guerra Mundial), a ênfase reavivalista continuou vigorosamente. Destacamos o evangelista leigo Dwight L. Moody, que foi uma força poderosa no protestantismo americano, onde os seus métodos foram largamente copiados e o seu fervor missionário contribuiu sobremaneira com o avanço das missões estrangeiras. Contudo, o impacto das revoluções no pensamento científico e histórico desafiavam as ideias cridas e defendidas pelos protestantes conservadores, como comenta W. Walker:

> Aqueles que foram educados nas noções bíblicas tradicionais sobre a Criação foram abalados pelas novas ideias oriundas dos geólogos por um lado e, por outro, da crítica bíblica. Muitos protestantes reagiram apegando-se com rigidez ainda maior às suas noções de infalibilidade bíblica. Eles estabeleceram uma série de importantes conferências bíblicas para defenderem suas opiniões: Niagara, Winona e Rocky Mountain. Um resumo popular de suas noções tornou-se conhecido como os “cinco pontos do fundamentalismo”: a inerrância verbal das Escrituras, a divindade de Jesus, o nascimento virginal, a expiação substitutiva e a ressurreição física e o retorno corpóreo de Cristo. A causa conservadora foi fortalecida por conferências proféticas, pela fundação de escolas bíblicas e pelas atividades de inúmeros reavivalistas itinerantes. (WALKER, 2006, p. 776)

Em paralelo a isso, ocorreu entre os metodistas americanos um movimento de protesto contra o esquecimento, por parte da Igreja Metodista, do ensino de John Wesley acerca da santificação e santidade; assim nasceu o “Movimento de Santidade”[32] (Holiness), que enfatizava a conversão e a santificação e definiu a santidade como o repúdio a qualquer atividade que aparentasse ser “mundana”. A teologia do holiness lutava para revitalizar nas igrejas o ensino wesleyano da santificação. Através das reuniões realizadas nos acampamentos para a

santificação, enfatizavam o rigor moral e a oposição às tendências liberais. Entretanto, na década de 1880, o movimento causou um cisma no metodismo americano e, com outros contextos denominacionais, formaram congregações separadas que deram origem a um grande número de denominações, sendo a Igreja do Nazareno a mais conhecida. Foi nesse contexto que nasceu a síntese entre o arminianismo e o metodismo wesleyano que ficou conhecida como "Teologia Armínio-Wesleyana".

O arminianismo-wesleyano desenvolveu-se como resposta da sociedade ao enrijecimento do calvinismo puritano. As suas doutrinas da soberania absoluta de Deus e da total incapacidade do homem chocavam-se contra o princípio do desempenho, assim como o da eleição contra o princípio do voluntarismo. Por outro lado, o elitismo calvinista repugnava ao igualitarismo. Esse período foi chamado de "A Era Metodista Americana", pois as ideias e práticas dos metodistas influenciaram as denominações existentes, principalmente as do campo calvinista. Esse processo ficou conhecido como "Arminianização da Teologia Americana".

Como consequência, houve um fervor missionário dos norte-americanos que fez nascer a ideologia do "Destino Manifesto[33]". Logo surgiram várias missões para a América do Sul e, consequentemente, para o Brasil. Esse pensamento teológico, que influenciou as denominações, propiciou uma ampla cooperação entre elas, e a metodologia dos trabalhos era semelhante àquela que foi praticada pelos metodistas ao implantar igrejas no oeste americano chamado "Protestantismo de Fronteira".[34] Assim, o Brasil tornara-se uma espécie de "fronteira" avançada das missões americanas, e o seu modelo de trabalho, a sua teologia e os seus hinos foram transplantados para nosso território (MENDONÇA, 1995, p. 190).

A partir deste ponto, daremos enfoque às missões protestantes que atuaram no Brasil, destacando a influência teológica dos missionários e a vida social dos prosélitos brasileiros.

Ênfases doutrinárias da teologia armínio-wesleyana

Somente para esclarecer e direcionar o raciocínio, aqui não esmiúço as doutrinas do arminianismo-wesleyano; há obras muito boas com esse propósito[35]. Entretanto, destaco aqui as ênfases doutrinárias dessa teologia; aquilo que Antonio Gouvêa Mendonça afirmou que era a teologia explícita nos sermões e hinos que carregavam a influência armínio-wesleyana nos missionários presbiterianos, congregacionais e metodistas (MENDONÇA, 1995, p. 193) que atuaram no Brasil. Tendo por pressuposto a ideia arminiana da expiação[36] ilimitada, uma das ênfases doutrinárias é a crença no amor de Deus por todos os homens pecadores. Diferentemente do calvinismo, que defende a ideia da expiação limitada aos salvos e em uma predestinação em que uns são considerados réprobos e outros eleitos, no arminianismo-wesleyano desenvolveu-se a convicção de que Deus ama a todos os homens, e não apenas os eleitos, e deseja salvá-los da condenação eterna.

Outra ênfase doutrinária, ligada à anterior, que parte do pressuposto da eleição condicional é o perdão gracioso pela aceitação, por meio da fé, do sacrifício expiatório de Jesus Cristo. O calvinismo pressupõe uma eleição incondicional, ou seja, é Deus quem salva, e o arbítrio humano não é levado em consideração. Porém, desenvolveu-se no arminianismo-wesleyano a crença de que a salvação é somente pela graça de Deus e requer a livre recepção e a não resistência por parte do ser humano. O arbítrio humano é levado em consideração a tal ponto que o homem pode aceitar ou não o convite para a salvação. Essa crença trouxe a firme convicção de que a mensagem do Evangelho deveria ser pregada a todos indistintamente. Dessa forma, mediante a pregação, as pessoas eram convidadas a arrependerem-se dos seus pecados e a entregar a vida a Jesus Cristo, por intermédio de uma profissão de fé perante a assembleia reunida. Feito isso, o próprio penitente, assim como a assembleia, entendia que o perdão de Deus recaía sobre o arrependido. A experiência da conversão era muitas vezes caracterizada por um quebrantamento seguido de choro copioso (emocionalismo pietista).

Também faz parte das ênfases doutrinárias do arminianismo-wesleyano a

expectativa da vida eterna no Reino de Deus. Era a ideia de que o mundo precisava ser cristianizado com o fim de preparar a chegada de Jesus Cristo para governar.[37] Assim, acreditavam que, mediante a pregação bem-sucedida do Evangelho, o Reino de Deus paulatinamente se tornaria completo na terra, o mal cessaria, e a paz viria. Conforme escreve Antonio Gouvêa Mendonça:

> O pós-milenismo, entendendo que o milênio seria uma continuação da vida presente, uma transformação para ótimo das instituições sociais, sob o poder cada vez maior da Igreja, introduzia na teologia um colorido de secularização, cuja expressão mais conhecida foi o Evangelho Social. O pós-milenismo, ensinado por Jonathan Edwards no século XVIII, foi uma das inspirações da empresa missionária americana nos princípios do século XIX. O Reino de Deus não seria um evento sobrenatural, mas um ápice glorioso da história, mediante os esforços da própria Igreja. O milênio era algo que estava, em boa medida, afeto aos desígnios humanos. (MENDONÇA, 1995, p. 68)

Vale ressaltar que, conforme o comentário supracitado, esse Reino de Deus que era esperado não se tratava de um reino transcendental, mas, sim, de um reino aqui na terra como consequência da evangelização de todos os povos.

Influência pietista no comportamento: o rigorismo moral

As características do pietismo são: o individualismo no cultivo da vida religiosa, a leitura solitária da Bíblia e a sua interpretação literal ou espiritualizada e, especialmente, a experiência pessoal com Jesus Cristo. Depois da conversão, a vida regenerada devia ser visível na ética social, pois a perspectiva da mudança de vida não era somente no aspecto religioso, mas também sobre o aspecto da vida social (MENDONÇA; FILHO, 2002, pp. 205 a 232). Exigia-se um comportamento diferenciado por parte dos crentes através de uma ética bem rigorosa onde o fechamento deste para o mundo, o seu cultivo individual da vida religiosa, o seu apego solitário à Bíblia e a mística contemplação do Cristo crucificado fazem do pietismo protestante um monasticismo secular (MENDONÇA, 1995, p. 227). Esse “monasticismo secular” vivido pelo crente ao assumir a fé faz com que ele rompa com toda a estrutura social em que está inserido.

Havia uma agenda obrigatória a ser cumprida: deveria ser assíduo aos cultos da sua igreja; o domingo era tempo sagrado para as práticas religiosas (incluindo os deveres de necessidades e de misericórdia); era proibida qualquer participação em ritos católicos (inclusive festas e procissões); não se admitia a embriaguez, e a prática iconoclasta era sinônimo de rejeição ao mundo. O indivíduo era persuadido ao individualismo e rompia com os laços fraternais mais íntimos para servir a Deus e, mesmo não sendo mais um assíduo membro da igreja, ainda mantinha o seu traço protestante porque o rompimento com agendas e praxes do catolicismo romano é tão radical e irreversível que a suspensão da comunhão evangélica raramente leva o fiel punido de volta às velhas práticas (RIBEIRO, 1981, p. 159).

Após essas considerações sobre a teologia armínio-wesleyana, com o propósito de direcionar nossa análise para o pentecostalismo[38] e o pentecostalismo no Brasil,[39] vale a pena ser mencionado um último detalhe. As igrejas holiness forneceram, no início do século XX, muitos líderes para o Movimento Pentecostal. Ambos os movimentos eram semelhantes em configuração:

biblicismo conservador, pré-milenismo, moralidade religiosa e cura pela fé. Contudo, a ênfase no batismo no Espírito Santo com a evidência inicial das línguas estranhas (glossolalia) e na questão da obra consumada no Calvário rapidamente distinguiu os movimentos.

A Teologia Pentecostal como Síntese

Ao alisarmos as ênfases doutrinárias do arminianismo-wesleyano e, sobretudo, a influência pietista no comportamento, observamos que as mesmas práticas repetem-se no Movimento Pentecostal: o amor de Deus por todos os homens pecadores; o perdão gracioso pela aceitação, através da fé, do sacrifício expiatório de Jesus Cristo; a expectativa da vida eterna no Reino de Deus e a vida regenerada visível na ética social. Contudo, o Movimento Pentecostal desenvolveu novas ênfases como: revestimento de poder para o serviço, a manifestação das línguas estranhas como evidência inicial do batismo no Espírito Santo, a atualidade dos dons espirituais e a volta iminente de Jesus Cristo sob a perspectiva de um arrebatamento (DAYTON, 2018), seguido do estabelecimento de um reino transcendental. Todavia, sobre o Movimento Pentecostal, precisamos fazer uma distinção importante entre o pentecostalismo estadunidense e o brasileiro.

Pentecostalismo estadunidense

Na América do Norte, as heranças teológicas do pietismo, puritanismo e metodismo lançaram as bases para o Movimento de Santidade (Holiness), que teve o seu apogeu no período entre 1890 a 1910 e começou-se a falar sobre uma vida plena no Espírito Santo e, sobretudo, que o cristão precisava "esperar" pela promessa do batismo no Espírito Santo.

Outra fonte de influência sobre o Movimento de Santidade foram as Conferências em Keswick,[40] na Grã-Bretanha, onde os conferencistas acreditavam que o batismo no Espírito Santo produzia uma vida de completa vitória. Quando analisamos o panorama histórico, escrito por Gary B. McGee, na teologia editada por Stanley M. Horton (HORTON, 2002, pp. 11-40), podemos observar que o Movimento de Santidade começou nos círculos metodistas, mas não ficou limitado a estes. McGee menciona que Charles G. Finney acreditava que o batismo no Espírito Santo provesse o revestimento de poder para obter-se a perfeição cristã. Entretanto, o pregador wesleyano radical da santidade, Benjamin H. Irwin, começou a trazer o ensinamento de que a segunda bênção era a santidade e a terceira bênção era o batismo do amor ardente (mais tarde entendido como batismo no Espírito Santo). Com isso, eles entendiam que havia três obras da graça: (1) salvação, (2) santidade e (3) batismo no Espírito Santo. Essa concepção começou a gerar problemas e debates; alguns até taxaram de heresia. Porém, a concepção de Irwin sobre "revestimento de poder para o serviço cristão" lançou bases para o que seria o entendimento sobre o propósito do batismo no Espírito Santo. Lançando mão desse pensamento, Charles Fox Parham[41] formula as bases que definiram o pensamento teológico do pentecostalismo: estilo evangélico de conversão, santificação, cura divina, pré-milenismo e o retorno escatológico do poder do Espírito Santo evidenciado pela glossolalia. Essas influências culminaram no avivamento pentecostal do início do século XX.

Todavia, o pentecostalismo já nasce plural,[42] e, segundo McGee, logo no início, os envolvidos já precisam resolver três grandes controvérsias:

a. A literatura narrativa de Atos e os últimos versículos de Marcos 16 tem valor teológico para fundamentar a doutrina do falar em outras línguas como a evidência inicial do batismo no Espírito Santo? Os seguidores de Parham consideravam as línguas estranhas como evidência inicial tendo por base a literatura de Atos; porém, esse padrão hermenêutico assemelha-se aos restauracionistas,[43] que tendem a elevar certos costumes da Igreja Primitiva à condição de doutrina. Depois de 1906, os pentecostais passaram a reconhecer que os cristãos estavam orando em línguas não identificáveis (glossolalia), e não em idiomas identificáveis (xenolalia) e, finalmente, chegaram à conclusão: as línguas representavam a oração no Espírito, a intercessão e o louvor.

b. O batismo no Espírito Santo, afinal, é a segunda ou terceira bênção? Os pentecostais com tendências wesleyanas criam em três obras da graça, mas os pentecostais com tendências reformadas (a maioria ex-batistas) criam em duasobras da graça, salvação e batismo no Espírito Santo, sendo a santificação um processo que se inicia na conversão.[44]

c. Continuar seguindo a formulação trinitariana dos Pais da Igreja ou o padrão "unicista" de Atos dos Apóstolos? Os cristãos que enfatizavam a "unicidade" da Divindade em contraste com o conceito cristão ortodoxo de um só Deus em três pessoas (trinitarianismo) sustentavam o fato de Jesus Cristo ser o nome redentor de Deus e é mediante esse nome que as bênçãos divinas são outorgadas. Essa questão somente foi resolvida por ocasião do Concílio Geral de 1916 (nas Assembleias de Deus nos Estados Unidos), que definiram a Declaração das Verdades Fundamentais. Nessa declaração, endossaram o conceito trinitário como padrão doutrinário. Segundo McGee, os "ministros da unicidade" abandonaram o Concílio de uma só vez; como consequência, surgiu o pentecostalismo unicista.[45] Destarte, no pentecostalismo estadunidense, praticamente já surgem três vertentes: (1) a de herança metodista, que tem a santidade como uma obra da graça distinta da salvação; (2) a de herança reformada, que tem a santidade como um processo que se inicia com a salvação e consuma-se na glorificação; e (3) a unicista.

Pentecostalismo brasileiro

Não quero deter-me em narrar a história do pentecostalismo no Brasil, pois já existem obras na área de Ciências da Religião[46] que fazem isso muito bem, mas, sim, sob um viés sociológico. A obra de Walter Brunelli,[47] no quarto volume, faz uma narrativa abordando aspectos histórico-teológicos. Nosso propósito é mostrar que o pentecostalismo brasileiro, no início, não teve as disputas teológicas que ocorreram na América do Norte. Em solo brasileiro, por cerca de 50 anos, prosperou o pentecostalismo quadrangular sob a influência da doutrina da Obra Consumada do Calvário,[48] cuja ênfase está no batismo no Espírito Santo com a evidência inicial das línguas estranhas (glossolalia).

Em se tratando de pentecostalismo brasileiro, um grande equívoco que muitos cometem é pensar que a sua origem está nas missões estadunidenses. Estas somente passaram a exercer influência depois de 1946, quando, por intercessão de John Peter Kolenda,[49] foi levantada uma oferta para investir na modernização da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).[50] Antes disso, os escandinavos[51] exerciam a influência e estabeleciam o paradigma teológico. Contudo, depois do processo de autoctonização,[52] houve uma abertura para a vinda de missionários estadunidenses que trouxeram consigo as suas obras teológicas. Sobre o pensamento teológico do pentecostalismo brasileiro, algumas questões serão apresentadas:

a. Antes de 1910, ano que os historiadores marcam como a chegada do pentecostalismo no Brasil, ocorreram alguns fenômenos extáticos em determinados grupos que receberam o nome de “protopentecostalismo” (MORAES, 2001, pp. 582, 583 e 719). Contudo, foram grupos que não se perpetuaram e nem atingiram a relevância para estabelecerem um pensamento teológico.

b. Em 1910, o italiano Luigi Francescon,[53] de origem presbiteriana, funda a Congregação Cristã no Brasil no bairro do Brás em São Paulo (na verdade, era "do Brasil" no início, mas, com a expansão da igreja para o exterior, foi necessário realizar a alteração do nome), que, nos seus primeiros 40 anos, se restringiu à comunidade ítalo-brasileira. Por terem uma matriz teológica ultracalvinista, nunca se deram à evangelização em massa por acreditarem que Deus leva os eleitos para o culto quando quer alcançá-los. As suas doutrinas perpetuam-se pela oralidade, pois, em virtude da sua tradição anti-intelectualista,[54] não estudam a Bíblia sistematicamente, não publicam periódicos e nem adotaram seminários. Sobre Luigi Francescon, vale ressaltar que a sua experiência pentecostal deu-se sob influência de William H. Durham,[55] o principal proponente da doutrina da "Obra Consumada do Calvário". Assim, possivelmente, tenha herdado o pensamento deste no tocante à doutrina do batismo no Espírito Santo.[56]

c. Em 1911, os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, de origem batista, fundam a Missão da Fé Apostólica em Belém do Pará (é somente em 1918 que assumem o nome de Assembleia de Deus). Em consequência da sua matriz teológica arminiana associada a fenômenos sociais,[57] vivenciaram um crescimento exponencial nas regiões Norte e Nordeste e, posteriormente, para as outras regiões do país. No Diário do Pioneiro (VINGREN, 2000, pp. 23-26; 76-80), vemos o relato de que Gunnar Vingren, além de ter estudado na América do Norte, também, quando era possível, passava um período por lá visitando igrejas e pregando. Assim como Luigi Francescon, a sua experiência pentecostal deu-se sob a influência de William H. Durham e trouxe consigo para o Brasil a doutrina do batismo no Espírito Santo.[58]

d. Em 1912, o missionário sueco Erik Jansson foi enviado pela Missão de Örebro (MORAIS, 2016, pp. 57-59) com a estratégia de evangelização de imigrantes, fundando, assim, a Igreja Batista Sueca em Guarani no Rio Grande do Sul. Esse pentecostalismo de imigração[59] não teve a mesma projeção dos dois grupos anteriores por questões de lutas internas e questões étnicas, porém existe e precisa ser mencionado. Analisando esse segmento e a história do pentecostalismo sueco,[60] observamos que o pentecostalismo quadrangular, com base na teologia de William H. Durham, era o paradigma teológico desse

grupo.[61]

Com isso, endossamos o raciocínio de que, no pentecostalismo brasileiro, não houve as mesmas disputas teológicas que ocorreram no pentecostalismo estadunidense. Vale ressaltar, porém, que, para pensar-se em uma teologia pentecostal brasileira, devem-se levar em conta todos os fatores como: (1) A teologia dos avivamentos que foi trazida pelos missionários do protestantismo de missão;[62] (2) A doutrina da obra consumada no Calvário que foi trazida pelos pioneiros pentecostais; e (3) As influências locais. Sobre as influências locais, tomamos por base o pensamento do teólogo peruano Bernardo Campos, que traz um conceito de pentecostalidade.[63] Trata-se de uma experiência universal e profundamente humana que se manifesta por meio de diversas formas de pentecostalismo, não tendo fronteiras nem de classe, nem de ideologia, nem de território, nem de confissão, porém tendo a capacidade de permear classes sociais antagônicas e processos históricos radicalmente opostos.

A partir da ideia da pentecostalidade, o Movimento Pentecostal Brasileiro é inserido em diversas culturas regionais e passa por processos de aculturação e transformação. Quer queira, quer não, a forma como o indivíduo interpreta o mundo à sua volta influencia diretamente o pensamento teológico da comunidade religiosa. Assim, o processo de construção de uma teologia pentecostal brasileira, que obrigatoriamente sofre a influência dos suecos (que eram, na sua maioria, ex-batistas), das superstições e misticismos do brasileiro (indígenas, africanos e catolicismo popular) com todas as suas demandas sociais, e, tardiamente, a influência do pentecostalismo estadunidense formam o conjunto de fatores que produziram aquilo que hoje podemos chamar de Teologia Pentecostal Clássica Assembleiana Brasileira.

---

[1] As Assembleias de Deus publicam os artigos do “Cremos” nos seus jornais, folhetos e outros periódicos.

[2] Não abordaremos a Reforma Radical porque não tem correlação ou ligação histórica com o pentecostalismo. Esses movimentos, porém, têm similaridades em virtude daquilo que Bernardo Campos chama de “pentecostalidade”. Para mais detalhes, veja: CAMPOS, Bernardo. La Reforma Radical y Las Raices del Pentecostalismo – De la Reforma Protestante a la Pentecostalidad de la Iglesia.

Salem, Oregón, EUA: Publicaciones Kerigma, 2017.

[3] Para um aprofundamento sobre o luteranismo, ver: LATOURETTE, Kenneth Scott. Uma História do Cristianismo: Volume II. São Paulo: Hagnos, 2006, pp. 951-1007.

[4] Para um aprofundamento sobre o movimento pietista, ver: ELWLL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, pp. 1285-1289; OLSON, Roger E. História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2001, pp. 485-504; e WALKER, W. História da Igreja Cristã. 3.ed. São Paulo: ASTE, 2006, pp. 688-694.

[5] Cuja tradução é "Desejos Piedosos"; este livro contém os anseios de muitas pessoas, pastores e leigos, que procuravam modificar o "estamento eclesiástico".

[6] Para mais detalhes sobre os morávios, ver: WALKER, W. História da Igreja Cristã. 3.ed. São Paulo: ASTE, 2006, pp. 694-699.

[7] Para mais detalhes sobre o calvinismo, ver: ELWLL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, pp. 248-251; e SAWYER, M. James. Uma Introdução à Teologia – Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: Editora Vida, 2016, pp. 333-375.

[8] Posição que declara que "a graça de Deus é a única causa eficiente no iniciar e no efetuar da salvação". Essa posição, que é oposta ao sinergismo, é consistentemente afirmada pela tradição agostiniana dentro do cristianismo. Para mais detalhes, ver: ELWLL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 1080.

[9] Para mais detalhes sobre o puritanismo, ver: CAIRNS, Earle Edwin. O Cristianismo através dos Séculos: uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008, pp. 295-310.

[10] A Reforma na Inglaterra teve uma motivação política e não teológica, pois Henrique VIII queria divorciar-se de Catarina Aragão, mas ele sabia que o Papa jamais sancionaria um divórcio. Por isso, ele rompe com o catolicismo romano e cria a sua própria igreja: a Igreja Anglicana. Durante o reinado de Elizabeth I, o protestantismo estabelecido e a igreja ficaram como uma "via média": um

grande guarda-chuva que acolheu tanto católicos como protestantes reformados, o que desagradou a ambos.

[11] Para mais detalhes sobre arminianismo, ver: OLSON, Roger E. História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2001, pp. 465-483.

[12] Depois da morte de Jacó Armínio, 46 ministros e leigos holandeses respeitados redigiram um documento chamado "Remonstrância", que resumia a rejeição, tanto por Armínio quanto por eles mesmos, do calvinismo rígido em cinco pontos. Graças ao título do documento, os arminianos passaram a ser chamados de remonstrantes. Para mais detalhes, ver: ELWLL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 1380.

[13] Após a morte de Calvino, Teodoro de Beza construiu uma ortodoxia protestante rígida contra as heresias, os ataques de céticos e católicos romanos, com o uso do método de Tomás de Aquino (Escolástica Medieval) que procurou usar as Escrituras, a tradição e a razão para desenvolver um sistema abrangente de toda a verdade.

[14] "João Calvino foi treinado como humanista e usou o método indutivo de estudo, que contemplava as fontes originais, em vez do método dedutivo, que tentava deduzir a verdade dos princípios mais básicos. Como resultado da indução, o método de Calvino era radicado numa exegese do texto que dava à sua teologia um frescor e uma vitalidade que contrastavam nitidamente com os métodos alegorizantes e espiritualizantes do escolasticismo, utilizados até então." SAWYER, M. James. Uma Introdução à Teologia – Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: Editora Vida, 2016, p. 377.

[15] Para mais detalhes, ver: ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 810.

[16] Os 39 Artigos de Religião teve como base os escritos de Tomás Cranmer. Este é geralmente considerado o fundador do protestantismo inglês. Para mais detalhes, ver: ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, pp. 1715-1717.

[17] Para conhecer a biografia de John Wesley, ver: CHOWN, Gordon. (Ed.). João

Wesley, sua Vida e Obra. São Paulo: Editora Vida, 1997; e o movimento metodista, ver: OLSON, Roger E. História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2001, pp. 505-529.

[18] Segundo a biografia de John Wesley, a sua mãe era filha de Samuel Annesley, que era um dos teólogos mais distintos entre os puritanos e também pastor não conformista. Ao que parece, exerceu grande influência sobre Suzana.

[19] Para conhecer a Teologia de John Wesley, ver: COLLINS, Kenneth J. Teologia de John Wesley: o amor santo e a forma da graça. Rio de janeiro: CPAD, 2010.

[20] Para mais detalhes sobre Richard Baxter, ver: ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 187.

[21] Do gr. synergos, "cooperação", é uma referência à doutrina da cooperação entre Deus e o homem na conversão. O sinergismo procura conciliar duas verdades paradoxais: a soberania de Deus e a responsabilidade moral do homem. Em nenhum lugar, essas duas verdades entrelaçam-se mais do que na teologia da conversão. Para mais detalhes, ver: ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 1536.

[22] Para mais detalhes, ver: COUTO, Vinícius. Quadrilátero Wesleyano como Método Teológico e Hermenêutico: revisão, adaptação e renovação. São Paulo: Editora Reflexão, 2019.

[23] Para mais detalhes, ver: WESLEY, John. Explicação Clara da Perfeição Cristã. São Paulo: Imprensa Metodista, 1984.

[24] SAWYER, M. James. Uma Introdução à Teologia – Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: Editora Vida, 2016, pp. 377-405. Sobre o arminianismo-wesleyano, uma teóloga da Igreja do Nazareno chamada Mildred Bangs Wynkoop escreveu: "João Wesley encontrou os escritos de Armínio e ficou sumamente impressionado pela sua leitura. Durante muitos anos editou uma revista intitulada 'O Arminiano' onde se proclamava a doutrina da santidade. Wesley, entretanto, levou a um passo mais adiante a posição teológica de Armínio. Este último susteve uma visão elevada da santificação; porém não viu, como Wesley chegou a fazê-lo, que essa obra se recebe pela fé e é administrada pelo Espírito Santo. O wesleyanismo é o

arminianismo ortodoxo inspirado pelo poder e favor do Espírito Santo. Armínio somente viu obscuramente o que Wesley vislumbrou com claridade". WYNKOOP, Mildred Bangs. Fundamentos da Teologia Armínio Wesleyana. Campinas: Casa Nazarena Publicações, 2004, p. 75.

[25] Em geral, refere-se a qualquer sistema de pensamento ou metodologia de investigação que empregue a razão como medida final da verdade. Nos séculos XVIII e XIX, o deísmo e o liberalismo teológico ganhavam força influenciando o pensamento religioso e a prática teológica.

[26] Para mais detalhes sobre o primeiro grande despertamento, ver: WALKER, W. História da Igreja Cristã. 3.ed. São Paulo: ASTE, 2006, pp. 712-718.

[27] Para mais detalhes sobre Jonathan Edwards, ver: ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. pp. 542-546.

[28] Para mais detalhes sobre o segundo grande despertamento, ver: WALKER, W. História da Igreja Cristã. 3.ed. São Paulo: ASTE, 2006, pp. 764-780.

[29] Para mais detalhes sobre Charles G. Finney, ver: ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 714.

[30] Para conhecer mais sobre a Teologia de Oberlin, ver: ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 1645.

[31] À medida que a escravidão entrincheirou-se mais firmemente no Sul dos Estados Unidos, os seus oponentes procuraram um meio prático de eliminá-la. Uma das propostas era enviar os escravos libertos de volta à África, plano este que levou à formação da Sociedade Americana de Colonização (1817), que estabeleceu a colônia da Libéria, na costa ocidental da África, para os escravos libertos, mas não conseguiu apoio em grande escala. O racismo implícito da colonização também ofendeu alguns oponentes da escravidão. De maior relevância foi a emergência de grupos que favoreciam a abolição imediata. O mais conhecido foi o da Sociedade Americana Antiescravidão, formado na Filadélfia (1833), basicamente por meio dos esforços de William Lloyd Garrison, redator corajoso de The Liberator, e Lewis e Arthur Tappan, dois irmãos prósperos que se envolviam em muitas causas evangélicas. No seu

apogeu, a Sociedade teve 150 mil membros. Muitos dos seus líderes tinham sido influenciados pelos reavivamentos de Charles Finney e viam as suas convicções antiescravagistas como consequência lógica da sua fé evangélica. ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 26.

[32] Movimento que surgiu entre os metodistas que migraram para a América do Norte em 1766 e que depois se expandiu para outras denominações. A ideia era a santificação plena da vida e, com base nos escritos de John Fletcher, essa era considerada como "segunda bênção" após a salvação. Mais tarde, depois das conferências de Keswick, foi sendo desconstruído o conceito de santidade como segunda bênção para um "revestimento de poder". Para mais detalhes, ver: SYNAN, Vilson. O Século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Editora Vida, 2009; e MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 587-590.

[33] Destino Manifesto é a ideologia de que os anglo-saxões da América do Norte foram "chamados" e "designados" por Deus para a tarefa de "ganhar o mundo para Cristo" a fim de ser instaurado o Reino de Deus na terra. Para mais detalhes, ver: PIEDRA, Arturo. Evangelização Protestante na América Latina: análises das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830–1960). São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.

[34] O protestantismo de fronteira era uma metodologia peculiar dos metodistas (que foi imitada pelas outras denominações) que consistia em uma prática religiosa mais informal. Os seus pregadores leigos e itinerantes realizavam cultos ao "ar livre", e a sua teologia era simples e emotiva. Assim, chegavam primeiro nos rincões a ser desbravados no oeste americano e não faziam questão de locais sagrados, nem ministros formados e nem aparato litúrgico. Como as demais denominações eram mais formalistas, apresentavam dificuldades para atuar nessas regiões. Veja: MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir – A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995, pp. 190-192.

[35] Para aprofundamento no assunto, ver: COUTO, Vinícius. Introdução à Teologia Armínio Wesleyana. São Paulo: Editora Reflexão, 2014; e COUTO, Vinícius. Em favor do Arminianismo-Wesleyano – Um estudo bíblico, teológico e exegético de sua relevância na contemporaneidade. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

[36] “O termo expiação contempla o significado básico de kaphar (hb. Cobrir) e o significado secundário de hilasmos (gr. ‘retirada do pecado e o cancelamento do castigo com base no sacrifício substitutivo’). O destaque da expiação se relaciona com o efeito da reconciliação sobre o próprio pecado. Portanto, no uso moderno, a expiação é algo efetuado por Deus por meio de Cristo na cruz, além de consistir em um ato de Cristo que é, de algum modo, oferecido a Deus (Hb 9.14). O objetivo final da expiação é a reconciliação dos pecadores com Deus (2a Co 5.14-21)”. ALLEN, David. A Expiação: um estudo bíblico-teológico e histórico da cruz de Cristo. Natal, RN: Editora Carisma, 2020, p. 43.

[37] A urgência missionária surgida no protestantismo de missão sob empresa do “Destino Manifesto” fez com que houvesse uma cooperação interdenominacional nas missões; afinal, quando Jesus Cristo viesse, seria uma única Igreja! No entanto, com a Guerra Civil Americana, o pós-milenismo tomou golpes fatais um após o outro. Para mais detalhes, ver: DAYTON, Donald. Raízes Teológicas do Pentecostalismo. Natal: Editora Carisma, 2018.

[38] Para a definição do termo, ver: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 567.

[39] Segundo Isael de Araujo, existem várias teorizações sobre o pentecostalismo no Brasil. Para mais detalhes, ver: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 582-585.

[40] Reunião anual de cristãos evangélicos, realizada no verão desde 1875 em Keswick, no Distrito dos Lagos, no norte da Inglaterra. Teve a sua origem na campanha evangelística Moody-Sankey na Grã-Bretanha em 1873-74 e nos escritos dos líderes religiosos norte-americanos Asa Mahan, W. E. Boardman e, especialmente, Sr. e Sra. Robert P. Smith. A primeira Convenção de Keswick foi antecedida por algumas conferências menores semelhantes realizadas por Smith em todas as partes da Inglaterra e por algumas maiores realizadas em Broadlands e em Oxford, em 1874, e em Brighton, em 1875. T. D. Harford-Battersby, vigário de Keswick, realizou a primeira Convenção de Keswick nas dependências da sua própria igreja, e as reuniões, com duração de uma semana, passaram a ser realizadas ali todos os anos a partir de então. Essa convenção tem gerado outras semelhantes não somente na Inglaterra, como também em muitos outros países em todo o mundo. Para mais detalhes, ver: ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 374.

[41] Para conhecer vida, obra e pensamento de Charles F. Parham, ver: PARHAM, Charles Fox. Uma voz clamando no deserto. São Paulo: Editora Reflexão, 2020; e MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 541-543.

[42] Por isso que os estudiosos na área de Ciências da Religião costumam dizer que não há uma "matriz" pentecostal, mas, sim, "matrizes". Para entender melhor, recomendo ler: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 586-630 (que enfatiza o pentecostalismo nos Estados Unidos) e BENATTE, Antonio Paulo; OLIVA, Alfredo dos Santos (Orgs.). Cem anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, pp. 31-66; e BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro (Org.). Práxis Pentecostal: um mar com muitas ondas. São Paulo: Editora Reflexão, 2017 (que enfatizam o pentecostalismo no Brasil).

[43] É a ideia de que a igreja corrompeu-se ao longo da história e de que a Reforma Protestante foi o início da restauração, tendo como sequência o avivamento metodista, o movimento de santidade e, por derradeiro, o movimento pentecostal, que seria o ápice da restauração da igreja. Para mais detalhes, ver: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 598.

[44] "A santificação é a obra da livre graça de Deus, pela qual o homem todo é renovado segundo a imagem de Deus, capacitando-nos a morrer para o pecado e viver para a justiça. Isso não quer dizer que vamos progredir até alcançar a santificação, e sim que progredimos na santificação da qual já participamos" (grifos do autor). PEARLMAN, Myer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. São Paulo: Editora Vida, 2003.

[45] Movimento surgido em 1914 no seio das Assembleias de Deus norte-americanas que desafiavam a doutrina trinitariana tradicional com a prática do batismo em águas dentro da visão modalista de Deus. O movimento tomou forma organizacional em 1917 como resultado da expulsão dos seus defensores do seio das Assembleias de Deus. Para mais detalhes, ver: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 613-615.

[46] ALENCAR, Gedeon Freire de. Assembleia de Deus: origem, implantação e

militância (1911–1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010; ALENCAR, Gedeon Freire de. Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911–2011. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013; e VALÉRIO, Samuel Pereira. Uma nova origem do pentecostalismo: a trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

[47] BRUNELLI, Walter. Teologia para Pentecostais: Uma Teologia Sistemática Expandida — Volume 4. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2016, pp. 379-422.

[48] "O primeiro homem a desafiar a teologia da 'bênção tríplice' foi William H. Durham, de Chicago. Sendo um defensor de longa data da 'segunda bênção' da santificação antes da sua experiência pentecostal, ele deixou de pregar a doutrina da santificação instantânea e passou a buscar uma nova teologia. Por volta de 1911, deu forma ao que chamou 'teologia da obra consumada do Calvário', a qual rejeitava a ideia da necessidade da 'segunda bênção' antes do falar em línguas. Para Durham, a santificação era um processo que se iniciava na conversão e continuava com um crescimento ininterrupto. Esse ensino, revolucionário demais para a época, abriu uma larga fissura teológica no movimento pentecostal. Líderes como Parham, Seymour e outros advertiam que a doutrina da 'obra consumada' representava uma ameaça à sobrevivência do movimento pentecostal." SYNAN, Vinson. O Século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Editora Vida, 2009, pp. 170 e 171.

[49] Para mais detalhes, ver: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 413-415.

[50] Emílio Conde narra que os missionários estadunidenses J. P. Kolenda e N. Lawrence Olson trabalharam para angariar 1 milhão de cruzeiros para modernizar as instalações da CPAD. Ver CONDE, Emílio. História das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, pp. 309-312.

[51] É o que Gedeon Alencar chama de "ethos sueco-nordestino", pois, diferentemente do modelo institucionalizado estadunidense que priorizava a educação teológica, os suecos priorizavam a liderança carismática e limitavam-se a realizar Escolas Bíblicas. Para mais detalhes, ver: ALENCAR, Gedeon Freire de. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911–1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010; e ALENCAR, Gedeon Freire de. Matriz

Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911–2011. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.

[52] Refiro-me a Convenção de 1930 que marca a fundação da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB). Para mais detalhes, ver: MORAES, Isael de Araujo de. 100 acontecimentos que marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, pp. 272-279; e ALENCAR, Gedeon Freire de. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911–1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010, pp. 119-127.

[53] Para mais detalhes, ver: BRUNELLI, Walter. Teologia para Pentecostais: Uma Teologia Sistemática Expandida — Volume 4. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2016, pp. 379-382.

[54] O interessante é que o anti-intelectualismo aplica-se somente aos estudos bíblicos teológicos, pois este autor conhece membros dessa igreja que possuem formação universitária.

[55] A controvérsia da santificação desenvolveu-se da teologia da santificação sustentada pela maioria dos primeiros pentecostais, inclusive Parham e Seymour. Tendo ensinado que a santificação era uma "segunda obra da graça", antes das suas experiências pentecostais, simplesmente acrescentaram o batismo no Espírito Santo e a glossolalia como uma "terceira bênção". Em 1910, William H. Durham, de Chicago, começou a ensinar a sua teoria da "obra completa", que enfatizava a santificação como uma obra progressiva após a conversão, sendo que o batismo no Espírito Santo seguia-se como a segunda bênção. As Assembleias de Deus (estadunidense), denominação formada em 1914, baseou a sua teologia nos ensinos de Durham e logo se tornou a maior denominação pentecostal do mundo. A maioria dos grupos pentecostais que começaram depois de 1914 baseava-se no modelo das Assembleias de Deus. Entre elas, estão a Igreja Pentecostal de Deus, a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (fundada em 1927 por Aimee Semple McPherson) e a Igreja Padrão da Bíblia Aberta. ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 1269.

[56] Pelo fato de a Congregação Cristã no Brasil não publicar periódicos, é difícil encontrar algo sobre o seu pensamento teológico. Há, no entanto, uma seção no Hinário Hinos de Louvores e Súplicas a Deus chamada "Pontos de doutrina e da fé que uma vez foi dada aos santos" que, no ponto 7, diz: "Nós cremos no

batismo do Espírito Santo, com evidência de novas línguas, conforme o Espírito Santo concede que se fale (Atos 2:4; 10:45-47; 19:6)". Nenhum dos pontos comenta a santidade como bênção. Fica subentendido, portanto, que a santidade é um processo que se inicia com a salvação. Aí vemos a influência da teologia de William H. Durham.

[57] Para mais detalhes, ver: ALENCAR, Gedeon Freire de. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911–1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010, pp. 73-76.

[58] O "Cremos" no ponto 9 diz: "Cremos no batismo bíblico com o Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (Atos 1:5; 2:4; 10:44-46; 19:1-7). Neste ponto, vemos a influência da teologia de William H. Durham.

[59] Para mais detalhes, ver: VALÉRIO, Samuel Pereira. Pentecostalismo de Migração: Terceira entrada do Pentecostalismo no Brasil. 2013, 133 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, PUC–SP, São Paulo, 2013; e VALÉRIO, Samuel Pereira. Uma nova origem do pentecostalismo: a trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

[60] Em se tratando de pentecostalismo brasileiro, é de suma importância conhecer a história e a teologia do pentecostalismo escandinavo. Sugiro ler: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 468, 470-472; 573-582.

[61] Na declaração de fé das Igrejas Batistas Independentes, constante na obra "Princípios da Nossa Fé", encontramos: "Que o verdadeiro crente recebe a unção do Espírito Santo, que o santifica e capacita com os dons específicos para exercer o serviço divino entre os seres humanos; cremos, também, que o batismo no Espírito Santo é uma experiência definida, sendo uma operação do Espírito distinta da obra e regeneração, e que o crente sabe se o recebeu ou não". Mesmo não tendo contato direto com William H. Durham, entretanto, a teologia da obra consumada era o paradigma teológico desse grupo.

[62] Protestantismo de missão é a designação dada pelos historiadores para nomear as tradições protestantes que vieram para o Brasil com fins proselitistas (Congregacionais, Presbiterianos, Batistas e Metodistas), pois as tradições que

existiam antes (Luteranos e Anglicanos) apenas atendiam aos imigrantes. Este é chamado de protestantismo de Imigração ou Étnico.

[63] Quero começar com a premissa de que, apesar das suas divisões internas (ou, talvez, por causa delas), os pentecostais têm, talvez mais que outros, a responsabilidade de apostar na unidade da Igreja e trabalhar pela unidade da raça humana. A reivindicação de serem os porta-vozes da unidade vem da sua própria identidade, uma vez que a vocação pentecostal universal, que chamarei de "pentecostalidade", para diferenciá-la dos pentecostalismos como as suas historizações, obriga-os a referir-se eternamente ao evento fundador que é Pentecostes, sinal e antecipação da grande comunidade universal possibilitada pela ressurreição de Jesus Cristo. O Pentecostes é a oposição máxima e definitiva à ameaça de Babel, como um retorno ao caos e à divisão irreconciliável de todas as classes, idiomas, gêneros e etnias. (CAMPOS, Bernardo. La Reforma Radical y Las Raices del Pentecostalismo – de la Reforma Protestante a la Pentecostalidad de la Iglesia. Salem Oregón, USA: Publicaciones Kerigma, 2017, p. 117. Tradução livre do idioma espanhol.

2

Consolidação do Hinário Pentecostal

N o capítulo anterior, desenvolvemos uma síntese histórica com a finalidade de tentar mapear as raízes teológicas do pentecostalismo brasileiro e chegamos ao entendimento de que este foi construído sob a teologia armínio-wesleyana com a influência da doutrina da obra consumada no Calvário. Para chegarmos à nossa análise sobre a teologia pentecostal na Harpa Cristã , precisamos entender como a música é inserida no cristianismo servindo como instrumento de evangelização e doutrinamento. Assim, direcionemos nosso estudo para a influência da música na liturgia cristã e como esta serviu para evangelização e doutrinamento. Também faremos uma síntese histórica sobre a elaboração da Harpa Cristã mencionando uma curta biografia dos autores/versionistas, algumas características do hinário e a classificação dos hinos segundo a metodologia de Antonio Gouvêa Mendonça.

A Música na Liturgia Cristã

O uso da música como forma de expressão sempre fez parte da vida humana e, sobretudo, no âmbito religioso, é utilizada para a invocação e adoração à divindade. No tocante ao cristianismo, por séculos, as práticas litúrgicas tiveram uma influência local ou de alcance limitado. Observamos na Bíblia que, em Éfeso (Ef 5.19) e Colossos (Cl 3.16), a comunidade cristã fazia uso da música para adoração e doutrinamento. Russel Norman Champlin comenta sobre salmos, hinos e cânticos espirituais:

> [...] Salmos [...] O vocábulo grego “psalmos” correlato de “psallein”, que significa “tocar”, referindo-se ao uso da harpa ou outro instrumento de cordas qualquer, visto que aquelas composições poéticas usualmente eram acompanhadas por esses instrumentos. Não há que duvidar que a alusão que aqui se faz é ao livro de Salmos, do AT, adaptados os seus salmos a música, e que desde os tempos do antigo pacto eram usados para propósitos musicais, o que se estendeu às sinagogas judaicas e, finalmente, à primitiva igreja Cristã [...] Hinos [...] Esse termo, no original grego, a princípio se referia aos cânticos de louvor, entoados em honra a algum deus ou herói. Mas no seio da igreja cristã foram desenvolvidos “hinos”, compostos por seus membros, normalmente hinos de louvor a Cristo e a Deus Pai. A forma verbal dessa palavra, no grego, significa “cantar”, “louvar”, “repetir por muitas e muitas vezes” [...] Cânticos espirituais [...] No grego temos a palavra “ode”, que era o termo genérico para “cântico”. Originalmente indicava os cânticos em honra aos deuses ou aos heróis; mais tarde, porém, tal palavra recebeu mais ampla aplicação. Neste caso esses cânticos são adjetivados como “espirituais” [...] Bem provavelmente se trata de uma antiquíssima glosa escribal, para certificar aos leitores que quaisquer “cânticos” levados a efeito na igreja teriam de ser de natureza “espiritual”. (CHAMPLIN, 2014, p. 799)

As práticas litúrgicas não eram unânimes, e essa falta de unificação referia-se tanto aos repertórios como aos estilos. Entre as manifestações da música vocal religiosa, além da igreja romana, havia o canto ambrosiano na igreja de Milão, o moçárabe na Península Ibérica e o galicano na França. Para sermos precisos e diretos, delimitaremos nossa análise entre as principais correntes da música litúrgica cristã no ocidente: a católico-romana e a protestante; e, posteriormente, a sua inserção no Brasil.

A evolução da música cristã protestante

Por muitos anos, a expressão máxima da música católico-romana fora o cantochão.[1] Por decisão do Concílio de Laodiceia em 364, não era permitida a participação da assembleia nos cantos. Pouco antes do período da Reforma, havia dois tipos de músicas sacras: (1) o cantochão (monódico e diatônico) e (2) a polifonia.

No período da Reforma, na Alemanha, ocorreu o resgate do canto congregacional com melodias populares de fácil compreensão para o leigo em música. Lutero fez uso de corais que cantavam em alemão, e estes se tornaram o centro da liturgia luterana (FERNANDES BRAGA, 1961, p. 22). Sobre isso escreve Kenneth S. Latourette:

> A absorção no dogma não evitou um desenvolvimento, nos hinos e na música, em que o movimento luterano iniciou e desenvolveu uma notável expressão da fé religiosa. Como já vimos, o próprio Lutero escreveu hinos e compôs a música para alguns deles. Dois de seus contemporâneos, João Walther (1496–1570) e Ludwig Senfl (1480–1555) fizeram muito para promover o canto em que toda a congregação tomava parte. Walther preparou um hinário que foi publicado em 1524 e que tomou músicas folclóricas ou melodias à moda das folclóricas e as colocou em formas nas quais todos poderiam se juntar. Senfl desenvolveu corais que prepararam o caminho para os produtos finais de Johann Sebastian Bach (1685–1750). No final do século 16, as harmonias foram simplificadas e popularizadas e no século 17 cânticos corais adicionais foram compostos. (LATOURETTE, 2006, p. 990)

Na Suíça e na França, por influência do reformador João Calvino, foi estabelecido o uso dos salmos musicados com canto em uníssono e à capela, pois, na opinião daquele reformador, eram os únicos textos apropriados à música

litúrgica (FERNANDES BRAGA, 1961, p. 24). Apesar disso, os huguenotes incrementaram um saltério próprio harmonizando várias vozes. Como consequência, os corais e os salmos exerceram influência mútua e transpuseram as fronteiras atingindo toda a Europa.

No período dos avivamentos na América do Norte, no século XIX, ocorreu o surgimento de um estilo musical chamado de “Hinos Evangelísticos”, que tinha por característica a simplicidade, pois as campanhas evangelísticas conduzidas por pregadores como Moody, Spurgeon e Torrey, em locais como praças, tendas e galpões, tinham um auditório muito heterogêneo (FERNANDES BRAGA, 1961, p. 27). Para atender esse público, fizeram uso de melodias populares e envolventes com o intuito de converter os pecadores para Cristo. Os pregadores sempre se faziam acompanhar de um cantor que, com os seus solos, preparava o ambiente para a evangelização.

A música cristã no Brasil

Desde a época da chegada dos portugueses, todas essas manifestações musicais anteriormente citadas ocorreram em algum momento. Por ocasião da colonização, a igreja católica fez-se presente, e, nas celebrações das missas, os cantochões em latim eram entoados. Temporariamente, os corais e os salmos em francês e holandês foram entoados em virtude da tentativa de estabelecimento de uma colônia por franceses calvinistas (1555–1560) e por holandeses reformados (1630–1654). Com a celebração do Tratado de Comércio e Navegação entre Portugal e Reino Unido em 1810, possibilitou-se a imigração de ingleses e alemães que trouxeram consigo clérigos da Igreja Anglicana e da Igreja Luterana, respectivamente. Os seus cultos eram celebrados na língua do seu país de origem, e o estilo musical era o coral e os salmos.

No ano de 1855, com a chegada do protestantismo de missão, os cultos passaram a ser feitos em português e direcionados para os brasileiros com fins proselitistas. As músicas entoadas foram os salmos musicados da tradição reformada e os hinos evangelísticos do período dos avivamentos na América do Norte que foram traduzidos para o idioma português. A partir de então, começou-se a elaboração de uma hinódia evangélica em língua portuguesa que passou a propagar conceitos teológicos por meio de hinos.

Primeiro Hinário em Português no Brasil

A primeira coletânea de hinos evangélicos em língua portuguesa organizada no Brasil foi o hinário Salmos e Hinos, em 1861. Foi elaborado pelo casal Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley, fundadores da Igreja Evangélica Fluminense (1855), a primeira igreja evangélica em língua portuguesa no Brasil. O hinário contava com 50 músicas, sendo 18 salmos e 32 hinos. Inclusive, foi usado como primeiro hinário por diversas denominações. A segunda edição foi publicada em 1865 e continha 25 salmos e 58 hinos. Edições posteriores contaram com a colaboração do Dr. João Gomes da Rocha, filho adotivo do casal Kalley. Além de acrescentar composições novas, a partir de 1899, o Dr. Rocha começou a inserir índices minuciosos e também antífonas e cantochões, elevando o hinário ao nível das melhores e mais completas coleções de hinos evangélicos do mundo.

Os primeiros hinos evangélicos em língua portuguesa eram versões de hinos já conhecidos popularmente em língua inglesa. Dá-se o nome de “versão” porque a tradução literal das letras, muitas vezes, faz perder o sentido e dificulta a harmonia poética dos versos. Por isso, o versionista precisa encaixar palavras para não perder o sentido e manter a beleza poética, além da harmonia musical. Como o enfoque de nosso estudo está direcionado para a teologia pentecostal, apresentaremos a seguir a relação dos principais versionistas desse período que tiveram canções inseridas no Salmos e Hinos e que depois foram inseridas na Harpa Cristã de 1941:

a) Robert Reid Kalley (1809–1888) foi, juntamente com a sua esposa, Sarah Poulton Kalley (1825–1907), o pioneiro da hinologia evangélica no Brasil. Prepararam, para uso do trabalho que estabeleceram em terra brasileira, a coleção Salmos e Hinos. A sua estrutura, riqueza e qualidade de conteúdo revelam a capacidade artística e a consagração religiosa dos seus organizadores. Com o tempo, a coletânea ampliou-se e foi enriquecida de novas produções, só que a contribuição do casal Kalley permanece em relevo, constituindo

verdadeiro monumento hinológico. Na Harpa Cristã, constam como de autoria de Robert Kalley os hinos “Cristo! Meu Cristo” (HC 190), “Benigno Salvador” (HC 192) e “A decisão” (HC 201).

b) Henry Maxwell Wright (1849–1931), cujo nome acha-se intimamente ligado à hinologia luso-brasileira, foi evangelista por conta própria, havendo trabalhado em Portugal e no Brasil. Filho de pais ingleses evangélicos, naturalizou-se inglês. Dedicava-se ao comércio, tendo viajado para Londres com essa finalidade. Ali se converteu, dedicando-se por algum tempo, em uma escola noturna, ao ensino de garotos das ruas londrinas e, também, à pregação ao ar livre e nos albergues noturnos. Beneficiou-se espiritualmente da campanha revivalista que Moody empreendeu nas Ilhas Britânicas no período de 1874–1875, à qual emprestou a sua colaboração. Abandonou, então, o comércio e, por três anos, consagrou a sua vida à evangelização na Inglaterra e Escócia. Regressou a Portugal em 1878 com o firme propósito de ir fazer missões na China. Deus, porém, determinou-lhe como campo de atividade os países de língua portuguesa. Era uma figura respeitável: estatura elevada, voz cheia e harmoniosa, maneiras afáveis, além de uma poderosa unção. Escreveu um total de 151 hinos e 42 coros, na sua grande maioria (76 hinos e 27 coros) insertos no hinário Salmos e Hinos. Pregador convincente, Wright lia os hinos antes de cantá-los muito expressivamente, ressaltando o conteúdo do texto e tomando-o como tópico para o sermão. Na Harpa Cristã, constam 45 hinos de autoria ou versões atribuídas a ele.

c) Luiz Vieira Ferreira (1835–1908), engenheiro militar, nasceu em 1835 em São Luís-MA, onde fez os seus estudos preparatórios. Cursou Matemáticas na Escola Central da Corte, e as suas aplicações à guerra, na Escola Militar. Poeta inspirado e autor de vários hinos evangélicos. Na Harpa Cristã, consta como sendo da sua versão o hino “Lugar de delícias” (HC 202) e da sua autoria o hino “Mui perto está o dia” (HC 335).

d) Robert Hawkey Moreton (1844–1917) foi um missionário argentino que organizou a Igreja Evangélica Metodista do Porto, em Portugal. Pregou em

várias províncias e traduziu várias obras para a língua portuguesa, além de trabalhar na revisão de mapas bíblicos. Escreveu numerosos cantos dos quais 36 estão nos Salmos e Hinos. Na Harpa Cristã, consta como da sua versão o hino “O Bondoso Amigo” (HC 200).

e) James Theodore Houston (1847–1929) foi um missionário presbiteriano do Board de Nova York, tendo chegado à Bahia em 1874. Permaneceu lá até 1877, quando se transferiu para o Rio de Janeiro, onde exerceu o pastorado. Estendeu a sua atuação a Ubatuba-SP, Cruzeiro-SP e outros lugares. Colaborou com a hinologia evangélica do Brasil com a organização de hinários. A coleção Salmos e Hinos inclui 17 cânticos da sua autoria. Na Harpa Cristã, tem autoria atribuída ao seu nome o hino “Vem, Celeste Redentor” (HC 181).

f) Justus Henry Nelson (1850–1937) foi um missionário americano da Igreja Metodista Episcopal que chegou ao Brasil em 1880 em Belém-PA. Posteriormente, desligou-se da sua missão e trabalhou independentemente a maior parte do tempo em que esteve no Brasil. A implantação de igrejas, educação, trabalho social e hinologia são apenas algumas áreas em que Justus Nelson desenvolvia o seu trabalho. A sua contribuição para a hinódia evangélica é inegável. Além de traduzir diversos hinos, ele mesmo produziu vários textos e melodias. Sete das suas produções encontram-se no Salmos e Hinos. Foi a ele que Gunnar Vingren e Daniel Berg foram apresentados quando chegaram a Belém-PA. Na Harpa Cristã, consta como da sua versão o hino “Saudai Jesus” (HC 42) e, possivelmente, da sua autoria os hinos “O exilado” (HC 36), “Nívea luz” (HC 91) e “Jesus, o bom amigo” (HC 198).

g) João Gomes da Rocha (1861–1947) é o filho adotivo do casal Robert R. Kalley e Sarah P. Kalley. Foi médico e missionário no Brasil, Madagascar e outros locais da África. Estudou música na Escócia, cooperou ativamente com Sarah após o falecimento do seu esposo no preparo de algumas edições de Salmos e Hinos. Depois da morte de Sarah, continuou a obra. Preparou várias edições do hinário até 1919, quando dotou de valiosos índices a quarta edição com música. Rocha também produziu numerosos hinos entre traduções,

adaptações e trabalhos originais. Na Harpa Cristã, consta como da sua versão o hino “Mais perto, meu Deus, de Ti!” (HC 187).

h) Alfredo Henrique da Silva (1872–1950) foi o pastor que sucedeu Robert Hawkey Moreton no pastorado da Igreja Evangélica Metodista do Porto. Foi professor e vereador na cidade do Porto. Exerceu a superintendência da Obra Metodista Portuguesa. Por várias vezes, representou oficialmente o seu país no estrangeiro, inclusive vindo ao Brasil em visita oficial chefiando a delegação portuguesa em 1922. Autor de numerosos cantos sacros, na Harpa Cristã consta como da sua autoria o hino “Invocação e louvor” (HC 185).

i) Antônio Almeida (1879–?) foi pastor da Igreja Presbiteriana e lecionou no Seminário Presbiteriano do Norte por 27 anos. Por algum tempo, exerceu o cargo de secretário do Consulado Americano. Almeida foi autor de vários livros e cerca de 200 hinos entre composições, traduções e adaptações. Na Harpa Cristã, consta como da sua versão o hino “A mensagem da cruz” (HC 291) e da sua autoria o hino “Cristo pensa em mim” (HC 524).

j) José Calazans (?–?). Pouco se sabe sobre ele, mas, segundo a historiadora Henriqueta Rosa Fernandes Braga, ele exerceu atividades musicais em Recife-PE no início do século XX e teve contato com o missionário batista W. C. Taylor. Na Harpa Cristã, consta como da sua versão o hino “Crentes, cantai” (HC 436).

A Música como Instrumento de Evangelização e Doutrinamento no Cristianismo

No cristianismo, a música cumpre o papel tanto de evangelização como de doutrinamento. Nos primeiros séculos, os cristãos usavam a música para afirmar os dogmas da fé. Em anos posteriores, Lutero e Calvino usaram esse recurso para evangelizar e doutrinar. Nas campanhas evangelísticas no período dos avivamentos na América do Norte, a música exerceu um papel de grande importância, pois a bela melodia aliada à mensagem bíblica da salvação sensibilizava o ouvinte, fazendo-o arrepender-se dos seus pecados. Depois, esse novo convertido era discipulado, e a música servia como instrumento de doutrinação na fé cristã. Os hinos congregacionais, aliado ao ensino das escolas bíblicas, serviam para inculcar doutrinas a respeito de Deus, de Jesus Cristo, do Espírito Santo, do perdão de pecados, da justiça divina, do juízo e da vida eterna. Hinos com estruturas poéticas e musicais simples expunham, em poucas palavras, as grandes doutrinas da fé cristã.

A hinódia do protestantismo de missão no Brasil

As primeiras expressões protestantes no Brasil não tinham por propósito o proselitismo; por isso, chamamos de Protestantismo de Imigração. Esse tipo de protestantismo era uma espécie de manifestação cultural dos imigrantes. Sendo assim, os cultos eram realizados nos seus idiomas maternos. Diferentemente, o Protestantismo de Missão tinha por propósito converter os brasileiros e suplantar o catolicismo. A maioria dos missionários veio da América do Norte sob a influência da teologia dos avivamentos, e, com isso, os hinos que foram sendo traduzidos para o português traziam consigo esse teor teológico, conforme comenta Antonio Gouvêa Mendonça:

> O exame do Salmos e Hinos mostra que, na sua composição final, salvo a coleção do Salmos metrificados, em número de 25, e algumas outras composições que apontam para o protestantismo clássico, o restante que compõe a maioria absoluta da coleção mostra sensivelmente sua origem avivalista e missionária dos grandes avivamentos protestantes. Creio poder classificar essa maioria absoluta como “chorus” (Coro), na terminologia de David Martin. Ora, se esses “chorus”, na sua origem, estavam ligados aos grandes movimentos de despertamento religioso, tanto ingleses como americanos, vão ser no Brasil muito apropriados para atingir a camada social mais ou menos similar a dos trabalhadores das cidades industriais da Inglaterra e a das frentes pioneiras norte-americanas [...]. Em suma, o transplante do protestantismo americano para o Brasil foi duplamente comprometido; por um lado, pela teologia dos missionários que tinham bebido na fonte comum do “melting-pot” (Caldeirão) religioso norte-americano, com a sua teologia dos avivamentos, igreja espiritual, escolasticismo, pietismo e apocalipsismo e, por outro lado, pelas condições do novo ambiente, com seu sistema piramidal-hierárquico, pobreza e isolamento social, que favoreceu o escapismo, assim como o condicionamento religioso dos próprios adeptos. (MENDONÇA, 1995, p. 221)

Chegamos ao entendimento que, no Protestantismo de Missão, os hinos cumpriram um papel de relevância no ensino da teologia armínio-wesleyana. Sarah P. Kalley, por exemplo, realizou a primeira Escola Bíblica Dominical em 1855, antes mesmo de haver uma igreja local, que só surgiu em 1858. Nesse contexto, a música era indispensável, conforme comenta Henriqueta Rosa F. Braga:

> Nos cento e cinco anos decorridos desde esse memorável domingo até a presente data (1960), jamais deixaram os hinos sacros de desempenhar papel de relevância nas numerosas e sempre crescentes Escolas Dominicais que, desde então e pela graça de Deus, se vêm organizando por todo o Brasil. (FERNANDES BRAGA, 1961, p. 109, grifo nosso)

De fato, no decorrer da história do protestantismo no Brasil, observamos que as Escolas Bíblicas Dominicais foram espaços de ensino teológico e secular. No que se refere ao ensino secular, as igrejas serviram de escolas paroquiais, conforme comenta Antonio Gouvêa Mendonça:

> A luta dos protestantes por um espaço religioso na sociedade brasileira desenrolou-se em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista. O educacional se desenvolveu em dois outros níveis: o ideológico, cujo objetivo era introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, e o instrumental, cujo objetivo era auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população. O primeiro foi representado pelos grandes colégios americanos e o segundo pelas escolas paroquiais. (MENDONÇA, 1995, p. 81, grifo nosso)

Entenda a expressão grifada como trabalho de alfabetização, pois o alto índice de analfabetismo na população pobre (camada inferior) foi um grande desafio para a obra missionária.

O desafio dos missionários: o analfabetismo

A convicção da fé cristã de tradição protestante é a de que Deus continua a falar através da pregação. Nesse contexto, é importante que o fiel tenha um mínimo de capacidade de leitura para acompanhar os cantos no hinário e as citações da Bíblia. O alto índice de analfabetismo no Brasil no fim do século XIX e início do século XX foi um grande problema enfrentado tanto pelos missionários do Protestantismo de Missão (MENDONÇA, 1995, p. 96) como pelos pentecostais (VINGREN, 2008, p. 126).

Diante de tão grande embaraço, os missionários precisavam de um método didático para inculcar as doutrinas cristãs na mente dos neófitos. Uma solução poderia ser o uso de uma iconografia, mas o protestantismo brasileiro possui características anticatólicas (MENDONÇA, 1995, p. 233), isto é, iconoclasta por natureza. Assim, as imagens como forma de ensino não seriam uma solução adequada ou não admitida. Nesse ínterim, a música foi a grande solução, porque o povo canta aquilo que crê. Sendo assim, a melodia ou a métrica da poesia são interessantes, permanecem facilmente na memória e trazem de volta ao pensamento as suas palavras que, sucessivamente, ao serem relembradas, continuam a enfatizar o ensino. No Protestantismo de Missão, percebe-se esse incremento:

> [...] o protestante não cantava os seus hinos só nos momentos formais do culto, mas no cotidiano de seus afazeres e lazer. Isso ocorria como expressão de fé e, é certo, em substituição aos cânticos profanos que lhes ficavam interditos. Os cânticos profanos eram expressões mundanas e deviam ser abandonados. (MENDONÇA, 1995, p. 220)

Veja que os hinos eram entoados no dia a dia do crente e até mesmo nos momentos de entretenimento. Como consequência, as doutrinas bíblicas e

teológicas eram inculcadas. A Assembleia de Deus também fez uso desse mesmo instrumento de doutrinamento, pois, segundo Gustavo Nordlund:

> Quando os brasileiros vêm aos cultos, gostam de possuir um hinário para cantar, e ainda que cantem todos os hinos com a mesma melodia, como fazem muitas vezes, mesmo assim, querem cantar. E se não sabem ler cantam a melodia como podem, e se sentem satisfeitos. (VINGREN, 2008, p. 117, grifo nosso)

Ainda, Lewi Pethrus, por ocasião da sua visita ao Brasil, relata a sua percepção acerca do assunto:

> Depois cantaram todos o velho hino “De Deus as santas promessas hoje se cumprirão”. O hino foi entoado debaixo de um maravilhoso poder. A maioria cantou sem hinário. Muitos aprendem os hinos de memória, pois não sabem ler. (VINGREN, 2000, p. 168, grifo nosso)

Com isso, nas Assembleias de Deus, foi sendo estabelecida uma tradição oral (POMMERENING, 2011, p. 118) que fazia uso da pregação e dos hinos para propagar as doutrinas da teologia pentecostal. Podemos citar, como exemplo de doutrinação pelos hinos, um de autoria atribuída a Samuel Nyström chamado “Meu Testemunho” (HC 87). As suas estrofes relatam a sequência de experiências que servem como modelo do que se espera na vida de um crente pentecostal, conforme explicado na tabela abaixo:

Letra do Hino
Justificado estou; Cristo Jesus me livrou; Ele é meu Mediador, Também, meu bo

Jesus, sou Teu, e Tu és meu; Me guiarás para o céu; Com graça e paz me satisfa:
Santificado fiquei, Quando a Ele roguei; Ele me disse: tomai; De minha graça us
Fui redimido, também, Obra do meu Sumo Bem; Tudo de graça ganhei; Nada p
Ele a promessa me deu, Do Guia santo do céu; Também me disse: ficai, E o bati
Quando a Ele busquei, E batizado fiquei, Línguas estranhas falei, E meu Senhor
Agora, vou trabalhar, E muitas almas ganhar; Essas que Ele salvou, Quando na c

Quando os missionários suecos chegaram a Belém-PA, em 1910, o Salmos e Hinos já era uma hinódia conhecida entre os crentes brasileiros. Observe este relato do pastor Paulo Leivas Macalão, datado de 1923 e registrado no Diário do Pioneiro:

> Mais tarde chegou do Norte o irmão Heráclito Menezes, que estabeleceu à tarde na casa do irmão Brito uma Escola Dominical, e oração nos sábados, à noite. A reunião de oração começava às 19 horas, com cânticos do “Salmos e Hinos”. Lia-se uma pequena passagem e se orava até as 23 horas, de joelhos. (VINGREN, 2000, p. 137, grifo nosso)

Nos primeiros anos de atividades das Assembleias de Deus no Brasil, os cantos entoados nos cultos eram dos Salmos e Hinos. Neste ponto, os missionários pentecostais suecos foram semelhantes aos missionários oriundos do Protestantismo de Missão que vieram depois da chegada de Robert Kalley. Eles lançaram mão de uma hinódia pronta no idioma da terra e que era bem eclética. Entretanto, os pentecostais perceberam que a hinódia do Salmos e Hinos não retratava a perspectiva pentecostal. Emílio Conde escreve sobre isso:

> Nos primeiros anos de atividade, as Assembleias de Deus usavam os Salmos e Hinos, um hinário comum a várias denominações evangélicas. Todavia, a vida, as atividades e as doutrinas específicas exigiam o uso de uma hinologia essencialmente pentecostal. (CONDE, 2008, p. 44)

O Salmos e Hinos não se Adéqua à Realidade Assembleiana

A teologia expressa no Salmos e Hinos é aquela que foi vivenciada no período dos avivamentos na América do Norte e que foi transplantada para o protestantismo brasileiro por intermédio dos missionários oriundos de missões americanas. Traziam consigo uma perspectiva armínio-wesleyana com uma influência pietista. Entretanto, o movimento pentecostal brasileiro, apesar de ter praxes teológicas semelhantes ao Protestantismo de Missão, faltava retratar as suas principais ênfases: revestimento de poder para o serviço, a manifestação das línguas estranhas como evidência inicial do batismo no Espírito Santo, a atualidade dos dons espirituais e a volta iminente de Jesus. Ao analisar os hinos da Harpa Cristã, ficou perceptível que a tradição teológica que influenciou os pioneiros foi aquela que nasceu a partir da doutrina da obra consumada no Calvário elucidada por William Durham. Foi sob essa perspectiva que se desenvolveu a teologia das Assembleias de Deus no Brasil.

O empreendimento Harpa Cristã: um hinário pentecostal

Visto a necessidade de explicitar as doutrinas pentecostais por meio dos cantos, começou-se um empreendimento para elaborar uma hinódia pentecostal. O primeiro trabalho realizado nessa direção foi por iniciativa dos próprios missionários suecos em Belém-PA, quando, em 1917, foi elaborada a primeira coletânea com 194 hinos (VINGREN, 2000, p. 137). Não há como saber quais eram esses hinos; contudo, como o Salmos e Hinos foi o primeiro hinário usado, é possível que alguns desses 194 hinos pudessem ser oriundos do Salmos e Hinos. Em 1921, sob a coordenação de Almeida Sobrinho, foi lançado o Cantor Pentecostal, contendo 44 hinos e 10 corinhos. Em 1922, foi lançada a primeira edição da Harpa Cristã, contendo 100 hinos.

Analisando os fatos até aqui, dá a entender que, a princípio, essa empreitada foi uma iniciativa individual de certas pessoas, e não um empreendimento institucional da Assembleia de Deus do Brasil. Até porque seria um anacronismo afirmar que houve uma cooperação envolvendo as Assembleias de Deus de todo o Brasil antes de 1930. É possível que a elaboração da Harpa Cristã como empreendimento institucional somente tenha ocorrido a partir da terceira edição, em 1932. Observe o relato de Samuel Nyström:

> O nosso hinário “Harpa Cristã” já teve cinco edições desde 1920. A primeira edição foi de 1 mil exemplares com cem hinos, a segunda, de 3 mil exemplares com 300 hinos. Estas duas edições foram feitas pelo evangelista Adriano Nobre. Depois eu mesmo publiquei a terceira edição, que foi com 400 hinos e 5 mil exemplares. A quarta edição foi de 10 mil exemplares com 458 hinos e a quinta, com 512 hinos, foi de 8 mil exemplares. Da quarta edição foram publicados mais 4 mil exemplares”. (VINGREN, 2008, p. 126)

Nessa época, já havia ocorrido a Convenção de 1930, e Samuel Nyström já assumira a presidência da Assembleia de Deus em São Cristóvão, na antiga capital federal, e começava a desenvolver uma liderança nacional (MORAES, 2011, pp. 302 e 305). Entretanto, a grande empreitada em relação à Harpa Cristã aconteceu em 1937, quando, na Assembleia Geral da CGADB reunida em São Paulo, foi designada uma comissão para editar e imprimir a primeira Harpa Cristã com letra e música. Foram nomeados para a referida comissão: Emílio Conde, Samuel Nyström, Paulo Leivas Macalão, Jahn Sörheim e Nils Kastberg. Em 1941, ficou pronta a Harpa Cristã, "corrigida e ampliada" por Paulo Leivas Macalão, com 524 hinos e música impressa. Na edição comemorativa de 90 anos da Harpa Cristã, consta este relato:

> A revisão dos primeiros hinos foi feita pelo missionário e músico norueguês Jahn Sörheim. O jornalista e escritor Emílio Conde auxiliou na correção de alguns hinos. Professor Antônio F. Farias fez a harmonização de algumas músicas. Em seu prefácio, Pastor Paulo Leivas Macalão agradeceu a Deus pelo auxílio nos anos de árduo trabalho com "lutas e angústias, quando, sozinho, tinha que resolver sobre a escolha, correção de hinos e a colocação das letras em suas respectivas músicas". (HARPA CRISTÃ 90 ANOS EDIÇÃO COMEMORATIVA, 2011)

A edição de 1941 tornou-se a mais popular entre as Assembleias de Deus e permaneceu por mais de 50 anos como o hinário oficial de todas as Assembleias de Deus no Brasil. Somente em 1979 é que foi proposto um trabalho de revisão da hinódia, conforme relata Isael de Araujo:

> Em 1979, mediante proposta apresentada pelo Pastor Adilson Soares da Fonseca, o Conselho Administrativo da CPAD, cumprindo resolução da Assembleia Geral da CGADB, reunida em Porto Alegre (RS) naquele ano, convocou uma comissão para proceder a uma revisão geral da música e da letra da Harpa Cristã. A comissão era formada pelos seguintes pastores: Paulo Leivas Macalão, Túlio Barros Ferreira, Nicodemos José Loureiro, Antonio Gilberto e João Pereira. Nesta empreitada, também tomou parte ativa o pastor e consagrado poeta Joanyr

> de Oliveira. Em termos técnicos, os trabalhos contaram com dois obreiros especializados: João Pereira, na correção e adaptação da música, e Gustavo Kessler, na revisão das letras. (MORAES, 2001, p. 342)

O trabalho de revisão começou efetivamente em 1984 e foi concluído em 1992, dando origem à Nova Harpa Cristã. Não houve, no entanto, uma boa aceitação desta em virtude de ter sido trocada a sequência numérica a que a igreja estava acostumada. Com isso, em 1996, foi lançada a Harpa Cristã com 640 hinos (636 hinos com mais 4 hinos pátrios) seguindo a sequência numérica tradicional (até 524) sendo acrescida de mais 116 hinos. Nesse acréscimo, foram incluídos hinos clássicos,[2] coros,[3] novas composições[4] e outros hinos litúrgicos.[5] Contudo, esses 116 hinos não serão alvo de nossa análise porque não contemplam a teologia pentecostal clássica, e, a partir daqui, concentrar-nos-emos nos 524 hinos da Harpa Cristã "corrigida e ampliada" por Paulo Leivas Macalão, de 1941.

A Harpa Cristã é uma coletânea de hinos pertencentes a vários hinários pentecostais ou não pentecostais. Ela reuniu composições/versões de diversos autores e versionistas pentecostais e não pentecostais, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Ocorreu, principalmente, a tradução de várias letras da hinódia escandinava (MORAES, 2011, p. 497) e hinos cristãos consagrados em língua inglesa.[6] Os missionários suecos traduziram literalmente as letras dos hinos do idioma sueco para o idioma português, e coube ao pastor Paulo Leivas Macalão (que também era músico) a elaboração das versões, adequando as palavras sem perderem o sentido, bem como ajustando a melodia (MORAES, 2001, pp. 341, 342).

Segue abaixo a relação dos autores e versionistas pentecostais brasileiros que tiveram as suas canções inseridas na Harpa Cristã de 1941:

a) A. Teixeira da Silva (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino "Ó cristão, eia avante" (HC 11). Supõe-se que seja pentecostal, porém não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

b) Adriano Nobre (1883–1938) foi filho de seringalistas paraenses, nascido em Pacatuba-CE. Era comandante de navio da Companhia “Port of Pará”. Oriundo da Igreja Presbiteriana, Nobre atuou como evangelista, pastor e pioneiro das Assembleias de Deus no Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, sendo o quinto brasileiro ordenado ao ministério pastoral nas Assembleias de Deus.

Nobre editou a primeira edição da Harpa Cristã publicada em 1922 em Recife-PE.

Na Harpa Cristã, constam como sendo da sua autoria os hinos “Saudosa lembrança” (HC 2), “Plena paz” (HC 3), “Eu Te louvo” (HC 10) e “Meu Pastor” (HC 413).

c) Almeida Sobrinho (1875–?). José Manoel Cavalcante de Almeida Sobrinho, mais conhecido por Almeida Sobrinho, nasceu na cidade de Recife-PE. Cursou apenas o ensino fundamental, tendo-se tornado um autodidata, condição que lhe permitiu aprender o idioma inglês. Mais tarde, tornou-se membro da Igreja Batista, desenvolvendo os seus estudos teológicos na Escola Teológica de Zacarias Taylor, na Bahia. Posteriormente, a convite do missionário batista Eurico Nelson, fundador da Igreja Batista de Belém-PA, assumiu o pastorado dessa igreja em 1898. Houve, no entanto, considerável divergência no seio da igreja em razão, possivelmente, da insegurança de Almeida Sobrinho nas suas decisões, o que causou insatisfação nos crentes, culminando com a sua saída acompanhado de 16 outros membros.

No começo do ano de 1900, Almeida Sobrinho e os crentes que o acompanharam fundaram uma nova denominação, a Igreja Cristã Evangélica, que dissolveu posteriormente. Entre idas e vindas, pastoreou outras Igrejas Batistas. Acabou transferindo-se para a Assembleia de Deus em Belém-PA, havendo ainda dúvidas de quando isso ocorreu, sendo certo que foi entre 1914 e 1916, permanecendo assembleiano até 1924.

Três fatos marcaram a sua presença nas Assembleias de Deus: o primeiro foi a sua participação com João Trigueiro no lançamento da primeira publicação pentecostal do Brasil, o jornal Voz da Verdade; o segundo foi o seu trabalho como editor do hinário Cantor Pentecostal em Belém-PA, em 1921; e o terceiro foi a sua participação na Escola Bíblica das Assembleias de Deus, realizada na

Assembleia de Deus de Belém-PA no período de 4 de março a 4 de abril de 1922.

A sua colaboração na Harpa Cristã foi extremamente valiosa, e, na edição de 1941, constam seis hinos da sua autoria (HC 12, 18, 102, 103, 174 e 521) e catorze hinos da sua versão (HC 24, 98, 129, 188, 225, 232, 240, 300, 358, 372, 423, 463, 482 e 509). As informações sobre ele após 1924 são desconhecidas.

d) Angelina Eulina (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “O festim de glória” (HC 457). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

e) Augusto C. Barbosa (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “A doce e preciosa voz” (HC 520). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

f) Antônio Alves dos Santos (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “Quero ver a Jesus Cristo” (HC 500). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

g) Antônio Cabral (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “Sob as asas de Deus” (HC 369). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

h) Antônio G. de Figueiredo (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “Doxologia” (HC 487). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

i) Antônio Torres Galvão (1905–1954). Nascido em Goianinha-RN, foi levado a Cristo pelo pastor Amaro Celestino, que estava acompanhando o missionário Joel Carlson em visita a Natal-RN.

Pregador, pastor, político, ex-líder sindical, articulista, compositor e escritor, Galvão tem destacada história nas Assembleias de Deus não somente pela militância da fé, mas também por conta da sua liderança no Sindicato de Fiação e Tecelagem em Paulista-PE, que representava os funcionários de quatro fábricas pertencentes às Casas Pernambucanas.

Autodidata, Galvão trabalhou como juiz do trabalho e intérprete de funcionários estrangeiros que trabalhavam em Pernambuco. Conseguiu reconhecimento e representação para eleger-se deputado estadual em 1946, sendo reeleito em 1950 com a maior votação para o cargo em Pernambucano.

Com a morte do governador Agamenon Magalhães, sendo já presidente da Assembleia Legislativa, assume o governo num mandato de 110 dias até a posse do novo chefe do executivo estadual. Na Harpa Cristã de 1941, constam dois hinos da sua autoria (HC 90 e 309) e uma versão (HC 370).

Faleceu em 1954 vítima de um infarto, poucos meses antes de concluir o seu mandato. Galvão planejava lançar-se candidato a prefeito de Paulista-PE, sendo já cotado como favorito.

j) Domingos Lins (?–?) tem o seu nome atribuído à autoria de seis hinos (HC 150, 312, 356, 425, 475 e 479). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

k) Emílio Conde (1901–1971), reconhecido como “o apóstolo da imprensa pentecostal brasileira”, foi jornalista, escritor, historiador, compositor e músico.

Na capital paulista, conheceu a Congregação Cristã do Brasil e converteu-se em 1919, sendo, em seguida, batizado no Espírito Santo. Em 1923, conheceu

Gunnar Vingren, quando este pregou na Congregação Cristã.

Quando se mudou para o Rio de Janeiro, Conde passou a frequentar a Assembleia de Deus em São Cristóvão, pastoreada na época pelo missionário Samuel Nyström, tornando-se membro logo em seguida. Pelo seu profundo conhecimento autodidata, foi convidado pelo missionário Nils Kastberg, em 1937, para ajudar na nascente imprensa da Assembleia de Deus como redator do jornal Mensageiro da Paz. Desse momento em diante, tornou-se colaborador até ser admitido oficialmente como funcionário da CPAD em 1940.

De 1946 a 1958, representou oficialmente as Assembleias de Deus do Brasil nas Conferências Mundiais Pentecostais em Estocolmo, Londres e Toronto. Durante muitos anos, também representou a denominação na Diretoria e em Comissões da Sociedade Bíblica do Brasil. Mesmo não sendo pastor, foi eleito secretário das Convenções da CGADB em 1932 e 1933, tendo participado ativamente de debates e comissões em várias convenções das décadas de 1930 a 1950. Na Convenção Geral de 1968, por motivo de doença, Emílio Conde renunciou ao cargo de diretor do Mensageiro da Paz.

No início de 1971, doente e com complicações pós-operatórias, foi internado no Hospital Evangélico, na Tijuca, e faleceu no dia 5 de janeiro de 1971. Emílio Conde compôs oito hinos da Harpa Cristã e traduziu outros catorze.

l) Francisca F. Menezes (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “Jesus Cristo, bem amado” (HC 412). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

m) Francisco Nogueira de Queiroz (1891–1983) nasceu na cidade de Nova Morada-CE e foi evangelista. Escreveu vários hinos no seu ministério; no entanto, apenas um deles foi inserido na Harpa Cristã: “Jesus Ressuscitado” (HC 339).

n) Francisco Pereira do Nascimento (1904–1968), nascido em Santa Isabel-PA,

converteu-se ao evangelho em 1929 na cidade de Belém-PA e cedo começou a destacar-se nas pregações. Certo dia, o missionário Nels Nelson, ao vê-lo pregar, ficou admirado e pediu que o procurasse no templo central em Belém-PA.

Sapateiro de profissão, Nascimento não possuía muito estudo formal; porém, assim como muitos obreiros da sua época, tornou-se autodidata e aprofundou-se nos conhecimentos bíblicos. Trabalhou como evangelista no interior do Pará e Maranhão. Percorria a pé grandes distâncias e cuidou de várias igrejas. Ordenado ao ministério em 1934, continuou a sua carreira pastoreando igrejas no interior do Pará e outras de maior destaque, como, por exemplo, as Assembleias de Deus em São Luís-MA, Manaus-AM e Belém-PA.

Em 1953, 1955 e 1959 foi presidente da CGADB e, em 1960, assumiu a Assembleia de Deus em São Cristóvão-RJ a convite do missionário Nels Nelson. Com a saúde precária, foi jubilado em 1964, sendo substituído pelo pastor Túlio Barros Ferreira. Na Harpa Cristã, consta como sendo da sua autoria o hino “Vamos todos trabalhar” (HC 376).

o) Guido W. de Oliveira (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “Nós somos teus” (HC 411). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

p) João Pereira de Queiroz (1887–1982) nasceu na cidade de Pau dos Ferros-RN e foi considerado o “apóstolo do Baixo Amazonas”. Aceitou a Jesus como o seu Salvador em 1917 em Arajás-PA e foi batizado no Espírito Santo nesse mesmo ano. Logo depois de ter sido batizado nas águas e com o Espírito Santo, tornou-se um pregador do evangelho. A sua ordenação ao pastorado foi em 1919 pelo missionário Gunnar Vingren na cidade de Timboteua-PA.

Partiu para o Baixo Amazonas e iniciou o trabalho do Senhor em Óbidos-PA. Estando lá, trabalhando por algum tempo, o Senhor em um sonho mostrou-lhe uma estrada e várias árvores, onde estavam fixadas várias letras, que, ao serem agrupadas, formavam o nome Santarém. Ele entendeu, então, que o Senhor estava enviando-o à referida cidade e, depois de conhecê-la, transferiu-se com a sua família em 1928, tendo sido o primeiro pastor da Assembleia de Deus em

Santarém-PA.

O reconhecimento do seu trabalho fez o missionário Nels Nelson entregar-lhe o pastorado da Assembleia de Deus em Belém-PA nos anos de 1941 e 1942, quando esteve de férias. De 1946 a 1949, foi pastor em Manaus-AM e depois voltou para Santarém-PA, onde ficou até 1955, quando se transferiu para Abaetetuba-PA. Aos 70 anos, retornou para a região da Estrada de Ferro Belém-Bragança e foi pastorear o campo de Santa Izabel-PA, nele ficando até 1966.

Em 1968, aos 81 anos, foi jubilado. Na Harpa Cristã, consta como sendo da sua autoria o hino “Olhando para o Calvário” (HC 382).

q) José Bezerra Cavalcante (?–1939). De origem presbiteriana, provavelmente recebeu o batismo no Espírito Santo em 1919 e foi consagrado em 1926 pelos missionários Samuel Nyström e Nels Nelson. A pedido dos crentes do Piauí, Cavalcante foi escolhido pela Convenção do Pará para ir à Teresina-PI fundar a Assembleia de Deus em 1936. Na Harpa Cristã, consta como sendo sua versão o hino “Ceia do Senhor” (HC 22).

r) José Felinto (?–1930) foi evangelista, pastor e pioneiro das Assembleias de Deus no Pará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Felinto participou da primeira Convenção Geral realizada em Natal-RN em 1930 e veio a falecer nesse período. Na Harpa Cristã, consta como sendo sua versão o hino “Ouve, ó pecador” (HC 95).

r) José Rodrigues (?–?[7]). Um fato peculiar que contam sobre ele é que nunca se casou e, segundo afirmam, nem sequer teve namorada. A data do seu nascimento e falecimento é desconhecida, contudo é certo que já tenha falecido. Na Harpa Cristã, constam dois hinos como sendo sua versão (HC 1 e 96), e ele tem o seu nome atribuído à autoria de três hinos (HC 5, 8 e 84).

s) José Teixeira de Lima (?–?). Apesar de existirem 23 composições e/ou versões atribuídas ao seu nome, não foram encontrados registros sobre a sua biografia até o momento. A única informação obtida é que ele era pentecostal assembleiano.

t) Julião Pereira da Silva (1874–1938) converteu-se ao evangelho em 1920 na Assembleia de Deus em Belém-PA e era sargento músico da brigada militar da polícia.

Durante muito tempo, lutou contra uma enfermidade na garganta, mas Deus curou-o. Em 1922, foi separado diácono e, em 1924, foi ordenado pastor. Trabalhou na Região Norte, principalmente em Belém-PA, e dirigiu a Assembleia de Deus em Fortaleza-CE por dois anos (1931 e 1932).

Como músico, formou o primeiro coral da Assembleia de Deus em Belém-PA, que contava com dezessete componentes e cantou pela primeira vez em 1925. Teve participação fundamental para a formação da terceira edição da Harpa Cristã, em 1932.

Na edição de 1941, consta como sendo da sua autoria o hino “Minha alma te quer” (HC 513).

u) Manoel Sabino Bezerra (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “Sublime e grande amor” (HC 89). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

v) Maria Antônia Nobre (?–?). O único dado encontrado sobre ela é que foi esposa de Adriano Nobre, com quem teve quatro filhos. Constam como sendo da sua autoria os hinos “Servir a Jesus” (HC 147) e “Peregrinos somos” (HC 392).

w) Paulo Leivas Macalão (1903–1982) foi evangelista, músico, compositor,

pastor, fundador da Assembleia de Deus do Ministério de Madureira e antigo líder da CGADB.

Nascido em Santana do Livramento-RS, migrou cedo para a cidade do Rio de Janeiro com a sua família em virtude de o seu pai ser Oficial do Exército. Em 1924, converteu-se ao evangelho quando teve contato com crentes pentecostais que vieram do norte do Brasil. Mesmo a contragosto do seu pai, ele permaneceu assíduo aos trabalhos realizados na chamada “Igreja do Orfanato”, situada na rua São Luiz Gonzaga, no 12, São Cristóvão-RJ.

Nesse mesmo ano, os crentes que se reuniam na casa da família Brito resolveram organizar a primeira Assembleia de Deus no Rio de Janeiro (a então capital federal) e, de comum acordo, elegeram Heráclito Menezes como pastor, João Nascimento como diácono e Paulo Leivas Macalão como secretário.

Naquele tempo, o “irmão Paulo” já andava de casa em casa arrebanhando crentes e descrentes. Ele andava vestido da roupa do Colégio Militar e tinha uma pregação muito contundente e rigorosa com voz muito alta, fato este que lhe acarretava algumas restrições por parte de alguns que alegavam que ele “espantava os irmãos”.

Ainda em 1924, o missionário Gunnar Vingren veio com a sua família ao Rio de Janeiro para assumir o pastorado da recém-criada Assembleia de Deus em São Cristóvão-RJ. Ele realizou o primeiro batismo da igreja nas águas da praia do Caju e, entre os batizados, estava o irmão Paulo. Não demorou muito para o jovem Paulo receber o batismo no Espírito Santo; a partir dessa experiência, decidiu que não seguiria a carreira militar e que daria dedicação plena à pregação do evangelho. Macalão realizou o primeiro culto ao ar livre no Campo de Santana, evangelizou o subúrbio e pregou nas cidades de Petrópolis-RJ e Niterói-RJ. Com o seu violino, despertava a atenção das pessoas atraindo-as com a mensagem dos hinos e das pregações. A força com que pregava e a convicção com que dirigia os seus ataques violentos contra o pecado vieram a ser motivo de censura para alguns.

Em 1926, censurado e incompreendido, decidiu pregar exclusivamente nos subúrbios, tornando-se pioneiro na evangelização de Realengo, Bangu, Parada de Lucas, Santa Cruz e Campo Grande. Em 1930, após seis anos de trabalho ininterrupto, o missionário Gunnar Vingren, aproveitando a vinda do pastor Lewi Pethrus ao Brasil, consagrou Paulo Leivas Macalão ao ministério pastoral.

Bangu foi a localidade escolhida por ele para iniciar as suas atividades como ministro, e ali Macalão inaugurou o primeiro templo da Assembleia de Deus na cidade do Rio de Janeiro — isso já em 1933.

Em 1934, na Assembleia de Deus em Bangu-RJ, foi realizado o casamento de Paulo Macalão com Zélia Brito pelo missionário Samuel Nyström. Nesse mesmo ano, a sede foi transferida de Bangu para Madureira, e, a partir de lá, a obra expandiu para o interior do Rio de Janeiro e outros Estados como: Minas Gerais, Paraná, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Espírito Santo e Distrito Federal.

Em 1948, foi lançada a pedra fundamental do atual templo da Assembleia de Deus em Madureira-RJ, e este templo foi inaugurado em 1953. Em 1958, o pastor Paulo Leivas Macalão foi eleito o pastor geral do Ministério de Madureira e igrejas filiadas.

Na CGADB, a participação dele é registrada em 1933; contudo, é bem provável que ele tenha estado presente na Convenção de 1931 presidida por Gunnar Vingren. O seu nome consta como sendo um dos fundadores da CGADB, quando esta ganhou personalidade jurídica em 1946. Uma das grandes obras que marcaram a sua vida foi, sem dúvida, a elaboração da Harpa Cristã de 1941. Ele traduziu hinos do francês, inglês, espanhol, italiano e sueco. Foram dois anos de trabalho, e a sua esposa, Zélia, cantava para ele poder acertar as letras.

Macalão traduziu oito hinos de um hinário editado por ocasião do avivamento da Letônia, entre os quais se encontram os hinos “Um povo forte” (HC 340) e “Os dons do céu” (HC 349). Constam 54 hinos da sua autoria e 192 hinos de sua versão, totalizando 246 hinos com as suas iniciais (PLM).

x) Sebastião J. Nóbrega (?–?). Consta como sendo da sua autoria o hino “O nascimento de Jesus” (HC 366). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

y) Severino Silva (?–?). Constam como sendo da sua autoria os hinos “O estandarte da verdade” (HC 162) e “Guia meus passos” (HC 458). Supõe-se que seja pentecostal, mas não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

Segue, ainda, a relação dos autores e versionistas pentecostais estrangeiros não escandinavos que tiveram canções inseridas na Harpa Cristã de 1941:

a) Ernesto Wootton[8] (?–?), de nacionalidade inglesa, chegou ao Brasil no ano de 1909 e trabalhou em São Luís-MA lecionando inglês para ajudar no sustento. Conheceu uma aluna que, mais tarde, veio a tornar-se a sua esposa, Ana Correia de Araújo.

Traduziu várias porções da Bíblia e todo o Evangelho de João para a língua dos Guajajaras e compilou um hinário com mais de 100 hinos e coros para serem cantados pelo povo de Deus.

Conta-se uma história que Ernesto Wootton muito desejou incluir dois dos seus hinos no Cantor Cristão, mas não conseguiu. Entretanto, conquistou a simpatia e admiração dos líderes da Assembleia de Deus no Brasil pela sua história. Na Harpa Cristã, teve incluídos dois hinos da sua autoria (HC 124 e 396) e mais seis versões (HC 112, 113, 130, 141, 148 e 519).

b) Bruno Skolimowsky (1884–1961) foi um imigrante vindo da Polônia que chegou a Belém-PA em 1909 em busca de trabalho. Em 1919, foi alcançado pela mensagem do evangelho e, mais tarde, foi consagrado a pastor. Skolimowsky pastoreou a Assembleia de Deus no Ceará, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e São Paulo e foi o fundador da Assembleia de Deus no Estado do Paraná. É autor dos hinos: “O povo de Deus na terra” (HC 455) e “Sede fortes” (HC 477).

c) Orlando Spencer Boyer (1893–1978) foi um missionário de origem estadunidense que dedicou a sua vida à evangelização no Brasil. Chegou em 1927 e atuou no nordeste brasileiro. Ao tomar conhecimento da realidade do batismo no Espírito Santo por meio de Bernhard Johnson e Virgil F. Smith, Boyer começou a buscar essa bênção.

Ele voltou aos Estados Unidos e, em 1935, teve a experiência pentecostal. Em 1936, retomou o trabalho no nordeste e, em 1941, foi para Santa Catarina, onde foi um desbravador. A partir de 1945, dedicou-se à produção literária. Na Harpa Cristã, é autor do hino “Que maravilha!” (HC 466).

d) Mark E. Carver (?–?) é de origem estadunidense e chegou ao Brasil como missionário da Missão Metodista Episcopal do Norte dos Estados Unidos. Posteriormente, desligou-se dessa Missão e fundou a Missão Bethesda em Manaus. Carver fez a versão em português do hino “Firme nas promessas” (HC 107). Além de constar na Harpa Cristã, o referido hino também está inserido em outros hinários com diferentes versões.

e) J. Herbert Mellemberg é autor ou tradutor dos hinos “Ó vem já” (HC 446) e “Crentes, avançai” (HC 448). Ao que tudo indica, é estrangeiro, mas não foi possível identificar a sua nacionalidade, e não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

f) J. F. Jamieson é autor ou tradutor do hino “Cantai, ó peregrinos” (HC 159). Ao que tudo indica, é estrangeiro, mas não foi possível identificar a sua nacionalidade e não foram encontrados dados sobre a sua vida e obra.

Segue, ainda, a relação dos hinos cujos autores e versionistas são desconhecidos (***):

a) Deus velará por ti (HC 4) – versão de um hino de origem estadunidense. No hinário Hinos e Cânticos,[9] a versão é atribuída a Salomão Luiz Ginsburg.

b) Cristo cura sim (HC 7) – versão de um hino de origem britânica. No hinário Cantor Cristão,[10] a versão é atribuída a Salomão Luiz Ginsburg, que preferiu manter o sentido original (“Ele me susterá”); já o versista da Harpa Cristã preferiu fazer uma versão para enaltecer os dons de curar.

c) Marchai, soldados de Cristo (HC 9) – versão de um hino de origem estadunidense. Como se trata de um hino de militância, pode ter tido influência do Exército da Salvação.

d) Pensando em Jesus (HC 17) – não foi encontrado em outro hinário.

e) Rasgou-se o véu (HC 72) – não foi encontrado em outro hinário.

f) Satisfeito com Cristo (HC 86) – versão de um hino de origem estadunidense. No hinário Hinos e Cânticos, a versão é atribuída a Stuart Edmund McNair.

g) Revela a nós, Senhor (HC 88) – não foi encontrado em outro hinário.

h) Fala, Jesus querido (HC 151) – versão de um hino de origem estadunidense.

i) A ovelha perdida (HC 156) – versão de um hino de origem britânica. No hinário Hinos e Cânticos, a versão é atribuída a Stuart Edmund McNair.

j) Resgatados fomos (HC 266) – segundo Walter Brunelli,[11] trata-se de uma versão de um hino de origem estadunidense (mais precisamente do Movimento de Santidade) e que foi traduzida pelo pastor Paulo Leivas Macalão para uma edição extraordinária em 1939. Porém, na edição de 1941, está como autoria desconhecida.

k) Jesus, o melhor amigo (HC 324) – o hino 269 do hinário Hinos e Cânticos, de autoria atribuída a João Gomes da Rocha, tem certa similaridade com esse.

l) A fé dos santos (HC 330) – não foi encontrado em outro hinário.

m) O fim das lutas (HC 357) – versão de um hino de origem estadunidense.

n) Careço de Jesus (HC 421) – não foi encontrado em outro hinário.

o) Comunhão (HC 482) – versão de um hino de origem estadunidense.

p) Há poder no sangue de Jesus (HC 491) – versão de um hino de origem estadunidense.

q) Riqueza divinal (HC 510) – não foi encontrado em outro hinário.

Origem dos cantos: hinódia escandinava em destaque

Já vimos que muitos dos hinos que compõem a Harpa Cristã são versões da hinódia escandinava e hinos cristãos consagrados em língua inglesa. Isael de Araujo comenta sobre isso:

> Foram traduzidos hinos de hinários suecos e americanos pentecostais, pelos missionários Gunnar Vingren, Samuel Nyström, Frida Vingren, Eufrosyne Kastberg e outros. Grande parte desses hinos que veio a fazer parte da Harpa Cristã, hinário assembleiano, teve suas versões musicais feitas pelo pastor Paulo Leivas Macalão. Alguns desses hinários estrangeiros são: Best of all (e.g., o hino "Glória a Deus o Pai eterno"), Segertone (e.g., "Os teus pecados tu queres deixar"), Harrens Lov (e.g., "Oh! Por que duvidar sobre as ondas do mar") e Lovangst (e.g., "Jesus disse aos discípulos no monte ao subir")". (MORAES, 2001. p. 497)

Como já foi mencionado, os missionários suecos traduziram literalmente as letras dos hinos do idioma sueco para o idioma português, e era o pastor Paulo Leivas Macalão que elaborava as versões. Outra percepção ao analisar os hinos é que há uma probabilidade de que os próprios suecos também compuseram hinos inspirados nas suas experiências do campo missionário do Brasil. Observe esse exemplo no hino "As firmes promessas" (HC 459), de autoria de Samuel Nystöm:

Se a febre arde, se extingue a vida

E quer a morte te arrebatar,

Nas Suas promessas terás guarida

Bastante p’ra te abrigar.

Na obra Despertamento Apostólico no Brasil, Samuel Nyström relatou: “Depois desta viagem, a febre da malária tomou conta de mim por dois meses. Não sobrava muito agora do antigo atleta e desportista” (VINGREN, 2008, p. 28). Observamos então que, provavelmente, alguns hinos não foram traduções, mas, sim, inspirados por experiências que eles tiveram no trabalho de evangelização no norte do Brasil.

Segue a relação dos autores e versionistas pentecostais escandinavos que colaboraram com canções que foram inseridas na Harpa Cristã de 1941:

a) Erik Jansson (1885–1971) foi um missionário sueco que foi enviado pela Missão de Örebro para o Brasil em 1912 com o intuito de fundar um trabalho missionário entre os colonos suecos em Guarani-RS; desse trabalho, surgiu a Igreja Batista Independente. Na Harpa Cristã, constam quatro hinos de autoria atribuída a ele: HC 81, 157, 387 e 467 — os três últimos foram em parceria com F. da Silva.[12]

b) Eufrosine Kastberg (1900–1988) foi uma missionária sueca e esposa de Nils Kastberg. São da sua versão os seguintes hinos: HC 295, 297, 302, 305, 351 e 447. Todos eles, exceto o 351, são em parceria com Emílio Conde.

c) Frida Vingren (1891–1940) foi uma missionária sueca, esposa de Gunnar Vingren, enfermeira, poetisa, compositora, musicista, redatora, pesquisadora, pregadora e ensinadora.

Oriunda de uma família de crentes luteranos, formou-se em Enfermagem, chegando a ser chefe da enfermaria do hospital onde trabalhava. Tornou-se

membro da Igreja Filadélfia de Estocolmo, onde foi batizada nas águas pelo pastor Lewi Pethrus em 1917 e, pouco depois, recebeu o batismo no Espírito Santo. Após essa experiência, sentiu o impulso para o movimento missionário e expressou ao pastor Lewi Pethrus a sua vocação.

Frida ingressou no Instituto Bíblico Sueco em Götabro, na província de Närke. Em uma das visitas de Gunnar Vingren à Suécia, ele conheceu Frida, e ambos tornaram-se amigos. Os dois passaram um período em oração pedindo a confirmação de Deus sobre a vocação missionária de Frida e o casamento. Frida partiu para Nova York e lá se encontrou com Gunnar, e juntos vieram para o Brasil, chegando aqui em 1917.

Em 16 de outubro de 1917, em Belém-PA, foi celebrado o casamento de Gunnar com Frida numa cerimônia presidida pelo missionário Samuel Nyström. O casal teve seis filhos: Ivar, Rubem, Margit, Astrid, Bertil e Gunvor (esta última faleceu no Rio de Janeiro em 1932).

Ao iniciar a obra em 1918, muitas surpresas aguardavam o casal, pois Deus havia revelado em profecias que ambos passariam por muitas tribulações — e assim foi. Em 1920, a missionária Frida Vingren foi acometida de malária, sofrendo terríveis ataques de febre. Depois do seu restabelecimento, ela enfrentou o problema de saúde do marido.

A partir do fim daquele ano, Gunnar Vingren começou a sofrer de esgotamento físico em consequência da dedicação exclusiva ao trabalho missionário e das vezes que contraiu malária. Por esse motivo, o casal decidiu passar um período na Suécia. O retorno ao Pará ocorreu em 1923, quando Frida contava 30 anos.

Depois de muitos anos no Pará, a família Vingren decidiu ir para o Rio de Janeiro em 1924 e alugou uma casa no bairro de São Cristóvão-RJ. A missionária Frida Vingren dirigia cultos tanto no salão quanto ao ar livre; ela abriu frentes de trabalho em muitos lugares, liderou a obra social da igreja, bem como grupos de oração e de visitas em hospitais e presídios, além de ensinar na Escola Dominical.

Frida foi colaboradora dos jornais Boa Semente, Som Alegre e Mensageiro da Paz — este substituiu os dois primeiros. Ela também escrevia e traduzia mensagens evangelísticas, doutrinárias e de exortação, além de ter sido comentarista das Lições Bíblicas. Frida também se dedicava à música; cantava,

tocava órgão e violão. Depois de quinze anos dedicados no Brasil, a família Vingren decidiu retornar à Suécia em 1932.

Na Harpa Cristã, trouxe uma contribuição bastante significativa, pois constam 23 hinos com as suas iniciais, sendo 16 versões e 7 da sua autoria.

d) Gunnar Vingren (1879–1933) foi um missionário sueco, pastor e fundador das Assembleias de Deus no Brasil.

Em 1903, viajou para os Estados Unidos e, posteriormente, ingressou no Seminário Teológico Batista em Chicago já em 1904. Em 1909, concluiu o Seminário, e Deus encheu-o de uma grande sede para buscar o batismo no Espírito Santo — e ele não tardou a receber. Os problemas começaram quando ele começou a pregar sobre a experiência do batismo no Espírito Santo na igreja em que pastoreava; a igreja foi dividida entre os que acreditavam e os que não acreditavam na sua pregação, e ele foi forçado a deixar essa igreja.

Vingren frequentou várias igrejas pentecostais, entre elas estão: Missão da Avenida Norte de William H. Durham e a Igreja Pentecostal Sueca, que foi a primeira igreja pentecostal escandinava de Chicago. Em 1910, assumiu o pastorado da Igreja Batista Sueca em South Bend, Indiana, nos Estados Unidos, e esta recebeu com alegria as boas novas, tornando-se uma igreja pentecostal.

A sua chamada para o Brasil deu-se numa reunião de oração onde foi revelado para um irmão chamado Adolf Uldine que Vingren serviria ao Senhor no “Pará”. Ainda em 1910, partiu, juntamente com Daniel Berg, do porto de Nova York com destino a Belém-PA. Desembarcaram em terras brasileiras e tiveram uma dificuldade inicial porque não falavam português. Conheceram um pastor metodista chamado Justus Henry Nelson, que, percebendo que eles eram batistas, os apresentou a Raimundo Nobre, que estava responsável pelos trabalhos da Igreja Batista em Belém-PA, e ficaram hospedados nessa igreja.

Para aprenderem o idioma português, Daniel trabalhava numa fundição durante o dia enquanto Vingren estudava e, à noite, compartilhava o que tinha aprendido. Depois de seis meses, Vingren foi convidado para dirigir um culto de oração. Ele aproveitou a oportunidade para ensinar a realidade do batismo no Espírito Santo e da cura divina. Durante aquela semana, nas reuniões de oração nos lares, o

Senhor curou a senhora Celina Albuquerque de uma doença incurável e, dias depois, batizou-a no Espírito Santo, sendo, então, a primeira pessoa a receber a promessa. Os que não creram na pregação de Vingren acusaram-no de ensinar heresias. Esse fato provocou uma divisão na igreja, resultando na expulsão dos missionários e na exclusão de 18 membros que os apoiaram.

Então, em 18 de junho de 1911, fundaram a Missão da Fé Apostólica (o nome Assembleia de Deus somente foi adotado em 1918). Depois de cinco anos em terras brasileiras, Vingren foi à Suécia, onde, por três meses, pôde compartilhar as maravilhas que Deus operara no Brasil.

Em 1917, pouco antes do seu regresso, ele encontrou-se com a enfermeira Frida Strandberg, que também tinha chamada missionária para o Brasil. Mais tarde, nesse mesmo ano, eles casaram-se em Belém-PA.

Vingren pastoreou a Assembleia de Deus em Belém-PA por 14 anos e, em 1924, fundou a Assembleia de Deus de São Cristóvão, no Rio de Janeiro — a então capital federal. Permaneceu ali até 1932, quando voltou definitivamente para a Suécia em virtude de frequentes enfermidades.

Vingren fundou os jornais Boa Semente, em 1919, em Belém-PA; o Som Alegre, em 1929, no Rio de Janeiro; e o Mensageiro da Paz, que é resultado da fusão dos dois primeiros jornais, em 1930. Viajou por todo o Brasil pregando o evangelho e, em 1930, convidou o pastor Lewi Pethrus para participar da primeira Convenção Geral em Natal. Em 1931, presidiu a segunda Convenção Geral realizada no Rio de Janeiro.

Na Harpa Cristã, constam como sua versão os hinos “Sua graça me basta” (HC 79) e “Eis-me Jesus” (HC 478).

e) Hedwig Elisabeth Nordlund (?–?) foi missionária sueca, esposa de Gustav Nordlund. São da sua autoria os seguintes hinos: HC 20, 203 e 325.

f) Herbert Nordlund (1912–1949) foi um missionário sueco, músico, compositor e pastor nas Assembleias de Deus no Rio Grande do Sul.

Filho do missionário Gustav Nordlund, Herbert converteu-se ao evangelho em 1922, em Nova York, quando estava com os seus pais a caminho do Brasil. Foi batizado nas águas em Porto Alegre-RS no ano de 1924 e batizado no Espírito Santo em 1935.

Viajou por todo o Rio Grande do Sul pregando o evangelho e casou-se com Ruth Nelson, filha de Otto Nelson, em 1942.

Na Harpa Cristã, constam um hino da sua autoria (HC 488) e duas versões (HC 401 e 492).

g) Ingrid Andersson Fransson (1887–1973) foi uma missionária sueca, esposa de Bertil Fransson. Trabalhou nas Assembleias de Deus no Pará, Ceará, Pernambuco e São Paulo. Na Harpa Cristã, constam como da sua autoria os hinos 287, 368 e 422.

h) Jahn I. Sörheim (?–?) foi um missionário norueguês que veio ao Brasil enviado pela Missão Sueca entre as Assembleias de Deus em 1924.

Músico, maestro e compositor, era oficial do Exército da Salvação[13] e recebeu o batismo no Espírito Santo na Noruega.

Sörheim ajudou Gunnar Vingren na Assembleia de Deus do Rio de Janeiro e, depois, em 1925, foi a Santos-SP para dirigir a Assembleia de Deus pioneira no Estado de São Paulo. Em 1928, foi acometido de uma grave enfermidade e viajou para a Suécia para tratar-se.

Em 1930, voltou para Santos-SP e ficou lá até 1932, tendo ido para o Rio de Janeiro a convite de Samuel Nyström. Nesse mesmo período, casou-se com a missionária sueca Anna Lovisa Johansson. Foi o pioneiro na formação de bandas e corais em São Paulo, onde formava músicos, compunha e traduzia hinos.

Na Harpa Cristã, constam como da sua autoria os hinos “Gozo em Jesus” (HC 14) e “Teu nome precioso” (HC 327) e de sua versão os hinos: HC 254, 258, 319, 375 e 468.

i) Joel Carlson (1889–1942) foi um missionário sueco, evangelista, músico, pastor e antigo líder da Assembleia de Deus em Pernambuco, além de ex-presidente da CGADB.

Em 1917, casou-se com Signe Charlota Hedlund antes mesmo de vir para o Brasil. Ambos chegaram aqui em 1918 e, depois de terem estudado o idioma, foram para Recife-PE, onde substituíram o pioneiro Adriano Nobre.

Depois de anos perseverando em uma obra que, aparentemente, não dava resultados, Carlson vivenciou um crescimento ao ponto de, em 1928, inaugurar o templo-sede com capacidade para 1.500 pessoas. Em 1929, é substituído por Nils Kastberg para ir à Suécia e volta em 1931; em 1932, é eleito para presidir a Convenção Geral.

Na Harpa Cristã, consta como autor de três hinos (HC 161, 465 e 495) e cinco de sua versão (HC 25, 233, 355, 460 e 485).

j) Nels Julius Nelson (1894–1963) foi um missionário sueco, evangelista, pastor e antigo líder nacional das Assembleias de Deus.

Em 1912, chegava à cidade norte-americana de Minneapolis, Estado de Minnesota. Foi recebido pelo seu tio, que era pentecostal, e ali se tornou membro da Igreja Luterana, apesar das insistências do seu tio e primos para que se tornasse pentecostal. No entanto, certa noite, chegou à sua casa profundamente triste, sem responder os cumprimentos dos seus parentes, e trancou-se no seu quarto. Ele estava possuído por uma profunda convicção do seu estado pecaminoso. Não adiantava pertencer à outra igreja. Era um pecador, e Jesus ainda não habitava no seu coração. Desesperado, levantou-se e acordou o seu tio, pedindo que orasse por ele. Após a leitura bíblica e a oração, Nelson aceitou Jesus como Senhor e Salvador da sua vida.

Em 1915, já frequentando uma igreja pentecostal, a Scandinavian Assemblies of God, foi batizado nas águas e, em 1916, foi batizado no Espírito Santo. Já em 1917, foi consagrado pastor dessa denominação. Havendo trabalhado alguns anos na América do Norte, o seu coração encheu-se do desejo de ser testemunha

de Cristo em outros países e sentiu que Deus queria-o no Brasil. Diante do chamado do Senhor, o jovem missionário não perdeu tempo.

Em 1921, Nelson desembarcou em Belém-PA sem vínculo financeiro com nenhuma denominação estrangeira, apenas com a promessa de ofertas de crentes norte-americanos que se comprometeram em sustentá-lo durante todo o tempo que ele estivesse no Brasil.

Em 1924, aceitou o convite para ajudar ao missionário Samuel Nyström em Belém-PA e permaneceu fazendo-o fielmente por longos anos. No fim de 1925, ele já havia organizado o trabalho nas ilhas do arquipélago de Marajó e passado a direção aos obreiros locais, tornando-se livre para atender à obra no extremo Norte e no Nordeste.

Em 1927, assumiu interinamente por sete meses a direção da Assembleia de Deus de Porto Alegre-RS, pois o seu líder, o missionário Gustav Nordlund, viajara à Suécia para visitar os seus familiares. Em virtude da transferência do missionário Samuel Nyström para o Rio de Janeiro em 1930, Nels Nelson assumiu a Assembleia de Deus em Belém-PA. Ficou lá por 20 anos e, nesse período, deu prosseguimento às escolas bíblicas de curta duração, as quais trouxeram grandes benefícios aos obreiros em todo o Brasil.

Em 1935, casou-se com a brasileira Lídia Rodrigues e, em 1946, foi eleito presidente do Conselho Administrativo da CPAD, onde promoveu o progresso da editora chegando a visitar os Estados Unidos, Finlândia, Noruega e Suécia, pleiteando oferta para a CPAD.

Em 1949, presidiu a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, realizada no Rio de Janeiro, e, em 1950, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde pastoreou a Assembleia de Deus em São Cristóvão até 1957.

Na Harpa Cristã, consta como da sua autoria o hino “Jesus meu Salvador” (HC 311).

k) Nils Kastberg (1896–1978) foi um missionário sueco, evangelista e pastor das Assembleias de Deus de Belo Horizonte-MG e Rio de Janeiro-RJ, comentarista de lições bíblicas e escritor.

Aos 23 anos, Kastberg recebeu a chamada de Deus e tornou-se evangelista da Missão de Örebro. Impulsionado pelo avivamento pentecostal, trabalhou como missionário na Estônia de 1923 a 1927; nesse período, casou-se com Eufrosyne (em 1924). Após receberem a chamada de Deus para trabalhar no Brasil, por intermédio de uma profecia entregue por Gunnar Vingren, foram enviados pela Igreja Filadélfia de Estocolmo.

Em 1928, desembarcou com a sua esposa em Recife-PE, sendo recebidos pelo missionário Joel Carlson. Já em 1929, participou com alguns crentes de uma visita à Assembleia de Deus na Paraíba, que era dirigida pelo pastor Cícero Canuto de Lima.

De 1929 a 1931, dirigiu a Assembleia de Deus de Recife-PE durante a ausência de Joel Carlson, que viajara à Suécia. Em 1931, com a transferência de Clímaco Bueno Aza, de Belo Horizonte-MG, para Juiz de Fora-MG, para organizar uma igreja, foi convidado para assumir a sua direção.

Em 1932, realizou a primeira Convenção Estadual em Minas Gerais e, em 1933, deixou o pastorado da Assembleia de Deus de Belo Horizonte-MG, sendo substituído por Anders Johansson. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, assumiu em 1934 a Assembleia de Deus de São Cristóvão-RJ.

Em 1937, promoveu uma campanha para a construção do templo, pois ainda estavam em salão alugado. O local escolhido foi o Campo de São Cristóvão, no 338. Com o apoio financeiro vindo de todo o país, inaugurou o novo templo em 1938. Nesse mesmo ano, entregou o pastorado a Samuel Nyström para abrir frentes em outras cidades, como, por exemplo, Nova Friburgo-RJ.

Kastberg costumava cantar hinos em ritmo acelerado para divergir da monotonia das canções entoadas em outras igrejas da época. Ele foi secretário da assembleia geral da CGADB em 1932 e vice-presidente em 1935. Deixou o Brasil em 1938 para trabalhar na Argentina. Foi um grande incentivador da literatura e da imprensa nas Assembleias de Deus. Trabalhou como redator do Mensageiro da Paz no período de 1932 a 1939. Foi ele quem convidou Emílio Conde para dedicar-se em tempo integral ao jornal e, assim, tornou-se o primeiro jornalista da CPAD.

Na Harpa Cristã, constam dois dos seus hinos compostos em parceria com Emílio Conde, a saber, “As cordas do coração” (HC 342) e “Vasos

transbordantes” (HC 486).

l) Otto Nelson (1891–1982) foi um missionário sueco, evangelista, pastor, antigo líder da Assembleia de Deus em Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro e ex-presidente da CGADB.

Em 1910, imigrou para os Estados Unidos por razões de trabalho, passou pela Inglaterra e depois chegou a Boston-EUA. Decidiu-se para Cristo e recebeu o batismo no Espírito Santo nessa mesma época.

Conheceu a sueca Adina Petterson, que imigrara para os EUA em 1907, e casaram-se em 1912. Tendo frequentado uma igreja pentecostal em Chicago em 1914, Otto Nelson foi orientado por Deus para vir ao Brasil e chegou a Belém-PA naquele mesmo ano.

Em 1915, foi com a família para Maceió-AL a bordo de um navio do Lloyde Brasileiro. Quando chegou, havia apenas seis pessoas que tinham recebido a mensagem pentecostal na cidade. Depois de muitas adversidades, inaugurou em 1922 o terceiro templo da Assembleia de Deus no Brasil e o maior da denominação na época. A sua inauguração repercutiu em todo o Nordeste e atraiu para Maceió crentes de vários Estados.

Em 1923, realizou a primeira Convenção em Alagoas com a presença de irmãos e líderes de todo o país. Já em 1924, quando toda a capital alagoana foi castigada por uma tremenda inundação que arrasou e arrastou na correnteza casas, pessoas, animais e móveis, Otto Nelson abriu as suas portas para abrigar os crentes que perderam as suas casas.

Em 1930, entregou o pastorado ao missionário Algot Svenson e viajou para a Bahia, onde o início foi bem difícil, mas Deus prosperou a obra, e a igreja cresceu. Em duas semanas na localidade de Valente, no município de Coité-BA, mais de vinte pessoas aceitaram a Cristo. Treze pessoas foram batizadas nas águas, e foi aberta ali uma congregação.

Em 1932, chegou a Aracaju-SE e inaugurou a nova igreja, que ficou filiada à Assembleia de Deus de Salvador-BA até 1949, quando ganhou autonomia. Em 1936, a igreja já estava em condições de promover a sua primeira convenção

estadual. Esse fato foi muito significativo e atestou o progresso do evangelho na Bahia. Na ocasião, deixou o pastorado para viajar à Suécia. Quem assumiu o seu lugar foi o pastor Aldor Pettersson.

Em 1938, viajou para Flores, em Buenos Aires-ARG, onde assumiu uma igreja. Em 1945, assumiu o pastorado da Assembleia de Deus de São Cristóvão-RJ, sendo substituído em 1947 pelo missionário Nels Nelson. Tempos depois, foi a Montevidéu, Uruguai dar continuidade à obra de Deus naquela cidade. Foi nesse último país que Otto Nelson dedicou boa parte do seu labor no fim da sua carreira missionária.

Na Harpa Cristã, constam da sua autoria o hino “O Senhor da ceifa chama” (HC 127) e da sua versão os hinos: HC 21, 94, 344, 419 e 424.

m) Samuel Nyström (1891–1960) foi um missionário sueco, evangelista, pastor, escritor, pioneiro das Assembleias de Deus do Pará, Amazonas, Acre, São Paulo e Rio de Janeiro e ex-presidente da CGADB.

Nyström foi o primeiro missionário enviado pela Junta Missionária fundada pela Igreja Filadélfia de Estocolmo pastoreada por Lewi Pethrus. Ao ouvir Daniel Berg falando sobre o trabalho missionário no Brasil durante uma pregação na Igreja Filadélfia, sentiu a chamada missionária para trabalhar no Brasil.

Em 1914, estudou na escola bíblica da Missão de Örebro, de John Ongman, na cidade de Örebro. Provavelmente, seria enviado ao campo por meio da Junta Missionária da Missão de Örebro. Ongman anunciou aos jovens da Igreja Filadélfia de Estocolmo que eram os seus alunos e que não podiam enviá-los por pertencerem àquela igreja, expulsa da União Batista no ano anterior. Então, a Igreja Filadélfia resolveu organizar um campo de trabalho para eles e dar-lhes uma ajuda, dentro das suas possibilidades.

Nyström conheceu Karolina Josefina Berggren (que ficou conhecida como Lina Nyström) e apaixonou-se imediatamente por ela. Apesar da diferença de idade (quatro anos), logo começaram a namorar e ficaram noivos. Em 1916, casaram-se na Igreja Filadélfia de Estocolmo e foram separados para o trabalho missionário no Brasil.

Chegaram ao Brasil e encontraram cerca de setenta crentes no Estado do Pará e duzentos em todo o Brasil. Depois de aprenderem o idioma, começaram a trabalhar ativamente na evangelização. No período de 1917 a 1921, Samuel Nyström trabalhou intensamente na região amazônica.

Em 1922, na primeira escola bíblica da Assembleia de Deus em Belém-PA, ministrou os estudos bíblicos. Depois de seis anos de trabalho missionário, Samuel e Lina Nyström retornaram à Suécia em 1922 e chegaram pela segunda vez ao Brasil em 1923.

Em 1924, com a partida de Gunnar Vingren para o Rio de Janeiro, assumiu o pastorado da Assembleia de Deus em Belém-PA. Em 1926, inaugurou o primeiro templo da Assembleia de Deus em Belém-PA na presença de 1.200 pessoas. Em 1927, deu início ao movimento beneficente em favor das viúvas de pastores. Em 1930, despediu-se de Belém-PA em direção a São Paulo. Em 1932, substituiu Gunnar Vingren na direção da igreja no Rio de Janeiro. Em 1933, foi realizada na Assembleia de Deus de São Cristóvão-RJ a 4ª Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, sob a presidência do missionário Samuel Nyström. Em 1934, precisou retornar à Suécia. O pastor Nils Kastberg assumiu o seu lugar.

Nyström trabalhou como missionário em Portugal a partir de 1935. Depois, em 1938, voltou ao Brasil, reassumindo o pastorado da Assembleia de Deus de São Cristóvão-RJ.

O ano de 1943 ficaria para sempre lembrado como o ano da evangelização e do ensino bíblico. De março a maio daquele ano, a igreja distinguiu-se pelas intensas atividades evangelísticas, que aumentaram de forma patente o número de membros da igreja. Quanto ao ensino, a Escola Bíblica daquele ano foi considerada uma das mais expressivas de todas tanto pela qualidade quanto pela eficiência da instrução.

Em 1944, a Assembleia de Deus do Rio de Janeiro completava 20 anos de existência. Liderada pelo pastor Samuel Nyström, a igreja realizou um dos acontecimentos mais notáveis da sua história. Todos os membros foram mobilizados, e, em uma hora, foram distribuídos na capital cerca de 200 mil folhetos e igual quantidade de evangelhos.

Em 1945, Otto Nelson assumiu o pastorado da Assembleia de Deus do Rio de

Janeiro, pois Nyström precisou viajar mais uma vez. Assumiu o importante cargo de secretário de missões da Missão Sueca, responsável por mais de 600 missionários e uma estação de rádio em Tanger, capital do Marrocos (norte da África), que transmitia o evangelho em vários idiomas. Durante a Convenção Geral realizada em Recife em 1946, visitou, em caráter particular, algumas igrejas nos Estados Unidos para arrecadar a primeira oferta substanciosa para a instalação das oficinas da CPAD. Pouco tempo depois, já no país, foi eleito presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil de 1948 a 1949.

Durante os 30 anos de atividades no Brasil, Nyström trabalhou como um verdadeiro apóstolo, ajudando a lançar e consolidar os fundamentos doutrinários das Assembleias de Deus no Brasil. Ele exercia grande liderança espiritual e eclesiástica entre os missionários e os pastores nacionais. A sua atuação estendeu-se do Norte ao Sudeste do Brasil, fortalecendo igrejas, ministrando estudos bíblicos e ensinando em escolas bíblicas, organizando setores, sabiamente orientando importantes assuntos das Assembleias de Deus em todo o país.

Nyström esteve à frente da CGADB por nove gestões (1933, 1934, 1936, 1938, 1939, 1941, 1943, 1946 e 1948). Além de poliglota (falava, além do sueco, a sua língua materna, inglês, francês, alemão, espanhol e português e tinha significativo conhecimento de hebraico e grego), era profundo conhecedor da Bíblia; por isso, ele era constantemente chamado para ministrar estudos bíblicos em muitas igrejas.

Na Harpa Cristã, constam como sendo da sua autoria os hinos 13, 87, 290 e 494 e da sua versão os hinos 82, 83, 92, 167, 222, 288, 293, 332, 416, 454, 456, 459 e 511.

n) Simon Lundgren (1898–1990) foi um missionário sueco, evangelista, pastor e pioneiro das Assembleias de Deus em São Paulo e Paraná. Converteu-se ao evangelho aos 18 anos e foi batizado no Espírito Santo uma semana depois, sendo batizado nas águas em 1917.

Em 1921, casou-se com Linnea Leontina Lundgren. Chegou ao Brasil em 1924 para atuar ao lado de Otto Nelson na cidade de Maceió-AL. Em 1925, foi

auxiliar de Joel Carlson em Pernambuco e, no ano seguinte, organizou com um grupo de 12 membros a Assembleia de Deus em Santos-SP, onde ficou até 1930. Viajou com a família para a Suécia, onde esteve até 1933.

De volta ao Brasil, permaneceu durante um ano pela Assembleia de Deus em São Cristóvão-RJ, onde substituiria Samuel Nyström nas suas constantes viagens pelo país. Em 1934, retorna para São Paulo, mas desta vez para a capital, onde cooperou eficazmente com a evangelização do bairro Ipiranga. Até 1938, pastoreou a Assembleia de Deus em São Paulo e viu o crescimento das igrejas de Jundiaí, Campinas, Nova Odessa, Rio Claro, São Carlos e Marília.

Em 1942, assume a Assembleia de Deus em Curitiba-PR e ali prossegue o trabalho de evangelização do interior paranaense. Ainda na igreja curitibana, o missionário organizou uma banda de música maior, desenvolveu corais de adultos e jovens, e, devido ao crescimento da igreja, um novo templo foi inaugurado em 1948.

Em 1955, Lundgren passou a liderança para o pastor Bruno Skolimowski. Jubilado em 1963, dedicou-se ao ministério do ensino da Palavra por todo o Brasil.

Na Harpa Cristã, consta como da sua versão o hino “Despertar para o trabalho” (HC 16).

o) Tora Hedlund (?–1988) foi uma missionária sueca, esposa de Samuel Hedlund. Ambos vieram para o Brasil em 1921 desembarcando em Belém-PA.

Em 1921, transferiram-se para Recife-PE e deram grande apoio a Joel e Signe Carlson (Signe era irmã de Samuel Hedlund).

Tendo passado um tempo na Suécia, foram para Niterói-RJ e depois para São Paulo.

Na Harpa Cristã, consta como da sua autoria o hino “O lar da glória” (HC 197).

O que ficou de outros hinários?

Comparando o hinário Salmos e Hinos com a Harpa Cristã de 1941, foram achados 48 hinos oriundos do Salmos e Hinos (depois da revisão de 1992, foi acrescido mais 18 hinos[14] do Salmos e Hinos, somando 66 hinos). Dois hinos tiveram a letra totalmente modificada para atender a demanda da doutrina pentecostal.[15] Uma curiosidade encontrada é o fato de haver uma predileção pelos hinos compostos e/ou traduzidos por Henry Maxwell Wright. Não sabemos o porquê, mas os pioneiros de alguma forma identificaram-se com os hinos desse versionista. Constam na Harpa Cristã 45 hinos com as iniciais “HMW”, sendo que 36 deles também estão no Salmos e Hinos.[16] A relação dos autores e versionistas desses hinos foi apresentada no tópico Primeiro Hinário em Português no Brasil.

Comparando o hinário Hinos e Cânticos com a Harpa Cristã de 1941, foram encontrados nove hinos: 4, 53, 86, 93, 107, 156, 291, 324 e 522. (Depois da revisão de 1992, foram acrescidos mais 20 hinos[17] do hinário Hinos e Cânticos, somando 29 hinos).

Características da Harpa Cristã

Neste ponto, não queremos ater-nos às questões técnicas de melodias, arranjos e compasso musical, pois há um trabalho elaborado por Milton Rodrigues de Souza Junior[18] que atende a essa perspectiva. Contudo, gostaríamos de destacar algumas observações e percepções que tivemos ao analisar a Harpa Cristã.

A primeira é a probabilidade de a Harpa Cristã (hinário das Assembleias de Deus) e o hinário Hinos de Louvores e Súplicas a Deus (hinário da Congregação Cristã no Brasil) serem os últimos redutos dos cânticos do pentecostalismo clássico brasileiro. A observação que Antonio Gouvêa Mendonça faz a respeito do hinário Salmos e Hinos aplica-se perfeitamente a esses hinários:

> Os coros só podem ser apreciados, continua David Martin, quando relacionados com os movimentos de avivamento a partir de Ira Sankey (1840–1908), grande compositor de cânticos, e Dwight L. Moody (1837–1899), um dos principais avivalistas ingleses. Esses coros foram inspirados em melodias populares, com ritmos dançantes que lembram os de “music-hall”, ligados a letras fortemente caracterizadas pelo incentivo à coragem face às desditas da vida. Esse tipo de cântico sagrado desenvolveu-se durante os avivamentos ingleses dos séculos XVIII e XIX, assim como nos correspondentes norte-americanos do mesmo período. Representa um movimento histórico do protestantismo mundial que acompanhou a expansão do mundo anglo-saxão. É de se crer que as grandes igrejas protestantes desse mesmo mundo continuaram mantendo suas tradições musicais clássicas ou a elas gradativamente retornaram. É muito atrativa a hipótese de que o protestantismo brasileiro seja talvez o último reduto de um momento histórico do protestantismo mundial ao conservar vivos os cânticos dos avivalismos e do movimento missionário. (MENDONÇA, 1995, p. 221, grifo nosso)

Nosso foco é a Harpa Cristã, e essa é a coletânea de diversos hinos de vários movimentos de avivamento que foram traduzidos para nosso idioma, e outros foram compostos por pessoas que viviam intensamente o pentecostalismo clássico brasileiro, retratando um momento histórico. No entanto, como a doutrina não mudou — pelo contrário, tem-se reafirmado a cada dia —, os hinos continuam fazendo todo o sentido para nós da tradição assembleiana. Contudo, para os segmentos neopentecostais, os hinos começam a não fazer sentido — alguns até afirmam estarem "ultrapassados". Através da Harpa Cristã, cantamos com fé as doutrinas do pentecostalismo clássico.

Assim a segunda percepção é o fato de que a teologia expressa na Harpa Cristã é estranha para muitas pessoas em nosso tempo. O começo disso ocorreu com a publicação de um opúsculo escrito por Robert McAlister[19] nos anos de 1970 chamado Dinheiro – um assunto altamente espiritual. Há um tópico nessa obra que se chama Teologia do Hinário (esse hinário é a Harpa Cristã), em que o autor comenta que tanto pastores como leigos são tímidos em falar de finanças na igreja. Na sua abordagem, ele menciona a primeira estrofe do hino "Na Jerusalém de Deus" (HC 94), de Otto Nelson, e a segunda estrofe do hino "Desejamos ir lá" (HC 214), de Emílio Conde, afirmando:

> Esta é a grande dificuldade com respeito à teologia dos hinários evangélicos: eles falam sobre as delícias do dia do Pentecostes e sobre a glória que nos espera no além, restringindo para o aqui e agora apenas tristeza, lágrimas e muita paciência [...]. A teologia popular do hinário fala muito sobre as dificuldades de uma "vida trabalhosa", razão por que tanto se almeja entrar no céu. (MCALISTER, 2010, p. 37)

Depois menciona os hinos "O fim das lutas" (HC 357), de autoria desconhecida, e "A formosa Jerusalém" (HC 26), de Emílio Conde, e complementa:

> O que acabamos de citar é teologia pura, ensinada por intermédio de hinos cantados por milhões de brasileiros, crentes em Jesus Cristo, os quais acreditam cabalmente que neste mundo não há senão tribulações e lutas, além de tesouros

impossíveis de conquistar. A vida abundante que Cristo prometeu a todos os que o amam e obedecem não está contida nesses hinos que revelam gloriosas promessas exclusivamente para após a morte, na cidade de Deus. Quem não possui aqui uma casa terá garantida, no mínimo, “uma mansão no além”. Tudo que aqui lhe falta há de ser suprido quando Jesus voltar para arrebatar a sua Igreja [...]. Outro lado do dilema é que, ao se referir às bênçãos imediatas, o hinário ignora completamente o aspecto financeiro, pois as bênçãos prometidas são de ordem puramente espiritual. De acordo com sua doutrina, o cristão atribui vida abundante exclusivamente ao Céu. Assim, torna-se impossível movimentar a fé em direção às necessidades do momento, visto que aqui a vida é “trabalhosa”. (MCALISTER, 2010, p. 38)

É necessário considerar o fato de que Robert McAlister é canadense e oriundo de um contexto pentecostal totalmente distinto do contexto brasileiro. Quando ele decide fixar residência no Brasil em idos dos anos de 1960, encontrou um pentecostalismo clássico bem enraizado na camada pobre e excluída da população. Para essas pessoas, uma ascensão social naquela fase da história era, de fato, impossível; assim, a perspectiva dos tesouros celestes serviam de fé, consolo e esperança. Entretanto, nem todos tinham uma vida paupérrima! Podemos citar, por exemplo, o pastor Paulo Leivas Macalão, que foi oriundo de uma família abastada e principal autor e articulador da Harpa Cristã. Vejam o testemunho de Zélia Brito Macalão:

Paulo viveu os hinos que preparou com cuidado, sobre a mesa antiga que herdou do pai, para o casamento [...]. Meses atrás, visitando uma congregação, encontrei-me com uma irmã em Cristo, que viera do Espírito Santo para visitar parentes no Rio. Quando apresentada, ela me disse que desejava conhecer o irmão Paulo, pois seus hinos transmitiam-lhe algo em sua vida cristã, e citou-me alguns: Quando foi batizada com o Espírito Santo, ela cantava o hino 437. Quando atingida pelas lutas, sentia Jesus muito perto dela, através do hino 75, e sentia ânimo através do 175. Quando as almas se entregavam a Jesus, no momento que a igreja entoava o hino 166, ela sentia como se o próprio irmão Paulo estivesse fazendo o apelo. Achei tão importante este relato, porque, quando Paulo Macalão, durante dois anos, realizava o maravilhoso trabalho para a Harpa Cristã, era dirigido pelo Espírito Santo e entregava-se à vontade do

> Senhor [...]. Paulo gostava de louvar ao Senhor com hinos, pois era homem de oração e começou a depender do Senhor, ainda jovem. (MACALÃO, 1987, pp. 87-89, grifos nossos)

Foi um trabalho de dois anos debaixo de muita busca e oração! Vemos aí o resultado nesse testemunho. Não dá para sustentar a ideia de que as pessoas são pobres e não falam de dinheiro por causa da Harpa Cristã. Os motivos são outros, mas o hinário coaduna-se com o que Jesus disse: "[...] buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas [necessidades materiais] vos serão acrescentadas" (Mt 6.33).

Podemos citar ainda o pastor Antônio Torres Galvão, que era deputado estadual em Pernambuco e foi governador interino do Estado. Não era uma pessoa pobre e sem perspectivas na vida, e compôs o hino "Há paz e alegria" (HC 90), onde, em nenhum momento, ele valoriza os bens terrestres e o dinheiro, apesar de tê-los (um deputado, mesmo nos anos de 1940, não era pobre); com isso, concluímos que a Harpa Cristã, assim como os seus autores, valoriza aquilo que é "perene"! Deus pode abençoar-nos com bens terrestres, mas estes nunca serão a grande motivação de nossa devoção a Jesus Cristo (1 Co 15.19). Alguns hinos certamente falavam profundamente ao coração dos pioneiros, pois eles renunciaram a própria vida em prol da pregação do Evangelho da Salvação, crendo que receberiam algo maior no porvir (Hb 11.32-40). De fato, o alvo dos irmãos era o tesouro do Reino dos Céus, a pátria celeste, e não os bens terrestres (Mt 6.19-21).

Afirmar que Robert McAlister é o precursor da Teologia da Prosperidade[20] é um anacronismo; contudo, como dissemos, ele é oriundo de um contexto cultural totalmente diferente e, estrategicamente, dirigiu a sua pregação para um público que, por conta de ser de classe média e gozar dos bens e serviços que o dinheiro podia comprar, não aceitaria a mensagem pentecostal clássica. É fato, no entanto, que o "amor ao dinheiro" (1 Tm 6.6-10) gera afastamento da comunhão com Deus! A visão puritana dos "Dois Caminhos[21]" vai mostrar que o caminho largo é um caminho de ostentação e que o caminho estreito é um caminho de humildade. E temos que lembrar também de dois personagens bíblicos: o jovem rico e Zaqueu. O primeiro, quando foi confrontado para abandonar a avareza, recuou e foi embora triste; já o segundo tomou a iniciativa e disse: "[...] eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens [...]". Assim, vemos que onde está

nosso tesouro aí está nosso coração (Lc 12.22-34).

Uma grande questão que enfrentamos em nosso tempo é que, por influência da Teologia da Prosperidade, várias pessoas “aderem” à igreja pelos mais diversos motivos. Entretanto, seguir a Jesus pelos motivos errados é como construir uma casa sobre a areia! Quando vier a primeira “tempestade”, a tendência é a casa cair (Mt 7.24-27). A parábola do semeador mostra que a semente que cai em solo inadequado não frutifica (Mt 13.18-23). Aqueles que vivenciam um “evangelho triunfalista” não aceitam a realidade do sofrimento, realidade esta que a própria Bíblia assevera que é real (1 Pe 4.16).

Por fim, identificamos na Harpa Cristã a teologia pentecostal assembleiana clássica; porém, quando analisamos algumas canções evangélicas da atualidade, identificamos as características da Teologia da Prosperidade: antropocentrismo, pragmatismo e imediatismo.[22] É por esse motivo que os hinos da Harpa Cristã trazem uma mensagem estranha para as pessoas de nosso tempo, pois estão fortemente influenciadas pela Teologia da Prosperidade, que é fartamente difundida pelos televangelistas.

Sendo assim, a terceira observação é que o hinário Harpa Cristã, pelo menos na edição de 1941, contém um alinhamento doutrinário primoroso. Já ouvi pessoas dizerem que a Harpa Cristã tem heresias ou deslizes doutrinários; porém, sob a percepção de um teólogo pentecostal, não constatei tal coisa. A maior dificuldade para alguns são as expressões “saudosa” ou “saudade”, conforme observamos abaixo:

Exemplo 1 HC 2
Oh! que saudosa lembrança Tenho de ti, ó Sião, Terra que eu tanto amo, Pois és

A pergunta que fazem é: “Como alguém pode ter saudades de um lugar onde nunca esteve?”.[23] Contudo, a observação a ser feita é que, de fato, você e eu nunca estivemos no Céu, no Paraíso; mas o “gênero” humano sim. Observe este texto bíblico:

> Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. (Rm 8.18-23 – NAA, grifos nossos)

Veja que o texto expressa que nós, seres humanos redimidos, gememos aguardando a redenção do corpo, ou seja, nossa alma humana, que aspira pelo Deus vivo (Sl 42.1,2), tem “saudade” do lugar de onde nunca deveria ter saído; todavia, em virtude do pecado de Adão, fomos banidos de lá. Considerando sob esse aspecto, não há erro teológico ou bíblico.

Na 4a edição da Harpa Cristã, de 1932, ocorreu uma divergência em relação à letra de dois hinos: um de autoria de José Felinto, que declarava a salvação eterna do crente, e o outro de autoria de Jahn Sörheim, que admitia a possibilidade de o crente perder a salvação. Na época, havia um grupo de pastores que criam na doutrina da predestinação e que pediram explicação à liderança nacional. Como a liderança nacional, por meio de Nils Kastberg, posicionou-se pela doutrina arminiana do livre-arbítrio, os obreiros predestinacionistas[24] deixaram as Assembleias de Deus. Por isso, podemos entender o porquê de o pastor Paulo Leivas Macalão ter tido o cuidado de fazer a revisão minuciosa do hinário, pois se acredita que ele, quando assumiu a empreitada de montar a coletânea de hinos da Harpa Cristã, tomou o cuidado de

expressar as principais doutrinas cridas nas Assembleias de Deus através dos hinos. Assim, não há equívocos doutrinários na Harpa Cristã de 1941. Algumas pessoas levantam outras questões que achei irrelevantes serem pontuadas neste estudo.

Uma última percepção a pontuar é que a hinódia é um método excelente de inculcar as doutrinas e difundir a mensagem. O Movimento Pentecostal Brasileiro é diferente do Estadunidense, pois este já começou institucionalizado e, logo de início, estabeleceu institutos bíblicos. No Brasil, por muitos anos, houve uma relutância em relação ao ensino teológico formal. A ênfase era que as pessoas fossem “cheias de poder” e que o Espírito Santo daria a direção. O máximo que foi feito na área do ensino foi a realização de escolas bíblicas e escolas de obreiros que ensinavam a teologia pentecostal. Todavia, a consolidação da teologia pentecostal na tradição assembleiana foi por intermédio da Harpa Cristã, visto que as pessoas cantavam e aprendiam. Mesmo que não soubessem ler, decoravam a letra do hino e, de forma lúdica, aprendiam a teologia pentecostal. Os crentes no dia a dia não cantavam cantigas seculares, mas cantavam os hinos da Harpa Cristã.

Classificação dos hinos

Antonio Gouvêa Mendonça empregou uma metodologia interessante para analisar a hinódia do Salmos e Hinos:

> Tentei distribuir os cânticos desses dois volumes pelos diversos temas teológicos do cristianismo protestante. O empreendimento não é simples porque a ordenação deles não obedeceu a qualquer critério observável, como temas, lugar no culto, ou calendário litúrgico. Por sua vez, o sincretismo doutrinário dos cânticos que, na maioria absoluta deles, incluem a um só tempo muitos temas, dificulta ainda mais as tentativas de classificação. Assim, tratei de distribuir os temas pela ênfase, não procurando uma classificação rigorosa e exaustiva, mas simplesmente sentir o espírito da crença que neles se encontra. (MENDONÇA, 1995, p. 222, grifo nosso)

Nossa proposta é utilizar metodologia semelhante para classificar os hinos da Harpa Cristã. Analisamos hino por hino procurando a ênfase que é dada na letra. Assim, com essa observação, criamos a seguinte classificação nos hinos: pietistas, peregrinação, militância, pentecostais, doutrinais, evangelização e litúrgicos.

a. Hinos Pietistas. Como já vimos, o Pietismo foi um movimento de reação à ortodoxia fria e ritualística. Visava a uma espiritualidade caracterizada pela experiência interior da fé (Rm 10.10). Não se satisfazia com a espiritualidade sacramental e institucional, mas procurava a edificação do homem interior (2 Co 4.16), por meio de círculos de comunhão. Dava especial atenção ao modelo neotestamentário de igreja, em que duas coisas vinham em decorrência disso: (1) a ocupação regular com a Bíblia; e (2) a

participação dos leigos no culto a Deus. As suas características comportamentais são: (1) o individualismo no cultivo da vida religiosa; (2) a leitura solitária da Bíblia e a sua interpretação literal ou espiritualizada; e (3) a experiência pessoal com Jesus Cristo. Hinos pietistas refletem uma consciência dolorosa do próprio pecado e um sentimento vívido do sofrimento de Jesus Cristo (sangue, ferimentos, a sua morte):

Exemplo 1 (Oriundo do Salmos e Hinos) HC 15
Oh! quão cego andei e perdido vaguei, Longe, longe do meu Salvador! Mas do c
Foi na cruz, foi na cruz, onde um dia eu vi Meu pecado castigado em Jesus; Foi

Costumam demonstrar que a justiça divina dissolve-se em amor e perdão na contemplação espiritual da cruz. Por isso, alguns hinos descreverão o sofrimento vicário de Jesus com detalhes e exaltado com grande emoção:

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 182
Então, na cruz, foi o Cristo pendurado E duma lança foi traspassado; Ali estava

Outra característica é um adocicamento que lembra a poesia de Cantares de Salomão na descrição das experiências do crente com Jesus Cristo, onde termos como “amante” e “amado” são enfatizados:

Exemplo 1 (Oriundo do Salmos e Hinos) HC 190
Cristo! Meu Cristo! Teu nome é doce, amado! Desejo ver-te, face a face Meu Cr

E, tendo por base a ênfase na experiência pessoal com Jesus Cristo e na relação de intimidade que o crente estabelece com Ele, há hinos que descrevem Jesus Cristo como o “amigo” que não o abandona:

Exemplo 1 (Oriundo do Salmos e Hinos) HC 200
Quão bondoso amigo é Cristo! Carregou co’a nossa dor, E nos manda que leven

Há hinos que incentivam uma busca constante das experiências que nos levam a uma comunhão mais profunda com Jesus. Normalmente enfatizam a negação do mundo, pois, em oposição ao fruto do Espírito, existem as obras da carne (Gl 5.19-21). Estas são abundantes nas pessoas que vivem no “mundo” (1 Jo 2.15-17) e não tiveram um encontro com Jesus. Por isso, para nós que nascemos de novo e fomos resgatados do “mundo”, a Bíblia recomenda que vivamos no Espírito para não satisfazermos as obras da carne:

Exemplo 1 (Oriundo do Salmos e Hinos) HC 19
Sobre as vozes sedutoras, De mundanas atrações, Clama a meiga voz de Cristo:

b. Hinos de Peregrinação. São hinos que manifestam a aspiração do crente pela Cidade Celestial. Trata-se da certeza de que o "mundo" não nos pertence e de que Jesus preparou para nós um lugar (Jo 14.1-3) onde não haverá pranto, dor ou morte. Sob essa mesma perspectiva, a obra O Peregrino, de John Bunyan, também retrata as provações que o cristão precisa vencer para chegar à Cidade Celestial. Há hinos de peregrinação que manifestam a esperança de que Jesus virá buscar a sua Igreja para levá-la ao Céu:

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 123
Um dia, Cristo voltará; Ao ascender, o prometeu; Do modo que subiu virá; Há d

Há outros hinos que retratam a vinda de Jesus como um Grande General que virá para estabelecer o reino milenial e será o Grande Regente da terra. Trata-se da interpretação que os pentecostais clássicos dão para Apocalipse 19.11-16:

Exemplo 1 (Oriundo do Salmos e Hinos) HC 34
Milhares de milhares em refulgente luz! Eis os guerreiros santos, milícia de Jesu
Que doces sinfonias enchem a terra e o céu! Que coros d’aleluias rompem além

A aspiração pela Cidade Celestial inspirou profundamente os autores dos hinos que compõem a Harpa Cristã. São letras que têm por base o texto de Apocalipse 21.9-27; 22.1-5 e descrevem as belezas da Nova Jerusalém:

Exemplo 1 (Oriundo do protestantismo de missão) HC 40
São de jaspe adamantino Os teus muros, ó Sião! São douradas essas ruas, Que o

A aspiração pela vida futura de justiça, gozo e paz é retratada nos hinos da Harpa Cristã. Afinal, as condições sociais do Brasil na época (como hoje também) não eram fáceis, principalmente para a população pobre. Assim, os autores expressaram isso nas suas letras:

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 312
Vem sobre o Teu povo reinar, ó Senhor! Teu reinado aqui gozo traz, Ó vem, prot

Ainda hoje, muitas pessoas que vivem as mazelas sociais são consoladas com a promessa da alegria perene do Reino de Deus.

c. Hinos de Militância. A militância da fé consiste no trabalho que se faz para o Reino de Deus, seja esse trabalho missões, seja evangelizações. Está incluído nesses hinos todo o trabalho, direto ou indireto, para Jesus e a sua Igreja. Os hinos de militância exortam os crentes a engajar-se no trabalho do Reino de Deus.

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 115
Eu quero ser obreiro de valor, Confiando no poder do Salvador; Se quiseres trab

Há hinos que convocam para a militância do Reino de Deus fazendo menção do ide de Jesus Cristo (Mt 28.19,20; Mc 16.15-20):

Exemplo 1 (oriundo do Salmos e Hinos) HC 65
“Todo o poder o Pai me deu, Na terra, como lá no céu! Ide, pois, anunciar o Eva

Outros hinos de militância expressam o sentimento de urgência missionária em virtude da volta iminente de Jesus. Os irmãos lançaram-se a pregar o evangelho, pois acreditavam que seria uma tragédia Jesus voltar e tanta gente perder-se! Muitos deles renunciaram a própria vida (At 20.24) em prol dessa urgência, porque creram em uma maior recompensa (Hb 11.13-16). Alguns hinos da Harpa Cristã expressam esse sentimento:

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 127
Muitos são os que vão expirando Sem ter esperança de ver Deus: Vai depressa lh

Na Harpa Cristã, há hinos que soam como uma chamada para a peleja; que retratam Jesus como um general ou comandante de um grande exército. Esses hinos de militância possivelmente tiveram origem — ou, no mínimo, influência — nos hinos do Exército da Salvação:

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 9
Marchai, soldados de Cristo Jesus, Marchai, marchai e enfrentai O inimigo do b

d. Hinos Evangelísticos. Este estilo de hino teve origem nos movimentos de avivamento do século XIX. São hinos que trazem um forte apelo à conversão:

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 80
Cristo te chama, a ti, pecador, Te chama a ti, com voz de amor; Deixa os pecado

e. Hinos Pentecostais. Como vimos anteriormente, a Harpa Cristã foi criada para suprir a necessidade de uma hinódia que retratasse as doutrinas pentecostais. Sendo assim, podemos definir como hinos pentecostais aqueles que trazem as seguintes ênfases doutrinárias nas suas letras:

O revestimento de poder para o serviço

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 101
Recebestes já a unção real Do Espírito Consolador? Deus quer te usar para outrc

A hermenêutica pentecostal

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 24
No Pentecostes sucedeu O que Jesus falou, Pois de repente lá do céu Um vento a

A realidade dos dons espirituais

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 290
Dá-nos dons do Teu Espírito; Faz milagres, ó Senhor, P’ra que tudo, que tens dit

f. Hinos Doutrinais. A música no cristianismo sempre teve um destacado papel no doutrinamento, pois os dogmas da fé são cantados desde a Antiguidade. Isso se intensificou no Protestantismo, pois, como vimos, Lutero e Calvino usavam dessa estratégia. No início das Escolas Bíblicas Dominicais no Brasil, Sara Kalley também fazia uso dos cantos como estratégia de doutrinamento. Assim, hinos doutrinais são aqueles usados para ensinar a doutrina de maneira lúdica. Para percebermos as doutrinas enfatizadas nos hinos, separamos pelos principais temas teológicos:

• Deus (Pai): HC 4, 28, 52, 61, 64, 71, 84, 99, 103, 124, 126, 193, 205, 210, 213, 216, 219, 227, 228, 264, 270, 283, 285, 315, 345, 356, 369, 377, 384, 396, 407, 417, 450 e 459.

• Jesus Cristo (Filho): HC 3, 13, 14, 17, 20, 23, 25, 27, 29, 31, 33, 37, 39, 41, 42, 55, 56, 57, 68, 77, 79, 82, 83, 86, 88, 92, 106, 107, 110, 112, 113, 121, 131, 135, 136, 141, 145, 147, 151, 152, 154, 163, 180, 181, 183, 184, 186, 191, 196, 201, 209, 218, 226, 229, 234, 235, 236, 244, 248, 252, 254, 255, 261, 262, 265, 267, 268, 273, 274, 278, 280, 284, 289, 292, 294, 295, 296, 299, 304, 308, 311, 321, 326, 327, 328, 329, 331, 337, 338, 339, 341, 344, 350, 352, 365, 368, 378, 398, 400, 410, 411, 412, 413, 421, 423, 424, 434, 435, 440, 445, 452, 454, 462, 464, 466, 473, 474, 476, 491, 497, 498, 502, 512, 522, 523 e 524.

• Espírito Santo (Consolador): HC 85, 87, 100, 101, 102, 122, 155, 221, 239, 246, 249, 290, 336, 349, 367, 387, 391, 408 e 441.

• Salvação: HC 32, 35, 44, 47, 49, 50, 54, 59, 60, 62, 69, 72, 78, 81, 104, 109, 111, 116, 117, 129, 133, 137, 139, 140, 148, 156, 158, 160, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 189, 192, 223, 231, 245, 257, 258, 275, 277, 281, 282, 287, 303, 318, 319, 320, 325, 334, 342, 348, 351, 355, 360, 364, 379, 383,

385, 397, 403, 405, 406, 414, 419, 420, 425, 428, 429, 430, 438, 439, 447, 456, 458, 468, 493, 496, 518, 519 e 521.

• Igreja (comunhão dos santos, perseverança e vivência da fé): HC 175, 176, 179, 232, 266, 302, 330, 354, 363, 370, 374, 375, 380, 388, 390, 426, 427, 432, 455, 467, 477, 486, 510, 517 e 520.

• Últimas coisas (Escatologia): os hinos de peregrinação são essencialmente escatológicos.

• Bíblia: HC 259, 288, 306, 322, 499, 505, 506 e 508.

Não foram encontrados hinos com ênfase no tema “angelologia” — afinal, é fácil explicar essa ausência, porque os anjos não devem ser adorados (Ap 19.10,11; 22.8,9) ou receber louvor; contudo, são mencionados em diversos hinos. O que foi observado neste estudo é que a maior parte dos hinos tem consigo uma grande ênfase cristológica. Essa cristologia retratada na Harpa Cristã faz menção a um Cristo que sofreu pelos pecadores (Hb 12.1-3). Dessa forma, como cristãos, identificamo-nos com os seus sofrimentos.[25] Uma conexão importante com a ideia de sofrimento é a doutrina da “kenosis”, que consiste no esvaziamento de Jesus Cristo para assumir a forma humana (Fp 2.6,7). Na forma humana, a sua missão era morrer (Zc 13.7; Mt 26.31), tornando, assim, a crucificação o evento central da história da humanidade:

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 89
Conta-me, sim, de Jesus, Para na mente, eu gravar Como foi que padeceu Na cru

Apesar dessa humilhação, a promessa bíblica afirma que Deus exaltou Jesus Cristo sobremaneira, dando-lhe um nome acima de todos os nomes (Fp 2.9-11). Esse nome tem poder para expulsar os demônios, curar e possibilita-nos proteção:

Exemplo 1 (de pentecostais) HC 289
Sob o sangue Teu, Senhor, Guarda-me da corrupção! Sob o sangue expiador, Eu

É inquestionável a autoridade do nome de Jesus! Contudo, para usufruir dessa autoridade, é necessário ter comunhão com Ele e estar no centro da sua vontade (Jo 15.12-16). Quando assim acontece, somos abençoados com todas as sortes de bênçãos espirituais, e todas as coisas são-nos acrescentadas.

g. Hinos Litúrgicos. São aqueles cujo emprego contempla um ato litúrgico definido e não há como empregá-lo em outras ocasiões. Segue abaixo uma lista das ocasiões com os números dos respectivos hinos:

• Início de Culto – HC 243 e 309.

• Batismo – HC 389 e 470.

• Ceia do Senhor – HC 22, 53, 199, 233, 367 e 482.

• Fim de Culto – HC 251 e 263.

• Funeral – HC 187, 215 e 422.

• Matrimônio – HC 150 e 199.

• Natal – HC 21, 120, 366, 475, 481 e 489.

• Passagem de ano – HC 479, 480 e 504.

• Recepção de Obreiros – HC 433.

O hino “Vem à Assembleia de Deus” (HC 144) foi elaborado a partir da melodia de um hino de origem estadunidense que conta a história de uma pequena igreja do interior. O pastor Paulo Leivas Macalão compôs a sua letra com o propósito de ser o hino oficial das Assembleias de Deus do Brasil. Por intermédio das suas estrofes, o hino afirma que sentimos o poder do Senhor na Assembleia de Deus.

Estejamos humildes em santidade; nela está a presença de Jesus!

Outros temas, como, por exemplo, consagração de templos, comemoração do dia da Reforma Protestante e hinos pátrios, foram inseridos na revisão de 1992.

---

[1] Canto Gregoriano em latim que consiste em melodias que fluíam livremente, quase sempre se mantendo dentro de uma oitava e desenvolvendo-se, de preferência com suavidade, através de intervalos de um tom. Eram expressos no modo antifonal (em que os coros cantam alternadamente), responsorial (a voz do solista alterna com o coro) e direto (sem alternância).

[2] Entende-se por "hinos clássicos" aqueles que constavam em outros hinários. Nessa categoria, temos 18 hinos oriundos do hinário Salmos e Hinos e 20 do hinário Hinos e Cânticos.

[3] Entende-se por "coros" músicas que eram populares e talvez fossem cantadas nos cultos, mas que não pertenciam à coletânea da Harpa Cristã; contudo, acharam por bem acrescentar na revisão. Nessa categoria, temos 55 hinos.

[4] Entende-se por "novas composições" letras que foram compostas por pentecostais conhecidos. Nessa categoria, temos nove hinos.

[5] Temáticas como inauguração de templos, doxologia, comemoração do Dia da Bíblia e canções pátrias foram acrescidas.

[6] Para uma análise mais profunda a respeito dos autores originais dos hinos em língua inglesa, ver: SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. Harpa Cristã – Instrumento da expansão Pentecostal no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2014; e DANIEL, Silas. A História dos Hinos que amamos. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

[7] Não há informações precisas sobre o seu nascimento e morte. Silas Daniel escreve o seguinte: "Infelizmente, o irmão José Rodrigues faleceria muito cedo, em 2 de junho de 1919 [...]"; DANIEL, Silas. A História dos Hinos que amamos. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 177. Já Milton Rodrigues de Souza Junior afirma que ele nasceu em 1910 (SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. Harpa Cristã – Instrumento da expansão Pentecostal no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 108) e há uma história de que, em 1932, quando percoria o Sertão Nordestino, tenha encontrado o bando de Lampião.

[8] Informações coletadas no site: https://icebatalha.blogspot.com/2011/10/centenario-da-igreja-de-grajau-maranhao.html. Tentei fazer contato com o autor da reportagem do referido blog com o intuito de conseguir referências bibliográficas, porém não obtive sucesso. Acredito que tal história seja transmitida por tradição oral na região onde se encontra a igreja citada no blog. Emílio Conde faz menção dele na sua historiografia. Ver: CONDE, Emílio. História das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 87.

[9] Hinário das Igrejas Evangélicas Casa de Oração elaborado em 1876 por Richard Holden e aperfeiçoado por Stuart Edmund McNair. Dentre os hinários evangélicos brasileiros, foi o segundo a ser publicado.

[10] Hinário das Igrejas Batistas elaborado em 1891 por Salomão Luiz Ginsburg. Dentre os hinários evangélicos brasileiros, foi o terceiro a ser publicado.

[11] Ver BRUNELLI, Walter. Teologia para Pentecostais: Uma Teologia Sistemática Expandida – Volume 4. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2016, p. 322.

[12] Não encontramos dados sobre a sua vida e obra.

[13] Fundado por William Booth (1829–1912), que era ministro da Nova Conexão Metodista e que, depois de bem-sucedida obra de reavivamento em Cardifc, iniciou trabalho semelhante em Londres, em 1864. Disso resultou, em 1878, uma organização de aspecto militar, com obediência militar, que, em 1880, recebeu o nome de Exército da Salvação. Sempre engajado decididamente na filantropia prática tanto quanto na evangelização de rua, a obra filantrópica desenvolveu-se em grande escala a partir de 1890, quando Booth publicou A Saída na Trevosa Inglaterra. Apesar da sua forma militar autocrática, o Exército da Salvação é, sob vários aspectos, uma igreja. Para mais detalhes, ver: WALKER, Wiliston. História da Igreja Cristã. 3.ed. São Paulo: ASTE, 2006, p. 756.

[14] São eles: HC 525, 530, 531, 536, 542, 564, 568, 569, 573, 576, 578, 581, 582, 591, 598, 606, 625 e 636.

[15] São eles: “Chuvas de graça” (HC 1) e “Deixa penetrar a luz” (HC 96). Ambas as versões são de José Rodrigues.

[16] Dos outros nove hinos de autoria atribuída a Henry Maxwell Wright,

encontramos três em um hinário chamado Hinos e Cânticos, e os outros seis não encontramos em outros hinários ou coletâneas de hinos sacros.

[17] São eles: HC 526, 529, 532, 533, 535, 537, 538, 543, 555, 562, 565, 570, 571, 572, 583, 585, 590, 595, 607 e 618.

[18] SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. Harpa Cristã – Instrumento da expansão Pentecostal no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

[19] Evangelista de cruzadas de curas e milagres, pastor, fundador e bispo primaz da Igreja Pentecostal de Nova Vida (hoje Igreja Cristã de Nova Vida). Para mais detalhes, ver: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 448-450.

[20] Para mais detalhes, ver: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 616 e 617.

[21] Jesus ensina que há dois caminhos: a porta estreita e a porta larga (Mt 7.13,14). A porta estreita leva para a salvação, e a porta larga, para a danação. Uma das poucas iconografias protestantes é o famoso quadro dos “Dois Caminhos”. De um lado, depois da porta estreita, está uma vida de santidade que glorifica a Deus e, do outro lado, depois da porta larga, um caminho carnal e cheio de mundanismo. No mesmo teor está um clássico do puritanismo: “O Peregrino”, de John Bunyan. Este mostra as provações que o cristão precisa vencer para chegar à Cidade Celestial.

[22] “No neopentecostalismo, a fruição dos bens ou de quaisquer outros meios que impliquem em satisfação para o fiel tende a ser constantemente buscada. E é papel do líder proporcionar esta busca, assumindo sua função de ‘guia’ espiritual, conduzindo seus seguidores, através das pregações ministradas, por caminhos capazes de proporcionar essa satisfação. Estaria aqui a motivação para a reinterpretação de textos bíblicos, aplicando-os diretamente às necessidades dos ouvintes, utilizando-os como ferramentas capazes de tornar o imaginário, real (pragmatismo), o demorado, antecipado (imediatismo) e a centralidade em Jesus Cristo em centralidade no homem (antropocentrismo).” FERREIRA, Ismael de V. Neopentecostalização do pentecostalismo clássico: Mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014, p.

114.

[23] No hinário Cânticos de Adoração, usado pela Igreja Metodista Wesleyana, as letras foram alteradas pelos seus editores. No primeiro exemplo, no título, em lugar de “Saudosa lembrança”, está “Gloriosa esperança”, e, na estrofe onde se lê “Oh! que saudosa lembrança”, lê-se “Oh! Que gloriosa esperança”. No segundo exemplo, onde se lê “Do céu tenho muitas saudades”, lê-se “Do Céu tenho aqui ansiedades”.

[24] Para mais detalhes sobre a Assembleia de Cristo, ver: MORAES, Isael de Araujo de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 29-31.

[25] “A contextualização das canções encontradas neste hinário tem características peculiares. Se é possível indicar que a origem da maioria das melodias utilizadas nas canções da Harpa encontra-se no exterior, uma vez que foram trazidas pelos missionários europeus e americanos, não se pode também deixar de lado as marcas deixadas pelos seus tradutores ou versistas brasileiros, cuja cultura manifestava evidentes traços da realidade tanto de suas histórias pessoais quanto da história deste país.” SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. Harpa Cristã – Instrumento da expansão Pentecostal no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 171.

3

Uma Hinódia tipicamente Pentecostal

N o capítulo anterior, mostramos como a música serviu de instrumento de evangelização e doutrinamento no cristianismo, principalmente depois da Reforma Protestante. No protestantismo brasileiro, a música foi fortemente influenciada pelas missões estadunidenses que estavam inflamadas pela teologia dos avivamentos. No pentecostalismo, não houve grandes diferenças; apenas criaram uma hinódia que contemplasse as doutrinas específicas do Movimento Pentecostal.

Entendemos, portanto, que a difusão da teologia pentecostal por intermédio da hinódia da Harpa Cristã foi um fator fundamental para a perpetuação dessa teologia na tradição assembleiana brasileira. A metodologia dos suecos, diferentemente da norte-americana, não priorizou a fundação de institutos bíblicos para ensino formal. Desse modo, os hinos cumpriram o papel de ensinar de maneira lúdica as doutrinas da teologia pentecostal.

Chegamos ao ponto crucial de nosso estudo: analisar a teologia expressa nos hinos da Harpa Cristã. Tendo conhecimento da história da formação da teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira e de como a música sacra cooperou com o processo de doutrinamento, analisemos a teologia expressa no hinário Harpa Cristã sob três perspectivas: (1) ênfases teológicas comuns a todo protestantismo; (2) ênfases da teologia armínio-wesleyana; e (3) ênfases teológicas pentecostais.

Ênfases Teológicas Comuns a todo Protestantismo

A Reforma Protestante teve, pelo menos, quatro vertentes: luterana, genebrina, inglesa e radical. Todas elas tinham algumas crenças e objetivos comuns que se resumem nos solas (somente a Escritura, somente a fé, somente Cristo, somente a graça e somente a Deus toda glória). Além dos solas, também o trinitarianismo é uma crença comum a todo o cristianismo, seja católico, seja ortodoxo ou protestante. Como o Movimento Pentecostal teve as suas raízes no protestantismo, é plausível que haja crenças comuns com outros segmentos protestantes.

A Bíblia como única regra de fé e prática

A fundamentação doutrinária das Assembleias de Deus, chamada de “Cremos”, no seu item 2 diz: “Cremos na inspiração verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17)”. Entende-se por inspiração verbal e plenária que os escritores bíblicos escreveram sob a supervisão do Espírito Santo e que este dirigiu não somente os conceitos e pensamentos, como também cada palavra para a totalidade do texto[1] (por isso verbal). E que toda a Escritura é inspirada[2] por Deus, não havendo partes menos inspiradas ou mais inspiradas (por isso, plenária). A Assembleia de Deus, portanto, como uma igreja de matriz protestante, identifica-se com o princípio reformado do “Somente a Escritura” (Sola Scriptura). Todas as doutrinas cridas e ensinadas nas Assembleias de Deus têm por base a Bíblia Sagrada, nossa única regra de fé e prática. Na Harpa Cristã, a Bíblia Sagrada é enaltecida:

Exemplo 1 HC 259
Creio eu na Bíblia, livro de meu Deus; Para mim a Bíblia é o maná dos céus! M

Salmos são orações e louvores inspirados pelo Espírito Santo que expressam os mais diversos sentimentos da alma em relação a Deus. Na Harpa Cristã, alguns hinos são inspirados nos Salmos da Bíblia:

Exemplo 1 HC 193 (compare com Salmos 42.11)
Por que te abates, ó minh’alma; E te comoves, perdendo a calma? Não tenhas m

O cristão protestante, inclusive o de tradição pentecostal, crê que Deus fala por meio da leitura bíblica, seja esta devocionalmente, seja em particular ou coletivamente durante um culto. Quando o pregador sobe a tribuna para pregar a Palavra de Deus, crê-se que Deus falará por intermédio dele, e isso é uma realidade retratada na Harpa Cristã:

Exemplo 1 HC 210
Fala, fala, Senhor, que eu ouço Tuas palavras com todo fervor, Pois conduzem a

Justificação pela fé

Segundo a Declaração de Fé das Assembleias de Deus, “a justificação é um ato da graça de Deus pelo qual a justiça de Cristo é imputada a todo aquele que crê em Jesus declarando-o justo” (SOARES, 2017, p. 111). Esse artigo é fundamentado no texto de Romanos 3.22-24,28. Essa justificação é recebida pela fé, e não pelas obras (Ef 2.8,9). Concluímos, então, que o princípio reformado do “somente a fé” também é partilhado pela tradição assembleiana, e isso é retratado nos hinos:

Exemplo 1 HC 23
Deus é o Justificador De quem crer no Seu Enviado Sim, no Seu Filho mui amad

Somente a graça de Deus

Os reformadores defenderam veementemente o princípio de que o pecador por si só não pode apropriar-se da salvação. A Declaração de Fé das Assembleias de Deus elucida o entendimento do assunto conforme a teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira:

> Cremos que todos os homens e mulheres foram atingidos pelo pecado a tal ponto que, embora tenham sido feitos à imagem de Deus, não podem, por si mesmos, chegar a Deus. Não há nada que o homem natural possua ou pratique que lhe faça merecida a graça de Deus. A Bíblia ensina: “Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus” (Rm 3.11). A Bíblia qualifica essa condição espiritual como “mortos em pecado” (Cl 2.13) e “mortos em ofensas” (Ef 2.5). A ideia de morte, aqui, é de separação, e não de aniquilamento. Deus derrama sua graça, sem a qual o homem não pode entender as coisas espirituais, ou seja, foi Deus quem tomou a iniciativa na salvação, “do SENHOR vem a salvação” (Jn 2.9), agindo em favor das pessoas. Graça é um favor imerecido. É por meio da graça que Deus capacita o ser humano para que ele responda com fé ao chamado do evangelho: “Mas, se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça” (Rm 11.6). Todavia, os seres humanos, influenciados pela graça que habilita a livre escolha, são livres para escolher: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo” (Jo 7.17). Deus proveu a salvação para todas as pessoas, mas essa salvação aplica-se somente àquelas que creem: “isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem” (Rm 3.22). Nesse sentido, não há conflito entre a soberania de Deus e a liberdade humana. (SOARES, 2017, p. 113)

Percebemos, então, que a tradição assembleiana brasileira partilha do princípio reformado do “somente a graça”, e isso é retratado nos hinos:

Exemplo 1 HC 205
Graça, graça, A mim basta a graça de Deus: Jesus; Graça, graça, A graça eu ache

A grande ênfase cristológica: Jesus salva

Os reformadores lutaram para que fosse resgatada a simplicidade do evangelho apostólico, defendendo o princípio de que a salvação está unicamente em Jesus Cristo (Somente Cristo); não há outro intermediário. O autor aos Hebreus escreve enfatizando que todos (sacerdócio universal dos santos) podem chegar-se ao trono da graça:

> Tendo, pois, Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que adentrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas; pelo contrário, ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça para ajuda em momento oportuno. (Hb 4.14-16, NAA)

Segundo a formulação teológica pentecostal clássica assembleiana brasileira, a primeira grande ênfase — e doutrina basilar — é o fato de que Jesus Cristo salva a todo aquele que, arrependido, crê no seu sacrifício vicário. Na Harpa Cristã, são abundantes os hinos que enfatizam a salvação unicamente em Jesus Cristo:

Exemplo 1 HC 20
Olhai p’ra o Cordeiro de Deus, Olhai p’ra o Cordeiro de Deus, Porque só Ele vo

Somente a Deus toda a glória

No protestantismo, inclusive o de tradição pentecostal, a soberania de Deus é algo indiscutível! Na Declaração de Fé das Assembleias de Deus, está escrito: “Cremos, professamos e ensinamos que Deus é o Supremo Ser, Criador do céu e da terra” (SOARES, 2017, p. 31). Na Harpa Cristã, há hinos que expressam reverentemente o senhorio de Deus sobre a terra e tudo o que nela há:

Exemplo 1 HC 99
Santo! Santo! Santo Senhor dos céus Toda terra louve a Ti; No céu, tudo adore a

Credo Trinitariano

Na história do cristianismo, principalmente nos primeiros séculos, havia muita controvérsia sobre a questão da triunidade de Deus. Entretanto, os Concílios de Niceia (325) e Constantinopla (381) elucidaram a doutrina da Trindade. O Credo Niceno-constantinopolitano tornou-se a declaração de fé universal da cristandade. Nele está expressa a crença em Deus, o Pai; em Jesus Cristo, que é Deus, assim como o Pai; e no Espírito Santo, que também é Deus, assim como o Pai e o Filho. Enfim, cremos em um Deus subsistente em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo. Isso é um dos grandes mistérios da fé.

Em 1914, foi realizado o Concílio Geral das Assembleias de Deus estadunidenses. Nesse Concílio, foram definidas as Verdades Fundamentais que deram origem ao “Cremos”. A princípio, não havia uma definição clara sobre a doutrina trinitária; porém, com a ameaça dos unicistas, em 1916, o Concílio reúne-se novamente e sustenta o conceito ortodoxo da Trindade. Gary B. McGee afirma que, após isso, “os ministros da ‘unicidade’ deixaram o Concílio de uma só vez” (HORTON, 2002, p. 20).

Antonio Gouvêa Mendonça comenta que, no hinário Salmos e Hinos, há uma carência de hinos que exaltam a pessoa e a obra do Espírito Santo. Por isso, segundo a consideração feita pelo autor supracitado, há no Salmos e Hinos “certo desequilíbrio na fé trinitária”.[3] No que se refere à Harpa Cristã, esta possui hinos trinitários:

Exemplo 1 HC 307
Ao Pai, ao Filho, o Redentor, Ao divinal Consolador; Ao trino Deus, sim, adorai

Além de haver hinos que exaltam a pessoa e a obra do Espírito Santo:

Exemplo 1 HC 1
Cristo nos tem concedido O santo Consolador, De plena paz nos enchido, Para o

Ênfases da Teologia Armínio-Wesleyana

Quando analisamos as canções que foram entoadas no período do protestantismo de missão no Brasil, observamos que elas expressam as doutrinas da teologia armínio-wesleyana: (1) o amor de Deus por todos os homens pecadores; (2) o perdão gracioso pela aceitação, por meio da fé, do sacrifício expiatório de Jesus Cristo; (3) a vida regenerada visível na ética social; e (4) a expectativa da vida eterna no Reino de Deus. Acrescenta-se a isso os traços do pietismo: forte emocionalismo, cultivo individual da vida religiosa, apego solitário à leitura da Bíblia e a mística contemplação do Crucificado. Sob essa influência, foi elaborado o hinário Salmos e Hinos, e essa herança perpetuou-se na Harpa Cristã.

O amor de Deus por todos os homens pecadores

Um dos traços da teologia armínio-wesleyana é a convicção de que Deus ama a todos os homens e deseja salvá-los da condenação eterna. Essa ideia é atrelada à eleição condicional, ou seja, Deus estende o seu amor sobre todos por meio da graça preveniente, e esta ilumina o pecador preparando-o para ser persuadido do seu pecado; porém, depois que essa graça é operada, o homem pode resistir às ofertas de salvação. Costumamos dizer que o Espírito Santo convence o homem do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8), mas, mesmo sabendo que a sua condição é de perdido, o homem pode resistir à persuasão do Espírito Santo (At 7.51) e não ser salvo (Jo 3.18). Alguns hinos expressam essa ação graciosa do amor de Deus:

Exemplo 1 HC 219
Os raios do amor de Deus, Brilharam na minh’alma, E o fim eu vi dos dias meus

O perdão gracioso pela aceitação por meio da fé

A teologia armínio-wesleyana trouxe consigo uma firme convicção de que a mensagem do evangelho deveria ser pregada a todos indistintamente. Mediante a pregação, as pessoas são convidadas a arrependerem-se dos seus pecados e a entregar a vida a Jesus Cristo por intermédio de uma confissão de fé perante a assembleia reunida. Feito isso, o próprio penitente, assim como a assembleia, entendia que o perdão de Deus recaía sobre o arrependido. Em virtude disso, boa parte dos cantos enfatiza a confissão de pecados e o convite para o pecador arrepender-se:

Exemplo 1 HC 39
Se nós a Ti confessarmos, E seguirmos na Tua luz, Tu não somente perdoas, Pur

Há uma ênfase na experiência da conversão muitas vezes caracterizada por um quebrantamento seguido de choro copioso. Os pregadores, por ocasião da conclusão de um sermão, sempre entoavam cantos que enfatizavam o apelo para o pecador entregar a sua vida a Jesus Cristo:

Exemplo 1 HC 128
Dá, hoje, a Cristo, Teu coração, teu coração. Pois nEle acharás a paz, o perdão, I

O sacrifício expiatório de Jesus Cristo

Para entender a ideia de expiação, é interessante analisarmos o pensamento de um dos grandes teólogos do século XIX: Charles G. Finney. Apesar de este ser herdeiro da teologia puritana — logo, calvinista —, Finney escreve nessa época sob a influência da teologia dos avivamentos, que tinha uma matriz armínio-wesleyana:

> A palavra “expiação” vem do termo hebraico cofer. Trata-se de um substantivo do verbo caufar, cobrir. O cofer ou a cobertura era o nome da tampa ou cobertura da arca da aliança e constituía o que era chamado propiciatório. A palavra grega traduzida por expiação é katallage. Isso significa reconciliação com o favor ou, mais estritamente, os meios ou condições para que haja reconciliação com o favor; de katallasso, “mudar ou trocar”. O significado estrito do termo é substituição. Um exame dessas palavras originais, no contexto em que se apresentam, mostrará que a expiação é a substituição governamental da punição dos pecadores pelos sofrimentos de Cristo. São os sofrimentos de Cristo cobrindo os pecados dos homens. (FINNEY, 2004, p. 280, grifos nossos)

A teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira seguiu a tradição armínio-wesleyana, e, segundo essa tradição, a extensão da expiação é ilimitada,[4] isto é, Cristo morreu na cruz por todos os pecadores (Fp 2.8; 1 Tm 2.3,4). A ideia de que Jesus Cristo é a propiciação pelos pecados do ser humano ganha forte ênfase nos hinos:

Exemplo 1 HC 29

> Oh! que precioso sangue, Sangue expiador! Eis o que da pena livra O malfeitor!

Pecado original e depravação total

O ser humano sem Cristo está “morto em ofensas e pecados” (Ef 2.1); essa condição é chamada “pecado original”. A iniquidade de Adão contaminou toda a raça humana, trazendo a morte (1 Co 15.22). Como consequência, a humanidade tornou-se toda degenerada (Rm 3.23); essa condição é chamada “depravação total”. Somente Jesus Cristo não nasceu nessa condição, porque foi gerado no ventre de Maria por ato milagroso do Espírito Santo (Lc 1.35). A grande questão que tem sido motivo de discussão entre as tradições protestantes é referente à capacidade de o ser humano, no seu estado de depravação, inclinar-se para a busca da salvação. A análise de Roger Olson é bem esclarecedora:

> A visão sinergista da salvação não é o oposto da visão monergista, como se poderia supor equivocadamente. O oposto do monergismo cristão seria o pelagianismo (uma heresia rejeitada por todas as igrejas cristãs). O sinergismo não é a fé de que os humanos se salvam. É a fé de que a salvação é somente por graça, mas requer a livre recepção e a não-resistência por parte dos indivíduos. Dois exemplos de sinergismo cristão são o reformador católico Erasmo, que foi aproximadamente contemporâneo de Lutero, e o teólogo holandês do século XVII Armínio. João Wesley, fundador da tradição metodista, também foi um sinergista com respeito à salvação. (OLSON, 2004, p. 399, grifo nosso)

A teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira, por ser herdeira da teologia armínio-wesleyana, crê na doutrina do pecado original e na visão sinergista da salvação.

Referente à doutrina do pecado original, não há muitas ocorrências explícitas na hinódia. Todavia, no hino “Jesus, meu eterno Redentor” (HC 139), a frase “Por Adão, o pecado no mundo entrou” coaduna-se com o texto bíblico de Romanos 5.12, texto este que é utilizado como fundamentação bíblica para a doutrina do

pecado original. A mesma coisa acontece com a ideia sinergista da salvação; não ocorrem muitas citações explícitas, mas no hino “Vem a Mim, pecador” (HC 359), a frase “Pois teu coração é fraco, não resiste” mostra que Deus faz o convite, e o pecador pode, por causa do seu orgulho, resistir ao convite gracioso da salvação (Hb 3.15).

Exemplo 1 HC 139
Por Adão, o pecado no mundo entrou; Ninguém dessa lei se podia libertar; Mas

A vida regenerada visível na ética social

A conversão traz automaticamente consigo a perspectiva da mudança de vida não somente no aspecto religioso, como também sobre o aspecto da vida cotidiana; é o que chamamos de testemunho de vida. A teologia armínio-wesleyana foi a síntese da perfeição cristã elucidada por John Wesley, da responsabilidade pessoal oriunda da pregação arminiana, do modo de vida puritano e do emocionalismo pietista. Sobre o modo de vida do puritanismo, Roger Olson tem uma explicação bem interessante:

> Uma das marcas registradas da teologia puritana era o ideal da igreja pura [...]. Para eles, a igreja verdadeira de Jesus Cristo era mais do que uma autarquia do Estado ou um grupo de apoio aos pecadores. Devia ser o corpo de Cristo na terra, a presença comunitária do reino de Deus na história e uma cidade acima das demais, cuja luz brilhasse para que todos vissem. Por isso, a igreja precisava ser composta de verdadeiros santos de Deus, demonstrar crenças corretas, vidas puras e líderes com essas qualidades. Isso não significa que somente as pessoas perfeitas podiam pertencer à igreja, mas certamente que cristãos meramente nominais, sem nenhuma experiência genuína com Deus de verdadeiro arrependimento e fé, não deviam ser membros plenos. (OLSON, 2001, p. 510, grifo nosso)

O puritanismo foi a reação contra a tolerância dentro da igreja de pessoas que não demonstravam uma vida de arrependimento. Entendiam que, para ser membro da igreja, era indispensável a ocorrência de um novo nascimento (Gl 6.15). A fé não é simplesmente uma adesão à igreja, porém envolve a vontade de dar testemunho da nova vida em Cristo (Gl 2.20). Assim, a Igreja é entendida como a comunidade dos santos que, individualmente, têm comunhão com Jesus Cristo, comunhão esta que leva a uma vida de santificação (Ef 4.22-24). Como consequência dessa vida de santificação, espera-se um comportamento

diferenciado por parte dos crentes por meio de uma ética bem rigorosa.

No Brasil, essa rigorosa postura ética por parte dos protestantes já é vista no Protestantismo de Missão, conforme comenta Antonio Gouvêa Mendonça:

> O fechamento do protestante para o mundo, o seu cultivo individual da vida religiosa, seu apego solitário à Bíblia e a mística contemplação do Crucificado fazem do pietismo protestante, e quase que do protestantismo em geral, um monasticismo secular. (MENDONÇA, 1995, p. 227, grifo nosso)

Esse "monasticismo secular" faz com que o novo convertido rompa com toda a estrutura social em que está inserido para viver uma nova vida em Cristo (Cl 3.1-11). A teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira é herdeira dos aspectos comportamentais do Movimento de Santidade, conforme explica Isael de Araujo:

> Tradicionalmente, os pentecostais repudiam o que denominam convencionalmente de "mundo", ou "mundanismo". Do ponto de vista histórico, essa postura de rejeição e afastamento do mundo foi herdada diretamente do metodismo e do movimento Holiness, dos quais o Movimento Pentecostal moderno se originou, nos Estados Unidos. Provém daí as raízes puritanas e pietistas dos pentecostais. Tal como no puritanismo, para o crente pentecostal mostrar-se santificado, ele precisa exteriorizar sinais, por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciam da sociedade inclusiva. (MORAES, 2001, p. 889, grifo nosso)

Com base nesse raciocínio, as Assembleias de Deus do Brasil tornaram-se conhecidas pelo seu modo de ser e trajar, surgindo aquilo que chamamos de "usos e costumes", que Antonio Gilberto definiu da seguinte maneira:

> Uma forma de expressão do testemunho cristão, de comportamento social, de porte e postura do crente e da congregação, confirmando ou comprometendo a doutrina bíblica, a ética cristã e a moral evangélica. (MORAIS, 2001, p. 879)

Essa postura ética e moral diferenciada é expressa nos hinos como libertação da "vaidade" e "soberba", que, segundo a perspectiva dos crentes, são comportamentos inerentes ao incrédulo (ao mundano). Com isso, o crente procura evitar o convívio social mais íntimo com pessoas profanas para não se contaminar com o pecado (1 Co 15.33).

Exemplo 1 HC 30
Jamais meu! Ó santifica Tudo quanto sou, Senhor! Da vaidade e da soberba, Ver

Os hinos também expressam o rompimento com a idolatria:

Exemplo 1 HC 198
Levou-me as dores todas, As mágoas lhe entreguei; Minha fortaleza é, na tentaç

No exemplo 1, fica explícito o rompimento do crente com o contexto cultural e social que tinha antes da sua experiência de conversão (“deixei por Ele tudo”), isso somado ao abandono da religião anterior, que podia ser o catolicismo ou candomblé (“os ídolos queimei”), para viver uma ética centrada nos ensinamentos bíblicos. O exemplo 2 também se refere ao abandono de uma religião anterior (“Os ídolos quebro”).

Uma vez libertos do mundo,[5] passamos a fazer parte da comunidade dos santos (Ef 2.19). O novo nascimento gera uma transformação interior na vida do crente (Tt 3.5), operada pelo Espírito Santo, que se refletirá no comportamento e no caráter do cristão (Tt 2.11-15). A partir dessa mudança, há o rompimento com o mundo, pois, no entender dessa nova pessoa em Cristo, o mundo já não está mais no seu coração (1 Jo 2.15-17). Essa postura irá conduzi-lo para a adoção de um novo comportamento que vai nortear os seus usos e costumes, sempre visando à glória de Deus.

Decerto, vivemos noutra fase de nossa história, e remeter-se a certas posturas do século passado seria um grave anacronismo. Nossa “filosofia de vida”, contudo, é pautada pela Palavra de Deus. Não queremos ater-nos a estereótipos, só que algumas posturas morais e éticas não mudam. Veja estes hinos de autoria de pentecostais que trazem a ideia de rompimento com o mundo:

Exemplo 1 HC 310
Avante eu vou, avante eu vou, Para entrar no céu, na divinal mansão; Tenho goz

Ênfases Teológicas Pentecostais

Como dissemos, o Salmos e Hinos não retratava as doutrinas cridas e praticadas pelos pentecostais. Por esse motivo, foi preciso elaborar uma hinódia própria. Vimos que o pentecostalismo que se estabeleceu no Brasil foi o da fórmula quádrupla influenciada pela doutrina da obra consumada no Calvário. A partir dessa percepção, analisamos a Harpa Cristã e observamos nos hinos as ênfases teológicas pentecostais que listaremos a seguir.

A experiência da conversão

Em movimentos de avivamento espiritual, a conversão é um momento dramático,[6] em que, por muitas vezes, aquele que passa por tal experiência tem um choro copioso e gritos de desespero. Nesse ínterim, os cantos ajudam a dramatizar ainda mais o momento de apelo à conversão.

A primeira pregação de Jesus Cristo teve o seguinte teor: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (Mt 4.17). Na teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira, a primeira grande ênfase é o fato de que Jesus Cristo salva a todo aquele que, com arrependimento e fé, crê no seu sacrifício vicário. O termo arrependimento é a tradução da palavra grega metanoia, que traz a ideia de “contrição”, “mudança de mente” ou, ainda, tristeza causada pela violação das leis divinas (Is 6.5). O apóstolo Paulo descreve esse sentimento como “a tristeza segundo Deus” (2 Co 7.10a). Caso um indivíduo não tenha concepção de arrependimento, ele não poderá ser salvo, pois como reconhecerá os seus pecados diante de Deus e dos homens? Talvez muitas pessoas digam consigo: “Eu não tenho do que me arrepender, pois não matei, roubei ou fiz maldades [...]; sou uma pessoa bondosa e honesta”. Pessoas assim se assemelham ao jovem rico, mencionado nos Evangelhos (Mt 19.16-22; Mc 10.17-22; Lc 18.18-23).

Conceituando teologicamente, chamamos essa experiência de “regeneração”, que se refere ao nascimento espiritual que Jesus Cristo ensinou para Nicodemos (Jo 3.1-7), em que Jesus afirma que não é possível entrar no Reino de Deus sem essa experiência. O novo nascimento implica mudança da velha vida de pecado para uma nova vida de obediência a Jesus (2 Co 5.17; Cl 3.10). Caso isso não aconteça, não houve novo nascimento (1 Jo 3.6, 7). Nos hinos da Harpa Cristã, percebemos os autores enaltecendo a realidade da nova vida[7] em Cristo com o uso da expressão “transformados” ou “nascer de novo”.

Exemplo 1 HC 342

Também fomos no mundo afinados, Mas não era agradável o som; Mas no Gólg

Pneumatologia pentecostal

O avivamento ocorrido no início do século XX fez com que as pessoas desejassem mais a presença de Deus. A partir de então, houve uma maior busca pelo poder e derramamento do Espírito Santo. À crença em Deus Pai nunca houve dúvidas ou questionamentos. Ocorreram alguns debates a respeito de Jesus Cristo. Entretanto, pouco se refletiu sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo. Por séculos negligenciou-se uma teologia do Espírito Santo, porém o pentecostalismo fez com que teólogos começassem a pensar sobre isso ou com o propósito de defender ou simplesmente refutar. Bernardo Campos entende o derramamento do Espírito Santo como uma inversão do que aconteceu em Babel, chamando esse fenômeno de “pentecostalidade”. Mesmo sendo uma doutrina negligenciada ao longo dos séculos, isso não impediu o agir do Espírito Santo no decorrer da história.[8] Sempre que a Igreja de Jesus Cristo entrava no formalismo e/ou na frieza espiritual, Deus sempre levantou um movimento de avivamento para colocá-la no centro da sua soberana vontade.

Em se tratando de doutrinas pneumatológicas pentecostais, uma delas é o fato de o Espírito Santo habitar (1 Co 6.19) naqueles que creem em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Uma vez habitando em nossas vidas, o Espírito Santo intercede por nós e ajuda-nos a vencer as fraquezas, auxiliando-nos na oração e examinando a intenção de nossos corações (Rm 8.26,27). Na Harpa Cristã, observamos esse ensino com a expressão “Dom”:

Exemplo 1 HC 100
Oh! Grande eterno amor! Oh! Gozo divinal! Que tenho em proclamar o dom de

Outra doutrina é a ideia de “penhor da graça”.[9] Penhor é uma garantia! É como se fosse a primeira prestação ou parcela inicial da aquisição de um bem. Deus concedeu-nos a possibilidade da vida eterna em Cristo. Sendo assim, o Espírito Santo é esse penhor (2 Co 5.5) que nos traz a certeza de nossa salvação (Ef 1.13,14).

Exemplo 1 HC 239
Tens me tirado p’ra fora Do mundo sedutor; Ó vem selar-me agora Glorioso Red

O Espírito Santo é o agente que nos conduz à santificação, pois, como observamos no capítulo 1, os pentecostais de tradição wesleyana inserem a santificação como uma das ênfases do Evangelho Pleno crendo em três estágios da experiência cristã: conversão (justificação), santificação total e batismo no Espírito Santo. Entretanto, os pentecostais de origem reformada (ex-batistas e ex-presbiterianos) entendiam a santificação como um processo gradual de apropriação dos benefícios da obra consumada de Cristo, que se inicia na regeneração e completa-se na glorificação. Portanto, não restringiu a santificação ao momento da regeneração ou a qualquer outro momento particular da experiência cristã. Essa controvérsia ocorreu no pentecostalismo estadunidense; já o pentecostalismo brasileiro, por influência dos suecos, que eram batistas, crê em dois estágios da experiência cristã: conversão (justificação) e batismo no Espírito Santo. Alguns hinos da Harpa Cristã trazem a ideia da obra consumada:

Exemplo 1 HC 208
Hoje queres obter a liberdade, Que se encontra no Senhor Jesus Receber no cora

Um fato interessante percebido durante a pesquisa foi encontrar uns poucos hinos da tradição wesleyana. Afirmamos isso por causa da doutrina da perfeição cristã (que normalmente é defendida nos círculos metodistas) implícita na mensagem do hino. Não há nenhum equívoco, pois o Espírito Santo que habita em nós conduz-nos à perfeição em amor:

Exemplo 1 HC 221
Sedento, com ardor, opera em mim! Te peço mais amor, opera em mim! Tu só m

Uma doutrina pneumatológica herdada da teologia de John Wesley é a do testemunho do Espírito Santo (Rm 8.16). Os pentecostais dão grande valor à realidade da experiência como parte integrante da vida cristã; é aquilo que, no pietismo, se chama “religião do coração”. Por intermédio do testemunho do Espírito Santo, o cristianismo deixa de ser uma prática meramente ritualística para ser algo vívido e prático para a vida cotidiana. Por exemplo, como saber se você e eu temos o penhor do Espírito? Como aferimos isso? Não há outro caminho senão pela experiência do testemunho do Espírito Santo (experimentá-lo, senti-lo). Segundo o teólogo peruano Bernardo Campos,[10] a experiência é uma forma de conhecimento que pode ser a priori ou a posteriori. Uma coisa é saber que existe o Espírito Santo (a priori); outra coisa é experimentar a sua presença (a posteriori). Pode parecer subjetivo; entretanto, se observarmos atentamente, as narrativas bíblicas são relatos de experiências com Deus. Os discípulos no caminho de Emaús (Mc 16.12,13; Lc 24.13-35) relataram a experiência que tiveram com Jesus Cristo ressuscitado. Os hinos expressam as experiências do testemunho do Espírito Santo como aquEle que interage conosco sendo nosso guia:

Exemplo 1 HC 77
Guarda o contacto com teu Salvador, E a nuvem do mal não te cobrirá; Pela sen

Batismo no Espírito Santo: revestimento de poder para o serviço

Apesar de ser uma doutrina pneumatológica, esta discussão requer uma abordagem própria. A narrativa de Atos dos Apóstolos traz a doutrina do batismo no Espírito Santo (At 1.5; 2.4; 11.15) como cumprimento das palavras do Senhor Jesus (Lc 24.49; At 1.4).

No século XIX, durante o Movimento de Santidade, os herdeiros da teologia de John Wesley criam que o propósito do batismo no Espírito Santo era efetivar a perfeição cristã (ou a santidade plena). Porém, no fim daquele século, Charles F. Paham articulou a ideia de que o propósito era as “línguas missionárias” (xenolalia), ou seja, o batismo no Espírito Santo capacitaria o crente a falar um idioma que nunca estudou com o fim de pregar a outros povos. Entretanto, com a eclosão do avivamento de 1906, entendeu-se, posteriormente, que o propósito do batismo no Espírito Santo é o revestimento de poder para o serviço (At 1.8), e as línguas são a evidenciação desse batismo (glossolalia). Na Harpa Cristã, vemos a ideia do revestimento de poder para o serviço em alguns hinos:

Exemplo 1 HC 155
Com o óleo, sim, vem nos ungir, Teu poder, Teu poder, Teu poder. Pai celeste, fa

A teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira crê, pratica e ensina que a evidência física inicial de que uma pessoa recebeu o batismo no Espírito Santo é a manifestação das línguas estranhas (At 2.4; 10.45,46; 19.6). Contudo, a evidência de que uma pessoa tem consigo a presença contínua do Espírito Santo na sua vida é o fruto do Espírito (Gl 5.22). Vale ressaltar que, hoje, o pentecostalismo brasileiro é muito diversificado; logo, é possível encontrar segmentos ou, quiçá, denominações evangélicas que não consideram a manifestação das línguas estranhas como uma evidência obrigatória. Não obstante, as Assembleias de Deus creem, ensinam e praticam a teologia pentecostal clássica. Essa doutrina é mencionada em alguns hinos:

Exemplo 1 HC 87
Quando a Ele busquei, E batizado fiquei, Línguas estranhas falei, E meu Senhor

Em conformidade com a ideia de revestimento de poder para o serviço, Deus pode capacitar o crente com dons espirituais (1 Co 12.1-6). Afinal, a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil (1 Co 12.7). Uma característica das igrejas pentecostais é a certeza de que os dons espirituais, como manifestação do Espírito Santo, operam no meio da igreja.[11] Normalmente, a título de estudo, dividem-se os dons em: (1) Dons de revelação (palavra de conhecimento, palavra de sabedoria e discernimento de espíritos); (2) Dons de poder (fé, dons de curar e operação de maravilhas); e (3) Dons de expressão vocal (profecia, variedade de línguas e interpretação das línguas). Devemos entender que esses dons são de atuação eventual, inesperada e imprevista, tudo dependendo da soberana vontade de Deus. Alguns hinos da Harpa Cristã trazem nas suas estrofes o incentivo para o crente buscar os dons espirituais:

Exemplo 1 HC 349
Os dons do céu prometidos, Pai esperamos aqui; Em santo amor reunidos, Nós s

Vale ressaltar que a tradição teológica reformada (calvinista e cessacionista) foi influenciada pelo principal fator da sua época: o Iluminismo. Nessa época, a base da interpretação era a percepção humana e a razão. Destarte, o que não se entendia racionalmente era rejeitado. Diferentemente, a tradição teológica pentecostal (armínio-wesleyana e continuísta) sempre creu no sobrenatural; naquilo que, muitas vezes, não pode ser explicado, mas que é atribuído ao poder divino. Nossa base de interpretação é a leitura da Bíblia sob inspiração do Espírito Santo (Jo 14.16,17). Por isso, para nós, os dons espirituais nunca cessaram.

Hermenêutica pentecostal

Para os pentecostais, a literatura de Lucas-Atos não é somente uma mera narrativa de fatos. Traz consigo uma teologia do Espírito Santo que mostra a sua atuação desde o anúncio do nascimento de João Batista (Lc 1.15) até a prisão de Paulo em Roma (At 28.25). Os pentecostais enxergam como o testemunho dos irmãos da Igreja Primitiva. Sendo assim, a leitura de Atos dos Apóstolos, bem como de toda a Bíblia, não é como se lê um livro de histórias, mas, sim, como a mensagem de Deus para os crentes da Nova Aliança (Jr 31.31-34; Hb 8.1-13). É o que chamamos de leitura devocional (com devoção; reverência; de forma piedosa). Mediante esse tipo de leitura e por intermédio de uma hermenêutica do Espírito,[12] entendemos que a igreja descrita em Atos dos Apóstolos é o modelo que Jesus determinou para a sua Igreja em todos os tempos. A Harpa Cristã, como um hinário essencialmente pentecostal, traz na sua coletânea hinos que mostram uma hermenêutica diferenciada de Atos dos Apóstolos.

Exemplo 1 HC 358
Qual um vento veemente, O poder a casa encheu; Línguas vieram sobre os crent

A leitura bíblica do pentecostal é diretamente influenciada pela sua experiência com Deus. Algo semelhante à experiência do patriarca Jó (Jó 42.5), que conhecia a Deus superficialmente e, depois da sua experiência, conheceu-o de maneira mais profunda. A crítica bíblica que foi desenvolvida após a Reforma Protestante possui duas divisões: (1) Método histórico – que nos ajuda a conhecer o contexto social e cultural dos textos; e (2) Método gramatical – que examina os textos nos idiomas originais e procura recuperar o que os escritores realmente escreveram.

Uma questão que vem sendo discutida são os pressupostos dos intérpretes. Caso estes sejam cessacionistas,[13] logo desprezarão o sobrenatural e interpretarão sob bases racionalistas e materialistas.[14] Entretanto, o mundo da Bíblia não é o mesmo do racionalista, pois aquele reconhece as experiências sobrenaturais outorgadas por Deus. Portanto, para nós, pentecostais, que interpretamos sob uma base continuísta,[15] temos dois pressupostos: (1) cremos no sobrenatural; e (2) nossa epistemologia vislumbra as experiências com Deus.

A partir desse raciocínio, entendemos que o crente pentecostal lê a Bíblia a partir da sua experiência com Deus. É o que o teólogo Craig S. Keener chama de “leitura experiencial”. Ele cita um exemplo com base em Atos 2.14-36: “Pedro explicou a experiência do Pentecostes à luz das Escrituras e as Escrituras à luz da experiência do Pentecostes” (KEENER, 2018, p. 93). Da mesma forma, uma coisa é lermos na Bíblia: “[...] receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito Santo” (At 1.8 – NAA), e outra coisa é “experimentar” esse poder. Com certeza, isso faz toda a diferença na vivência da fé e na forma como lemos a Bíblia.

A extensão da expiação sob a perspectiva somática: Jesus cura

Com a Queda, o pecado entrou no mundo e, como consequência, a morte passou para todos os homens (Rm 5.12). E uma das causas que levam o ser humano à morte é a ação de diversos patógenos que atacam nosso corpo, causando, assim, as doenças. Deus vê o ser humano de maneira holística, e, em vista disso, cremos que Deus proveu, por intermédio de Cristo, não somente a salvação da alma, como também a possibilidade da cura[16] do corpo (Sl 103.3).

No Antigo Testamento, vemos Deus testemunhar de si mesmo afirmando ser nosso médico (Êx 15.26). Por ser soberano sobre a sua criação, Deus tem poder para ferir e curar conforme os seus desígnios (Dt 32.39). Curar, portanto, faz parte da sua natureza amorosa, pois Deus é amor! (1 Jo 4.8). Ele atua contra tudo aquilo que nos aflige, inclusive as doenças.

No Novo Testamento, vemos que a cura divina é um dos benefícios da expiação consumada por Cristo na cruz do Calvário (Jo 17.4; 19.30). Este foi um ato perfeito e suficiente para a redenção do ser humano na sua totalidade[17] (espírito, alma e corpo). A cura divina não foi um aspecto superficial do ministério de Jesus, mas, sim, um testemunho da sua identidade (Mt 9.5,6; Mc 2.10,11; Lc 5.23,24).

A teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira tem o continuísmo como pressuposto para a sua interpretação teológica. Por isso, entendemos que a Grande Comissão, que foi ordenada por Jesus Cristo, não ficou restrita aos discípulos da era apostólica, mas também a nós do presente. As suas promessas de sinais poderosos, incluindo a cura divina, é estendida a nós.[18]

Segundo Donald Dayton: “[...] as raízes deste ensino são bastante complexas e difíceis de serem rastreadas” (DAYTON, 2018, p. 191). Entretanto, possivelmente o pietismo tenha contribuído para o surgimento da doutrina da cura divina, movimento este que influenciou a John Wesley e, por conseguinte, ao pensamento teológico do Metodismo. Na América do Norte, eclodiu no

Movimento de Santidade. Teólogos ligados ao Movimento de Santidade desenvolveram ensinos sobre a “cura pela fé” com base no texto de Tiago 5.14,15. Posteriormente, com base em Salmos 103.2,3, entenderam que Cristo, além de salvar a alma, também cura o corpo. Foi assim que surgiu a doutrina da “cura na expiação”, que posteriormente se tornou uma das ênfases do pentecostalismo quadrangular.[19] Na Harpa cristã, há oito hinos específicos sobre cura divina e outros que, no mínimo, mencionam que Deus cura.

Exemplo 1 HC 415
Cristo Jesus te quer curar, E tem poder p’ra te curar, Dos males todos te livrar, S

É fato que nem todos alcançam a cura de uma doença; e até morrem em consequência desta (ver 2 Rs 13.14-21). Contudo, o que cremos é que existe um momento certo para o operar de Deus, visando a sua glória (ver Jo 9.1-3). O que compete a nós é continuar crendo! Pois é certo que uma atmosfera de incredulidade impede o operar de Deus, conforme comenta William Menzies:

> A fé é a chave que destranca a porta das bênçãos divinas. Feita a nossa parte, deixemos o resto com Deus. E como alguém sabiamente afirmou: “Onde houver uma maior atmosfera de fé, aí haverá mais curas”. O próprio Senhor Jesus não realizou muitos milagres numa atmosfera de incredulidade (Mt 13.58), mas eles estão ao nosso dispor. A pregação e o ensino positivos encorajam a fé. A Igreja precisa estar na fé, a fim de poder experimentar o sobrenatural. (MENZIES; HORTON, 2006, p. 171)

A irrupção sobrenatural de Deus na história: Jesus voltará

A construção da doutrina pré-milenista, que foi adotada pela teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira, teve a influência do pensamento que foi consolidado no período do pós-guerra civil estadunidense. No século XIX, houve um grande otimismo que gerou a expectativa de que a conversão da humanidade ao cristianismo protestante, adicionado ao progresso científico e social, faria com que a volta de Jesus fosse antecipada para governar em um Milênio perfeito. Contudo, a eclosão da guerra civil estadunidense e a posterior imigração de católicos, luteranos e elementos não cristãos fizeram com que o otimismo fosse transformado em pessimismo. A partir daí, desenvolveu-se a ideia de que somente uma intervenção a-histórica sobrenatural poderia mudar o rumo da humanidade. Com isso, os teólogos do movimento de santidade, para responder as expectativas do período histórico em que viviam, entenderam que, antes do Milênio perfeito, Jesus teria que voltar para eliminar os ímpios. Surge a ideia da volta de Jesus em duas fases: arrebatando os fiéis e, após a Grande Tribulação, voltando pessoalmente para governar; a esse evento dá-se o nome de parousia (palavra de origem grega que significa “presença”, “vinda” e “chegada”). Trata-se da crença na vinda pessoal de Jesus Cristo para estabelecer o seu Reino de justiça. Esse evento marcará o fim da Era Presente (Mt 24.3) e a transição para um futuro glorioso (Rm 8.18). Nas Assembleias de Deus, a expectativa da parousia é tão intensa que essa esperança é expressa até mesmo em um hino de casamento:

Confirma esta aliança,

Nós Te pedimos ainda,

Enchendo-os da esperança

Da Tua santa vinda. (HC 150)

(Grifo nosso)

Quando ocorreu o Avivamento da Rua Azusa, muitos entenderam que a manifestação das línguas era um sinal da iminente volta de Jesus. Observe o comentário feito pelo Dr. W. C. Dumble, de Toronto, Canadá, que estava visitando Los Angeles no ano de 1906:

“[...] Crê-se que este avivamento ainda está na sua infância, e garantem que um grande derramamento é iminente. Estamos na véspera desta dispensação. A mensagem que vem pelas ‘línguas’ é: ‘Jesus está voltando.’”(BARTLEMAN, 2001, p. 70, grifo nosso)

Em consequência desse fato, houve uma urgência missionária não influenciada pela ideologia do destino manifesto, mas, sim, pelo temor de Jesus voltar e muitos se perderem. Nisso vemos o porquê de vários missionários disporem-se a ir para diversos rincões do mundo para pregar o evangelho. Nesse período, Gunnar Vingren já morava nos Estados Unidos e relata no Diário do Pioneiro a sua chamada para o Brasil. E é bem possível que os suecos carregassem consigo a perspectiva pré-milenista.

Em se tratando da teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira, na década de 1940, com o investimento estadunidense na CPAD, houve uma considerável quantidade de publicações teológicas traduzidas; foi por meio dessas que ocorreu a introdução do ensino dispensacionalista[20] no âmbito das Assembleias de Deus do Brasil. Escritores como Myer Pearlman e Ralph M.

Riggs, que tiveram as suas obras traduzidas, adotavam uma postura dispensacional tanto na escatologia como na eclesiologia. Uma das obras de referência da doutrina dispensacionalista é a teologia de Lewis S. Chafer (literatura bastante lida e consultada pelos pentecostais). Segundo Chafer, dispensação[21] é o comprometimento de Deus com o homem de uma responsabilidade de desincumbir-se daquilo que lhe designou (CHAFER, 2003, p. 11); ou seja, há em cada dispensação uma aliança entre Deus e o homem, e este deve obedecer ao preceito da aliança para manter a comunhão com Deus (Gn 2.16,17; 3.21; 4.4; 8.20-22; 9.9-17; 12.1-3; Êx 19 e 20; Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20). O propósito de uma dispensação é provar o ser humano a respeito da sua obediência para com uma determinada revelação da vontade de Deus.[22] Assim, nas cinco dispensações anteriores — Inocência (Gn 2.16,17), Consciência (Gn 6.1-8), Governo Humano (Gn 11.1-9), Patriarcal (Gn 15.1-21) e Lei (Êx 20.18-21) —, o ser humano foi provado no seu livre-arbítrio para demonstrar a sua obediência para com a vontade revelada de Deus.

Entretanto, atualmente, o dispensacionalismo não é uma unanimidade entre os pentecostais. Escritores como Stanley M. Horton e R. Hollis Gause são pré-milenistas, mas não dispensacionalistas (MORAES, 2001, p. 612); e, segundo M. James Sawyer:

> Enquanto as antigas manifestações do pensamento dispensacionalista falavam de diversos reinos de Deus, no dispensacionalismo progressivo é reconhecido apenas o reino escatológico prometido em ambos os Testamentos, cujo foco incide sempre sobre Jesus Cristo. No entendimento do dispensacionalismo progressivo, o Reino tem muito em comum com a “escatologia inaugurada”, popularizada na comunidade evangélica da América do Norte pelo ex-dispensacionalista George E. Ladd. (SAWYER, 2009, p. 416, grifos nossos)

O dispensacionalismo progressivo não secciona os tempos dispensacionais, mas tratam estes como avanços na revelação progressiva do Reino de Deus para a humanidade. Com isso, não é importante o número de dispensações. O que, de fato, importa é que o plano de Deus está avançando até atingir o seu ápice.

Ainda segundo M. James Sawyer:

> Existe uma confusão generalizada quanto à posição dispensacionalista acerca da renovação carismática. O pentecostalismo clássico é inteiramente dispensacional, enquanto os representantes do dispensacionalismo não pentecostal argumentam contra a continuação dos charismata no presente. Essa posição aos dons do Espírito, porém, não é endêmica ao sistema dispensacionalista, mas reflete uma afinidade dos dispensacionalistas não pentecostais com as atitudes calvinistas exemplificadas na obra de B. B. Warfield, Counterfeit Miracles (Milagres Falsificados). (SAWYER, 2009, p. 426, grifo nosso)

Mesmo que não haja um senso comum entre os teólogos pentecostais quanto ao dispensacionalismo, observamos na citação supra que a escatologia pré-tribulacionista do pentecostalismo clássico tende ao dispensacionalismo.

Sendo assim, ao longo dos anos, a doutrina pré-tribulacionista tem sido a corrente escatológica crida, ensinada e vivida pelas Assembleias de Deus do Brasil. A Harpa Cristã está repleta de hinos que expressam a expectativa dessa bem-aventurança. Segundo as palavras de Jesus (Mt 24.32-35), temos que estar atentos aos sinais da sua vinda. Dentre os vários sinais, destacamos a apostasia (2 Ts 2.1-3) e a manifestação de falsos cristos e falsos profetas (Mt 24.24). Há hinos que exortam os crentes a estar atentos a esses sinais:

Exemplo 1 HC 323
Levantai os vossos olhos para cima, Ó remidos do Senhor Jesus! A figueira mos

Conforme as profecias, o Messias viria em fraqueza e humilhação (Is 53.1-3; Dn 9.26; Zc 13.6), mas depois viria de forma esplêndida e purificando a terra com julgamentos terríveis (Is 40.9-11; Dn 7.13,14; Mq 5.2). O primeiro advento foi cumprido! Jesus morreu, ressuscitou e ascendeu ao céu (Lc 24.51). Estamos aguardando o segundo advento que ocorrerá em duas fases:

1) a primeira, de forma abrupta e sem aviso prévio (Ap 16.15), Jesus arrebatará[23] os fiéis para encontrarem-se com Ele nos ares (1 Ts 4.15-18). Os mortos ressuscitarão, e os que estiverem vivos neste dia serão transformados (1 Co 15.51-53). A partir daí, começará o julgamento dos santos (2 Co 5.10) e, posteriormente, as Bodas do Cordeiro (Ap 19.10);

2) a segunda, depois da Grande Tribulação, Jesus virá pessoalmente, julgará as nações ímpias e estabelecerá o seu Reino (Ap 19.11-16).

A Harpa Cristã está repleta de hinos que expressam a grandiosa esperança da volta de Jesus:

Exemplo 1 HC 300
Jesus, sim, vem, os mortos esperando estão; O gran momento da ressurreição E

A Bíblia mostra-nos que o arrebatamento é uma realidade e acontecerá numa hora que ninguém espera (2 Pe 3.10); por esse motivo, temos que estar vigilantes e atentos aos sinais que antecedem esse evento glorioso (Lc 21.5-19). Dentre as várias figuras e parábolas que ensinam sobre a iminência e a imprevisibilidade do arrebatamento, uma chama bastante atenção: a Parábola dos dois servos (Mt 24.45-51). Cremos que a finalidade do arrebatamento é prover livramento à Igreja dos juízos que Deus exercerá sobre Israel e os ímpios. Assim como Deus preservou Noé e a sua casa por meio do Dilúvio (Gn 7.1), livrou Ló e a sua casa antes de destruir Sodoma (Gn 19.16) e livrou os primogênitos dos israelitas por meio do sangue aspergido nos umbrais das portas (Êx 12.13), o sangue da Nova Aliança em Jesus Cristo (Mt 26.26-29) também nos livrará da ira futura (1 Ts 1.10).

Conforme vimos no capítulo 2, o hinário Salmos e Hinos não contemplava as doutrinas pentecostais, e uma dessas doutrinas é a do arrebatamento dos santos. Os hinos da Harpa Cristã que são oriundos do hinário Salmos e Hinos e que falam da volta de Jesus retratam a segunda fase da segunda vinda de Jesus (vindo para reinar).

Exemplo 1 HC 38
Proclamai que Ele, do céu em breve descerá! Proclamai! Proclamai! E com todo

Já os hinos cuja autoria é de pentecostais retratam a primeira fase da segunda vinda de Jesus (o arrebatamento).

Exemplo 1 HC 70
Cristo Jesus logo vai voltar, Vai voltar, vai voltar, Seu povo vem, sim, arrebatar;

O fim da história escatológica será marcado por tempos trabalhosos (2 Tm 3.1-5), e, conforme o texto de 1 Timóteo 4.1-5, haverá grande apostasia nos últimos tempos. Mas esse fato não deve causar-nos perplexidade, pois, segundo o texto de 2 Tessalonicenses 2.1-6, a apostasia será um dos sinais da manifestação do Anticristo.

Grande parte dos hinos da Harpa Cristã retrata a ideia desses tempos trabalhosos. O pastor Paulo Leivas Macalão, por exemplo, usava muito a expressão “mundo de horror” nas suas composições/versões para sintetizar a ideia do caos reinante em nossa sociedade no fim dos tempos.[24] Outros autores usavam expressões como “mundo vil”, “mundo perdido e “mundo jaz na perdição”.

Exemplo 1 HC 179
Os meus olhos, ó retira, Deste mundo de horror, Pois minh’alma em Ti remira T

Por mais que lutemos para vivermos dias melhores, cada vez mais nossas expectativas são direcionadas para a volta de Jesus e pelo estabelecimento do Milênio[25] (Dn 7.13,14), pois somente Jesus tem o poder de restaurar a perfeita ordem das coisas (Is 61.1-11; Lc 4.16-21). No Milênio, Jesus Cristo será o grande regente da terra (Ap 11.15). Em virtude disso, todas as mazelas sociais e injustiças que vivemos hoje deixarão de existir, porque o reinado de Jesus Cristo será um tempo de júbilo (Is 35.1-10). Verdadeiramente, será um tempo de paz e justiça para os salvos (Mq 4.1-5). O apóstolo Paulo expressa em Romanos 8.22 que a criação “geme” e “suporta angústias” (dores de parto), pois, devido à Queda e à consequente entrada do pecado no mundo, a natureza tornou-se sujeita às catástrofes físicas. A degradação do meio ambiente e o desequilíbrio ecológico também são consequências do pecado humano, pois o homem destrói a natureza e extingue espécies por pura ganância (1 Tm 6.10a). Entretanto, com o estabelecimento do Milênio, a natureza será restaurada ao seu estado original (Is 65.17-25).

A aspiração pela vida futura de justiça, gozo e paz é retratada nos hinos da Harpa Cristã, pois, se pensarmos nas décadas de 1930 a 1950, as condições sociais do Brasil não eram fáceis (e ainda hoje não são), principalmente para a população pobre. Assim, os autores expressaram isso nas suas letras:

Exemplo 1 HC 446
Cristo chama ainda: “Ó vinde a Mim, Oprimidos, cansados, sem paz; Vida etern

Após o Milênio, haverá uma batalha final (Ap 20.7-10) e, posteriormente, o juízo do trono branco (Ap 20.11-15). Depois disso, entraremos em um período que os teólogos chamam de Estado Eterno. As profecias bíblicas, principalmente as do Antigo Testamento, muitas vezes misturam promessas do Milênio com promessas da Jerusalém Celeste; são dois tempos distintos que não podem ser confundidos. Vemos claramente essa distinção no livro de Apocalipse, pois há profecias a respeito do Milênio nos capítulos 19 e 20.1-6. Já nos capítulos 20.7-15; 21 e 22.1-5, há profecias de eventos do fim do Milênio e transição para o Estado Eterno. Há uma promessa maravilhosa e confortante para os cristãos: “E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” (Ap 21.4). Nesse tempo, todos os efeitos do pecado serão aniquilados para sempre. Talvez haverá somente lembranças das coisas santas que valham a pena ter na memória (Is 65.17). Todo o infortúnio do passado será esquecido.

A aspiração pela cidade celestial inspirou profundamente os autores dos hinos que compõem a Harpa Cristã. São letras que têm por base o texto de Apocalipse 21.9-27; 22.1-5 e descrevem as belezas da Nova Jerusalém.

Exemplo 1 HC 142
Ó Sião celeste, repouso dos santos, O teu arquiteto se chama o SENHOR; Em ti

[1] “É a doutrina que assegura ser a Bíblia, em sua totalidade, produto da inspiração divina. Plenária: todos os livros da Bíblia, sem qualquer exceção, foram igualmente inspirados por Deus. Verbal: o Espírito Santo guiou os autores não somente quanto às ideias, mas também quanto às palavras dos mistérios e concertos do Altíssimo (2 Tm 3.16). A inspiração plenária e verbal, todavia, não eliminou a participação dos autores humanos na produção da Bíblia. Pelo contrário: foram eles usados de acordo com seus traços personais, experiências e estilos literários (2 Pe 1.21).” GILBERTO, Antonio. (Ed.). Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 31.

[2] “O termo grego que mais se aproxima do vocábulo português ‘inspiração’ acha-se em 2 Timóteo 3.16. É a palavra theopneustos que, literalmente, significa ‘soprado por Deus’. Mediante o hálito e o poder divinos, o Espírito Santo moveu os autores da Bíblia com tal precisão que o que eles deixaram escrito reflete com exatidão o que o próprio Deus quis dizer. Os profetas e apóstolos deixaram bem patentes os sinais da inspiração divina em suas respectivas obras. Isso significa que os 66 livros do cânon sagrado, que compõem a Bíblia, na sua expressão original, são inteiramente dignos de confiança, tanto quanto a voz do Espírito Santo (ver 2 Pe 1.17-21).” MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. Doutrinas Bíblicas: os fundamentos da nossa fé. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 19.

[3] “Antes de qualquer outra consideração, constatei que todos os cânticos examinados, direta ou indiretamente, referem-se a Cristo ou Deus-Filho. Os demais componentes da Trindade são quase que completamente esquecidos [...]. O que estou querendo dizer é que é mais ou menos sensível um certo desequilíbrio na fé essencialmente trinitária do cristianismo.” MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir – A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995, p. 223.

[4] “Há uma declaração que se encaixa em ambos os lados: a morte expiatória de Cristo é possível para todos, mas eficaz apenas para aqueles que creem. No entanto, para o calvinista, a doutrina da eleição significa que Cristo realmente morreu apenas pelos eleitos, e a possibilidade para o incrédulo é mitigada por dois fatores: (1) eles rejeitam continuamente a cruz (depravação total); e (2) eles nunca podem participar dos efeitos da cruz, porque não são eleitos. Para o arminiano, a oferta graciosa da salvação chega a todos, e a graça preveniente, pela qual a presença convincente do Espírito atrai a todos a Cristo, torna possível

a livre escolha. Isso significa que a expiação é universalmente aberta a todos." NASELLI, Andrew; SNOEBERGER, Mark. (Ed.). A Extensão da Expiação em Debate: 3 perspectivas. Natal: Editora Carisma, 2019, p. 189.

[5] "A palavra 'mundo' (gr. kosmos) frequentemente se refere ao vasto sistema de vida desta era, fomentado por Satanás e existente à parte de Deus. Consiste não somente nos prazeres obviamente malignos, imorais e pecaminosos do mundo, mas também se refere ao espírito de rebelião que nele age contra Deus, e de resistência ou indiferença a Ele e à sua revelação." STAMPS, Donald C. (Ed.). Bíblia de Estudo Pentecostal – Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 1.957.

[6] Para mais detalhes, ver o capítulo 5 da obra: ROSA, Merval. Psicologia da Religião. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

[7] "A regeneração provocada pelo ato conversível ocorre na vida do indivíduo, sentida única e exclusivamente por ele, a qual lhe produz uma experiência tão marcante que contá-la mostra-se algo mais que voluntário, é necessário. E contá-la através da canção é uma consequência inevitável. Daí a presença superior à décima parte dos hinos presentes na Harpa Cristã ligados a esse tema teológico." SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. Harpa Cristã – Instrumento da expansão Pentecostal no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 184.

[8] "O cristianismo carismático não é um fenômeno que pertence unicamente ao século XX. Ele tem sido uma constante desde que Jesus caminhou pela terra, há 2 mil anos. Contudo, no século XX e continuando no século XXI, houve uma tremenda explosão do cristianismo carismático. Começando pelo Movimento Pentecostal em 1901 e revigorado pelo Movimento Carismático iniciado em 1960, com sua Terceira Onda em 1980, essa explosão do Movimento ganhou impulso e permeou todos os setores da vida cristã. Desde o primeiro século, não havia tal ênfase no Espírito Santo e seus dons." HYATT, Eddie L. 2.000 Anos de Cristianismo Carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal. Natal: Editora Carisma, 2018, p. 17.

[9] "Selo. (Ef 1.13; 2 Tm 2.19) Essa ilustração exprime os seguintes pensamentos: 1) Possessão. A impressão dum selo dá a entender uma relação com o dono do selo, e é um sinal seguro de algo que lhe pertence. Os crentes são propriedades de Deus, e sabe-se que o são pelo Espírito que neles habita. O seguinte costume era comum em Éfeso no tempo de Paulo. Um negociante ia ao porto selecionar

certa madeira e então a marcava com seu selo — um sinal de reconhecimento da possessão. Mais tarde mandava seu servo com o selo, e ele trazia a madeira que tivesse a marca correspondente. (Vide 2 Tm 2.19). 2) A ideia de segurança também está incluída. (Ef 1.13; vide Ap 7.3) O Espírito inspira um sentimento de segurança e certeza no coração do crente. (Rm 8.16). Ele é o penhor ou as primícias da nossa herança celestial, uma garantia da glória vindoura. Os crentes têm sido selados, mas devem ter cuidado que não façam alguma coisa que destrua a impressão do selo (Ef 4.30).” PEARLMAN, Myer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 184.

[10] “A experiência é então uma forma de conhecimento ou habilidades derivadas da observação, da participação e da vivência de um evento ou proveniente das coisas que sucedem na vida. É um conhecimento que se elabora coletivamente [...]. Para os cristãos o conhecimento da existência de Deus é um conhecimento ‘a priori’, porque para existir Deus não necessita de nossa experiência. Na medida em que esse Deus soberano se tem revelado a nós, tem dado lugar a uma experiência com ele (a posteriori) e tem gerado um novo conhecimento: o conhecimento revelado. Trata-se de um conhecimento ‘objetivo’ quando provém das Escrituras e ‘subjetivo’, pessoal, quando se apropria do sentido interpretado.” CAMPOS, Bernardo. Hermenêutica do Espírito – uma proposta para uma hermenêutica pentecostal. São Paulo: Editora Recriar, 2018, p. 28.

[11] “Pelo menos dois princípios devem ficar bem patentes aqui, concernentes aos dons espirituais: 1) Uma pessoa que recebeu do Senhor dons do Espírito não significa que ela alcançou um estado de perfeição e que é merecedora das bênçãos de Deus. As manifestações e operações do Espírito Santo por meio de um crente jamais devem ser motivo de orgulho, seja ele quem for. 2) Assim como o crente não é salvo pelas obras, mas tão-somente pela graça divina (Ef 2.8; Tt 3.5), assim também os dons do Espírito Santo nos são concedidos pela graça de Deus para que ninguém se engrandeça — ‘segundo a graça’ (Rm 12.6).” GILBERTO, Antonio. (Ed.). Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 95.

[12] “[...] a hermenêutica da maioria dos crentes pentecostais não é excessivamente complexa. Não está cheia de questões sobre a confiabilidade histórica ou repleta de cosmovisões ultrapassadas. Não é excessivamente reflexiva sobre os sistemas teológicos, a distância cultural ou as estratégias literárias. A hermenêutica do crente pentecostal típico é direta e simples: as histórias em Atos são minhas histórias — histórias que foram escritas para servir de modelo para moldar a

minha vida e experiência.” MENZIES, Robert P. Pentecostes: essa história é a nossa história. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 22.

[13] É a doutrina na qual se crê que os dons do Espírito Santo, apesar de terem sido de fundamental utilidade e importância nos primórdios da igreja cristã, cessaram de existir quando do estabelecimento do Cânon bíblico. Para uma discussão mais ampla, ver: RUTHVEN, Jon Mark. Sobre a cessação dos charismata: a polêmica cessacionista dos milagres pós-bíblicos. Natal: Editora Carisma, 2017.

[14] “[...] a rigidez dos métodos-históricos, tanto os críticos (ao modo liberal) quanto os gramaticais (ao modo fundamentalista), acabaram ‘impedindo aquela experiência que deveria justamente ser a meta de toda a leitura bíblica, qual seja, a de propiciar uma ‘experiência com a experiência’ [...] o pentecostal lê a Bíblia sem a dependência racionalística que a tudo pretende explicar não deixando espaço para se crer no inexplicável, no mistério, no inefável.” CARVALHO, César Moisés. Pentecostalismo e Pós-modernidade – quando a experiência sobrepõe-se à Teologia. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, pp. 404, 405.

[15] É o oposto de cessacionista. É a doutrina na qual se crê que os dons do Espírito Santo não cessaram, mas ainda são atuantes no meio da igreja cristã.

[16] “Deus prometeu curar o seu povo na Antiga Aliança. A cura fazia parte da aliança que Deus estabeleceu com seu povo Israel no Sinai (Êx 23.25). A obediência às exigências da aliança produzia cura, enquanto a não observância de seus preceitos trazia doenças. A lei da retribuição do pecado e suas consequências é uma realidade bem documentada na Antiga Aliança (Sl 41.4). Todavia, nem sempre as doenças e as curas na Antiga Aliança estão condicionadas ao princípio de causa e efeito. Como exemplo, a doença de Jó e o consequente sofrimento não ocorreram em razão de seu pecado pessoal, mas, sim, da maldade de Satanás contra ele e contra Deus.” SOARES, Ezequias. (Org.). Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 180.

[17] “No paralelo entre redenção e expiação, vemos que a provisão para os nossos corpos é a redenção referida em Rm 8.23. Temos agora recebido o perdão dos pecados, junto com a redenção de nossas almas. Mas receberemos a redenção de nossos corpos somente quando fomos arrebatados ao encontro do Senhor. Então, seremos transformados segundo a imagem de Cristo (1 Co 15.51-54; 2 Co 5.1-4; 1 Jo 3.2). As curas divinas, pois, antecipam a alegria da redenção do corpo e,

como todas as bênçãos do Evangelho, fluem da expiação.” MENZIES, William W; HORTON, Stanley M. Doutrinas Bíblicas: os fundamentos da nossa fé. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 164.

[18] “Jesus comissionou seus doze discípulos para curar os enfermos, como parte da sua proclamação do reino de Deus (Lc 9.1,2,6). Posteriormente, Ele comissionou setenta discípulos para fazerem a mesma coisa (Lc 10.1,8,9,19). Depois do dia de Pentecostes o ministério de cura divina que Jesus iniciara teve prosseguimento através da igreja primitiva como parte da sua pregação do evangelho (At 3.1-10; 4.30; 5.16; 8.7; 9.34; 14.8-10; 19.11,12 [...]).” STAMPS, Donald C. (Ed.). Bíblia de Estudo Pentecostal – Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 1.402.

[19] “Este padrão é mais claro em outro dos ramos principais do Pentecostalismo, de onde o segundo tema da santificação foi abandonado para se dar ênfase ao ‘evangelho pleno’ como ‘evangelho quadrangular’. O teólogo norte-americano Stanley Horton, das atuais Assembleias de Deus, organiza sua obra ‘Em toda a verdade’, um manual da denominação para treinamento de seus obreiros, em torno de ‘quatro ensinos fundamentais: salvação, cura, batismo no Espírito Santo e a segunda vinda de Cristo’, porque ‘estes quatro ensinos têm recebido especial ênfase e iluminação dada pelo Espírito Santo durante o presente avivamento Pentecostal’” (Grifo nosso). DAYTON, Donald. Raízes Teológicas do Pentecostalismo. Natal: Editora Carisma, 2018, p. 49. Vale ressaltar que as Assembleias de Deus no Brasil tiveram a influência dos suecos no período de 1911 a 1940. A partir de 1940, com o declínio da influência sueca e injeção de capital estadunidense para a fundação da CPAD, houve a ascensão da influência estadunidense, principalmente nas publicações teológicas.

[20] A introdução dessa doutrina na tradição assembleiana brasileira foi por intermédio do missionário estadunidense Nels Lawrence Olson com a tradução das obras de Myer Pearlman: Conhecendo as Doutrinas da Bíblia e Através da Bíblia: livro por livro. E Lawrence Olson publicou O Plano Divino através dos Séculos, que, inclusive, trazia um cartaz com a cronologia da história da humanidade segundo a Bíblia. Vários institutos bíblicos de curso básico na matéria Escatologia ensinam a visão dispensacionalista.

[21] “A palavra ‘dispensação’ encontra-se quatro vezes no Novo Testamento, em 1 Co 9.17; Ef 1.10; 3.2; e Cl 1.25. A palavra grega é ‘oikonomia’, da qual deriva-se a palavra ‘economia’, que, segundo o Dicionário Prático Ilustrado, significa a

‘boa ordem na administração, na despesa de uma casa’. Originalmente significava a mordomia ou gerência duma casa. (Em grego, casa é ‘oikos’). No uso bíblico, a ‘dispensação’ (oikonomia) representa a administração que Deus faz em Sua grande ‘casa’ universal, na qual estão afetos a Ele todas as inteligências, tanto homens como seres angelicais”. OLSON, Nels L. O Plano Divino através dos Séculos. 21.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 13.

[22] “Que Deus tem um programa estabelecido das dispensações é mostrado em muitas passagens (cf. Dt 30.1-10; Dn 2.31-45; 7.1-28; 9.24-27; Os 3.4,5; Mt 23.37-25.46; At 15.13-18; Rm 11.13-29; 2 Ts 2.1-12; Ap 2.1-22.21). Igualmente, há períodos bem definidos de tempo relacionados ao propósito divino. O apóstolo Paulo escreve a respeito do período entre Adão e Moisés (Rm 5.14); João fala da lei como dada por Moisés, mas da graça e verdade como vindas de Cristo (Jo 1.17). Cristo também fala do ‘tempo dos gentios’ (Lc 21.24), que deve ser evidentemente distinto dos ‘tempos e estações’ dos judeus (At 1.7; 1 Ts 5.1). Igualmente, Ele falou de um período até aqui não anunciado entre os dois adventos e indicou os seus aspectos distintivos (Mt 13.1-51), e predisse um tempo ainda futuro de ‘grande tribulação’ e definiu o seu caráter (Mt 24.9-31). Há os ‘últimos dias’ para Israel (Is 2.1-5), assim como ‘os últimos dias’ para a Igreja (2 Tm 3.1-5)”. CHAFER, Lewis S. Teologia Sistemática Volume 1. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 11.

[23] “O arrebatamento pré-tribulacionista descansa essencialmente na premissa maior — o método literal de interpretação das Escrituras. Como complemento necessário a isso, os pré-tribulacionistas acreditam na interpretação dispensacionalista da Palavra de Deus. A igreja e Israel são dois grupos distintos para os quais Deus tem um plano divino. A igreja é um mistério não-revelado no Antigo Testamento. Essa era de mistério presente insere-se no plano de Deus para com Israel por causa da rejeição ao Messias na Sua primeira vinda. Esse plano de mistério deve ser completado antes que Deus possa retomar seu plano com Israel e completá-lo. Tais considerações surgem do método literal de interpretação.” PENTECOST, J. Dwight. Manual de Escatologia. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 217.

[24] “Um aumento incrível de imoralidade, desrespeito e rebeldia contra Deus e abandono dos princípios morais caracterizarão os últimos dias. A perversão sexual, a fornicação, o adultério, a pornografia, as drogas, a música ímpia e as diversões sensuais multiplicar-se-ão. Será ‘como foi nos dias de Noé’ (Mt 24.37). A imaginação através dos pensamentos do coração humano será só má

continuamente. Será como nos ‘dias de Ló’ (Lc 17.28,30), isto é, homossexualismo, lesbianismo e todos os tipos de perversão sexual saturarão a sociedade. Jesus acrescenta que isto fará minguar o verdadeiro amor” (STAMPS, Donald C. (Ed.). Bíblia de Estudo Pentecostal – Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 1.437).

[25] “Milênio foi o nome dado ao período de mil anos em que Jesus reinará sobre a terra a partir da cidade de Jerusalém (Ap 20.4; cf. Jr 3.17; Zc 14.9). O Milênio virá após a ressurreição dos justos (Ap 20.4,5) e a batalha do Armagedom (Ap 19.17-21) e precederá a batalha de Gogue e Magogue (Ap 20.7-10), e a subsequente destruição e recriação do céu a da terra (Ap 21.1,2). Muitas profecias do Antigo Testamento a respeito de Israel se cumprirão durante o Milênio. Satanás ficará preso e incapacitado de tentar e enganar a humanidade (Ap 20.2,3). Portanto, o Milênio será um tempo de paz (Is 11.5-9) mesmo entre os animais (Is 65.25). As pessoas viverão mais tempo (Is 65.20), o Templo será reconstruído (Ez 40-48), a própria cidade de Jerusalém será santa (Zc 14.20,21), e o lugar onde todos os peregrinos, de todas as nações, adorarão ao Senhor (Zc 14.16-19).” ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. (Ed.). Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 1.917.

Considerações Finais

P ara tecermos nossos comentários finais e aplicarmos a boa didática do ensino cristão, é pertinente traçar um resumo da construção que fizemos até aqui. Como dissemos no início, uma teologia não nasce pronta, mas leva anos para que um desenvolvimento teológico faça parte de uma tradição. Sendo assim, em um primeiro momento, trabalhamos uma síntese histórica com a finalidade de tentarmos mapear a gênese da teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira nas suas raízes mais distantes. Do pietismo herdou-se a percepção de que a experiência cristã e os sentimentos piedosos fazem parte do cristianismo autêntico — é o que se convencionou chamar “religião do coração”. Do puritanismo herdou-se a ênfase na conversão como fator fundamental para que o indivíduo seja, de fato, membro do corpo de Cristo. Do arminianismo herdou-se o princípio da responsabilidade pessoal do crente e, por conseguinte, a ideia de que o evangelho deve ser pregado a todos indistintamente, pois Cristo morreu por todos. Do metodismo herdou-se a crença do testemunho do Espírito Santo em nosso espírito que somos filhos de Deus e a ideia de que, já nesta vida, podemos viver um perfeccionismo em amor. O período dos avivamentos na América do Norte, que culminou no Movimento de Santidade, fundamentou as bases para o Movimento Pentecostal, e este se expandiu para diversas partes, chegando ao Brasil por intermédio do italiano Luigi Francescon (São Paulo), dos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg (Pará) e do sueco Erik Jansson (Rio Grande do Sul). Já aqui no Brasil, com o passar dos anos, recebe a influência das literaturas estadunidenses e ganha identidade própria.

Em um segundo momento, analisamos o fato de que a música sempre serviu como instrumento de evangelização e doutrinamento em todas as fases da história do cristianismo. No entanto, é no período da Reforma que ocorre o incremento dos cantos em língua vernácula através de corais acompanhados de órgão. Em paralelo, na Reforma Genebrina, os salmos musicados começaram a ser usados. Estes dois estilos de músicas sacras, os corais e os salmos, vão mutuamente se influenciar e dar o tom no Protestantismo. No período dos avivamentos, ocorre uma inovação com o advento dos hinos evangelísticos utilizando melodias populares. No Brasil, os missionários do protestantismo de missão trouxeram consigo a sua hinódia, que, ao ser traduzida, fez com que

surgisse o primeiro hinário em língua portuguesa: o Salmos e Hinos. Esse foi o primeiro hinário utilizado por várias denominações, inclusive pela Assembleia de Deus. Porém, tanto os missionários do protestantismo de missão como os pentecostais suecos enfrentaram a realidade do analfabetismo na camada da população que era o seu público-alvo. Para contornar esse problema, os hinos serviram como instrumento de doutrinamento. Os pentecostais, contudo, perceberam que os hinos do hinário Salmos e Hinos não continham as ênfases doutrinárias da teologia pentecostal. Fez-se necessário a criação de uma hinódia própria, surgindo, assim, a Harpa Cristã.

Para entender a teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira expressa na Harpa Cristã, temos que olhar para os eventos ocorridos na América do Norte que culminaram no surgimento do arminianismo-wesleyano. As perspectivas teológicas dessa teologia (o amor de Deus por todos os homens pecadores; o perdão gracioso pela aceitação, mediante a fé, do sacrifício expiatório de Jesus Cristo; a expectativa da vida eterna no Reino de Deus e a vida regenerada visível na ética social) influenciaram os diversos autores de hinos sacros que escreveram as belas letras que compuseram os hinários que foram sendo elaborados. As missões estadunidenses que foram sendo estabelecidas no Brasil trouxeram consigo essa hinódia e traduziram-na para o português, e as perspectivas teológicas supracitadas serviram para lançar os fundamentos da teologia pentecostal clássica assembleiana brasileira. Os pentecostais suecos, ao observarem que a referida hinódia não contemplava as ênfases da doutrina pentecostal, traduziram cantos da sua hinódia e, com a ajuda de brasileiros talentosos, compuseram e elaboraram versões “pentecostalizadas” de hinos já consagrados.

Em um terceiro momento, analisamos a teologia pentecostal expressa nos hinos da Harpa Cristã sob três perspectivas: (1) ênfases teológicas comuns a todo protestantismo, (2) ênfases da teologia armínio-wesleyana e (3) ênfases teológicas pentecostais. É necessário ressaltar que o pentecostalismo brasileiro é diferente do estadunidense, pois este já começou institucionalizado e, logo de início, estabeleceu institutos bíblicos. No Brasil, por muitos anos, houve uma relutância em relação ao ensino teológico formal. A ênfase era que as pessoas fossem “cheias de poder” e que o Espírito Santo daria a direção. O máximo que foi feito na área do ensino foi a realização de escolas bíblicas e escolas de obreiros que ensinavam a teologia pentecostal. Todavia, um dos instrumentos de propagação da teologia pentecostal clássica na tradição assembleiana foi a hinódia da Harpa Cristã, visto que as pessoas cantavam e aprendiam. Mesmo que

não soubessem ler, decoravam a letra do hino e, de forma lúdica, aprendiam a teologia pentecostal clássica.

Por fim, na aurora do centenário de nosso glorioso hinário, rendemos as devidas homenagens àqueles que inspiradamente escreveram, traduziram e adaptaram as canções que se perpetuam até hoje alegrando, consolando e motivando crentes de todas as idades; afinal, “os mais belos hinos e poesias, foram escritos em tribulação” (HC 126). Não podíamos deixar de mencionar com destaque o labor do pastor Paulo Leivas Macalão, que, segundo consta nos anais da história, dedicou dois anos de oração e trabalho para, no ano de 1941, entregar ao povo assembleiano de todo o Brasil os 524 hinos (sendo que 246 destes levam as suas iniciais) revisados tanto musical como teologicamente. Resta para nós, crentes assembleianos e pentecostais dos mais diversos segmentos que utilizam a Harpa Cristã como hinário, perpetuarmos esse legado de fé cantando com fervor as doutrinas do pentecostalismo clássico brasileiro até o dia da volta de Jesus Cristo.

“Mas, de Cristo se ouviu

Que de Deus, a voz saiu,

P’ra voltarem da escravidão.

Queiras isto aceitar,

Com a harpa vem cantar,

E, assim, volta p’ra Sião.”

(HC 137)

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Gedeon Freire de. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911–1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911–2011. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.

ALLEN, David. A Expiação: um estudo bíblico-teológico e histórico da cruz de Cristo. Natal: Editora Carisma, 2020.

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. (Ed.). Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

BARTLEMAN, Frank. A História do Avivamento Azusa. Campinas: D'Sena Editora, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada (NAA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BRUNELLI, Walter. Teologia para Pentecostais: Uma Teologia Sistemática Expandida — Volume 4. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2016.

CAIRNS, Earle Edwin. O Cristianismo através dos Séculos: uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMPOS, Bernardo. Hermenêutica do Espírito – uma proposta para uma hermenêutica pentecostal. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

_____. La Reforma Radical y Las Raices del Pentecostalismo – de la Reforma Protestante a la pentecostalidad de la iglesia. Salem Oregón, EUA: Publicaciones Kerigma, 2017.

CARVALHO, César Moisés. Pentecostalismo e Pós-modernidade – quando a experiência sobrepõe-se à Teologia. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CHAFER, Lewis S. Teologia Sistemática Volume 1. São Paulo: Hagnos, 2003.

CHAMPLIN, Russel Norman. O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2014.

CHOWN, Gordon. (Ed.). João Wesley, sua vida e obra. São Paulo: Editora Vida, 1997.

COLLINS, Kenneth J. Teologia de John Wesley: o amor santo e a forma da graça. Rio de janeiro: CPAD, 2010.

CONDE, Emílio. História das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

COUTO, Vinícius. Introdução à Teologia Armínio Wesleyana. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.

_____. Em Favor do Arminianismo-Wesleyano – um estudo bíblico, teológico e exegético de sua relavância na contemporaneidade. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

_____. Quadrilátero Wesleyano como Método Teológico e Hermenêutico: revisão, adaptação e renovação. São Paulo: Editora Reflexão, 2019.

DANIEL, Silas. A História dos Hinos que Amamos. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

DAYTON, Donald. Raízes Teológicas do Pentecostalismo. Natal: Editora Carisma, 2018.

ELWELL, Walter A. (Ed.). Enciclopédia Histórico-Teológicada Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

FERNANDES BRAGA, Henriqueta Rosa. Música Sacra Evangélica no Brasil. Rio de Janeiro: Kosmos Editora, 1961.

FERREIRA, Ismael de V. Neopentecostalização do Pentecostalismo Clássico: mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FILHO, Fernando B. (Org.). Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo: ASTE, 2008.

FINNEY, Charles G. Teologia Sistemática. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

GILBERTO, Antonio. (Ed.). Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GONZÁLEZ, Justo L. Breve Dicionário de Teologia. São Paulo: Hagnos, 2009.

GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. História da Música Ocidental. Lisboa, POR: Gradiva Publicações, 2007.

HARPA CRISTÃ. 47.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

HARPA CRISTÃ 90 ANOS EDIÇÃO COMEMORATIVA. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

HORTON, Stanley M. (Org.). Teologia Sistemática – uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HYATT, Eddie L. 2.000 Anos de Cristianismo Carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal. Natal: Editora Carisma, 2018.

KEENER, Craig S. A Hermenêutica do Espírito – lendo as Escrituras à luz do Pentecostes. São Paulo: Edições Vida Nova, 2018.

LATOURETTE, Kenneth Scott. Uma História do Cristianismo: Volume II. São Paulo: Hagnos, 2006.

MACALÃO, Zélia Brito. Traços da Vida de Paulo Leivas Macalão. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

MCALISTER, Robert. Dinheiro, um Assunto altamente Espiritual. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2010.

MCGEE, Gary B. (Ed.). Evidência Inicial – perspectivas históricas e bíblicas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo. Natal: Editora Carisma, 2017.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir – a inserção do protestantismo

no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. Introdução ao Protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENZIES, Robert P. Pentecostes: essa história é a nossa história. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. Doutrinas Bíblicas – os fundamentos da nossa fé. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

MORAES, Isael de Araujo de. 100 Acontecimentos que Marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

_____. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

_____. História do Movimento Pentecostal no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

NASELLI, Andrew; SNOEBERGER, Mark. (Ed.). A Extensão da Expiação em Debate: 3 perspectivas. Natal: Editora Carisma, 2019.

OLSON, Nels L. O Plano Divino através dos Séculos. 21.ed. Rio de Janeiro:

CPAD, 2001.

OLSON, Roger E. História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PARHAM, Charles Fox. Uma Voz Clamando no Deserto. São Paulo: Editora Reflexão, 2020.

PEARLMAN, Myer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. São Paulo: Editora Vida, 2003.

PENTECOST, J. Dwight. Manual de Escatologia. São Paulo: Editora Vida, 2006.

PIEDRA, Arturo. Evangelização Protestante na América Latina – Volume 1 e 2. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e Escrita na Teologia Pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. Protestantismo em revista, São Leopoldo: Faculdades EST, v. 24, jan.-abr., pp. 117-133, 2011.

RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e Cultura Brasileira – aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editorial Presbiteriana, 1981.

ROCHA, João Gomes da (Ed.). Salmos e Hinos com Músicas Sacras. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.

RUTHVEN, Jon Mark. Sobre a Cessação dos Charismata: a polêmica cessacionista dos milagres pós-bíblicos. Natal: Editora Carisma, 2017.

SAWYER, M. James. Uma Introdução à Teologia – das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: Editora Vida, 2016.

SOARES, Ezequias. (Org.). Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. Harpa Cristã – instrumento da expansão pentecostal no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

STAMPS, Donald C. (Ed.). Bíblia de Estudo Pentecostal – Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

SYNAN, Vinson. O Século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Ed. Vida, 2009.

VALÉRIO, Samuel Pereira. Uma Nova Origem do Pentecostalismo: a trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

_____. Pentecostalismo de Migração: terceira entrada do pentecostalismo no Brasil. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, PUC-SP, São Paulo, 2013.

VINGREN, Ivar. Diário do Pioneiro Gunnar Vingren. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

_____. (Ed.). Despertamento Apostólico no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

WALKER, W. História da Igreja Cristã. 3.ed. São Paulo: ASTE, 2006.

WESLEY, John. Explicação Clara da Perfeição Cristã. São Paulo: Imprensa Metodista, 1984.

WIERSBE. Warren W. Comentário Bíblico Expositivo – Novo Testamento Volume 1. Santo André: Geográfica Editora, 2007.

WYNKOOP, Mildred Bangs. Fundamentos da Teologia Armínio Wesleyana. Campinas: Casa Nazarena Publicações, 2004.

TEOLOGIA PENTECOSTAL **NA HARPA CRISTÃ**

"A melhor maneira de conhecer a crença de um grupo é pesquisando as suas músicas". Na aurora do centenário de nosso glorioso hinário, rendemos as devidas homenagens àqueles que de forma inspirada escreveram, traduziram e adaptaram as canções que se perpetuam até hoje alegrando, consolando e motivando crentes de todas as idades; afinal, "os mais belos hinos e poesias, foram escritos em tribulação" (HC 126). Não podíamos deixar de mencionar com destaque o labor do Pastor Paulo Leivas Macalão, que, segundo consta nos anais da história, dedicou dois anos de oração e trabalho para, no ano de 1914, entregar ao povo assembleiano de todo o Brasil os 524 hinos (sendo que 246 levam as suas iniciais) revisados tanto musicalmente como teologicamente. Resta para nós, crentes assembleianos e pentecostais dos mais diversos segmentos que utilizam a *Harpa Cristã* como hinário, perpetuamos este legado de fé cantando com fervor as doutrinas do Pentecostalismo Clássico Brasileiro até o dia da volta de Jesus Cristo.

"*Mas, de Cristo se ouviu*
Que de Deus, a voz saiu,
P'ra voltarem da escravidão.
Queiras isto aceitar,
Com a harpa vem cantar,
E, assim, volta p'ra Sião."

(HC 137)

CPAD
cpad.com.br
CPADvideo
editoraCPAD
editora_cpad
EditoraCPAD
ISBN 978-65-5968-126-6
7 908234 012291